

Alenice Maria dos Santos Andrade

SURFISTAS DE CRISTO

Um estudo da sociabilidade juvenil

São Paulo
Faculdade de Educação da USP
2005

Alenice Maria dos Santos Andrade

SURFISTAS DE CRISTO

Um estudo da sociabilidade juvenil

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação

Área Temática: Sociologia da Educação

Orientadora: Profa. Dra. Marília Pontes Sposito

São Paulo
Faculdade de Educação da USP
2005

Dissertação de Mestrado defendida em _____ de _____ de 2005.

Banca Examinadora:

Prof^a. Doutora Marilia Pontes Sposito – Orientadora

Prof^a. Doutora Maria da Graça Jacintho Setton

Prof. Doutor Paulo César Rodrigues Carrano

Prof^a. Doutora Marília Pinto de Carvalho

Aos meus amores Pedro, Israel e Marcelo.

Para minha mãe, Benedita, pelo exemplo de força, carinho e determinação diante dos obstáculos da vida.

Para meu amigo Marcelo F. Almeida, o Sonho, com apreço intelectual, um jovem que se foi, mas que continua em meu coração.

*“Antes de prosseguir em meu caminho e lançar o meu olhar para a frente uma vez
mais, elevo, só, minhas mãos a Ti, na direção de quem eu fujo.*

*A Ti, das profundezas de meu coração, tenho dedicado altares festivos para que,
em cada momento, Tua voz me pudesse chamar.*

Sobre esses altares estão gravadas em fogo estas palavras:

“Ao Deus desconhecido”.

Seu, sou eu, embora até o presente tenha me associado aos sacrílegos.

Seu, sou eu, não obstante os laços que me puxam para o abismo.

Mesmo querendo fugir, sinto-me forçado a servi-Lo.

Eu quero Te conhecer, desconhecido.

Tu, que me penetras a alma e, qual turbilhão, invades a minha vida.

*Tu, o incompreensível, mas meu semelhante, quero Te conhecer, quero servir só a
Ti.*

(Friedrich Nietzsche, tradução de Leonardo Boff)

AGRADECIMENTOS

A Deus, em quem creio.

A vocês, jovens da Surfistas de Cristo, que se dispuseram a colaborar com o desenvolvimento desta pesquisa, e muito mais do que isso, a curiosidade em saber mais sobre vocês mesmos, sempre me questionando, me visitando, foram de grande incentivo.

À minha orientadora, Prof^a. Dra. Marília Sposito, pelo seu profissionalismo e dedicação naquilo que faz. Sua paciência e compreensão foram fundamentais para a concretização deste trabalho.

Aos professores da FEUSP, em especial ao Prof. Dr. Celso Beisegel e Profa. Dra. Marília Pinto de Carvalho.

Aos professores Dr. Juarez Dayrell, Dra. Maria da Graça Setton, por terem aceito compor a banca para a qualificação, contribuindo com importantes sugestões na elaboração desse trabalho.

Aos professores da banca de defesa dessa dissertação, Prof. Dr. Paulo César Carrano e Profa. Maria da Graça Setton, desde já agradeço a disposição pelo aceite do convite.

Ao amigo Israel, pelo seu carinho, apoio, disponibilidade e contribuições.

A Eunice e Mirela, que se revelaram grandes amigas contribuindo para a concretização deste trabalho.

Ao pessoal do “Genésio”, especialmente Helena, pela sua compreensão e Fátima Regina, grande incentivadora.

À Vera, Raunith, Emerson e Elenir.

À Paula Vanessa.

E especialmente, a minha mãe, colaborando integralmente para que eu pudesse me dedicar ao máximo.

Ao meu marido Marcelo, pela paciência.

Aos meus filhos Israel e Pedro, pela inspiração que me proporcionam.

RESUMO

Trata-se de um trabalho de campo, realizado com um grupo de jovens evangélicos, em uma cidade do litoral paulista. A partir do espaço em que se inserem buscamos conhecer e compreender a forma como vivem e elaboram suas experiências e de que forma estas contribuem para construção desses indivíduos enquanto sujeitos individuais e coletivos mediante os processos de socialização e sociabilidade aos quais estão expostos. Ao desvendarmos os espaços sociais ocupados pelas culturas juvenis é possível compreender e compartilhar o sentido cultural de suas práticas sociais, os caminhos que percorrem, as direções que apontam, o que revelam e como compreendem a realidade onde se inserem.

Unitermos: Juventude, Culturas Juvenis, Socialização, Sociabilidade, Identidade, Neopentecostalismo, protestantismo

ABSTRACT

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – JUVENTUDE E RELIGIÃO: SOCIALIZAÇÃO E SOCIABILIDADE.....	16
1.0 A categoria Juventude.....	16
2.0 Grupos de estilo: pertencimento e identificação.....	19
3.0 Socialização e sociabilidade.....	23
<i>A construção de um habitus.....</i>	<i>26</i>
4.0 Novas configurações na relação entre jovens e religião.....	29
CAPÍTULO II – A IGREJA SURFISTAS DE CRISTO.....	37
1.0 Protestantismo histórico.....	37
2.0 Protestantismo pentecostal.....	40
3.0 Protestantismo pentecostal brasileiro.....	41
a. <i>Pentecostalismo Clássico.....</i>	<i>42</i>
b. <i>Deuteropentecostalismo.....</i>	<i>43</i>
c. <i>Neopentecostalismo.....</i>	<i>46</i>
4.0 A Igreja Surfistas de Cristo.....	48
Breve histórico.....	48
A construção da sede.....	52
Formas de ocupação do espaço.....	53
5.0 Rituais.....	55
<i>Música.....</i>	<i>56.</i>
<i>Culto.....</i>	<i>57</i>
<i>Batismo e Santa Ceia.....</i>	<i>60</i>
<i>Práticas de lazer.....</i>	<i>62</i>
<i>Algumas particularidades do estilo surfista.....</i>	<i>62.</i>
6.0 Crise e Ruptura.....	66
CAPÍTULO III – ENTRADA PARA IGREJA.....	70
1.0 O discipulado: Introdução aos grupos.....	70
2.0 Novo espaço, novas experiências.....	73
3.0 Atividades práticas de lazer: Sociabilidade.....	78
5.0 Mudanças de percepção: o lazer antes e depois do grupo.....	82
Ritmo e Palavra:A música como instrumento da mensagem divina.....	84
6.0 Namoro e sexo.....	87
<i>Aborto e homossexualismo.....</i>	<i>92</i>
<i>Drogas, bah!.....</i>	<i>93</i>
CAPÍTULO IV – OS JOVENS DA IGREJA.....	95
1.0 “Novo” nascimento, “nova” criatura.....	95
2.0 Vida religiosa.....	95

3.0 Ser jovem e cristão.....	104
4.0 Concepções de gênero.....	108
5.0 Casamento e constituição de família.....	112
7.0 Religião e Trabalho.....	114
8.0 Religião e escola.....	117
9.0 Participação política.....	121

CAPÍTULO V – OSCILAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE...124

1.0 A crise	124
2.0 A Surfistas depois da crise.....	126
3.0 Os jovens que migram para outra igreja.....	128
4.0 Os jovens que “renunciam” à vida religiosa.....	132

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....144

BIBLIOGRAFIA.....148

ANEXOS

APRESENTAÇÃO

Esta dissertação não é um trabalho sobre religião. Trata-se de uma reflexão sobre a elaboração subjetiva da identidade de jovens evangélicos, como se vêem e como querem ser vistos pelo mundo, uma leitura de como interpretam e lidam com suas experiências no processo de construção social de suas identidades.

O meu interesse sobre os jovens evangélicos teve origem em 2001, quando, participei como aluna especial da disciplina oferecida pela Prof. Dra. Marília Pontes Sposito, na Faculdade de Educação da USP. Durante o decorrer do curso fomos levados a discutir e refletir sobre o universo dos jovens, o modo como diferentes culturas juvenis vivem e elaboram suas experiências, as diferentes formas de construção da sociabilidade e atuação. No entanto, essas abordagens são apontadas como muito recentes no campo acadêmico, pois até bem pouco tempo a maioria das reflexões em torno da juventude se pautava a discutir não propriamente os jovens e suas formas de atuação, mas sim:

“Os sistemas e instituições presentes na vida destes jovens (notadamente as instituições escolares, ou a família, ou ainda os sistemas jurídicos e penais, no caso de adolescentes em situação ‘anormal’ ou de risco), ou mesmo as estruturas sociais que conformam tais situações ‘problemáticas’ para os jovens, poucas delas enfocando o modo como os próprios jovens vivem e elaboram essas situações” (ABRAMO, 1997, p. 25).

Por ser um campo de estudos ainda recente, há grandes lacunas a serem preenchidas. Dentre essas lacunas está o tema da participação religiosa dos jovens na sociedade brasileira. Mediante o enfraquecimento do catolicismo, novas formas de adesão religiosa têm emergido e se disseminado nos últimos anos. A novidade nesse movimento reside no fato da religião se revelar muito mais como um fator de escolha do que propriamente um valor transmitido de geração a geração.

Os evangélicos caracterizam bem essas mudanças. Por ter sido um dos grupos religiosos que demonstrou um crescimento acentuado nas últimas duas décadas, tem chamado a atenção da sociedade as formas de atuação e participação desses jovens:

“Quem chega à reunião religiosa logo após o seu começo, numa noite de uma quinta, tem a impressão de que se trata de um show de *rock*. O público é jovem e bonito. Percebe-se que se trata de uma cerimônia evangélica quando se presta atenção à letra da música exibida no telão. Os fiéis cantam em um semi – êxtase – alguns se abraçam fraternalmente.

O imóvel em Perdizes, um dos bairros com os melhores indicadores sociais de São Paulo, já abrigou um cinema, uma casa noturna e, depois, um bingo. Hoje é a sede da

Bola de Neve Church. O seu nome vem da inspiração de que é uma obra que deve crescer – tem hoje cerca de 5.000 adeptos em cidades – e praias – do país.

Ao final da música, as luzes iluminam o púlpito, encimado por uma prancha de *long-board* – grande parte dos pastores é surfista. O fundador da igreja se dirige aos fiéis com uma linguagem fácil, como numa conversa entre amigos.

(...) Na visão do fundador da Bola de Neve, o crescimento das igrejas evangélicas é uma resposta ao crescimento da violência, do uso de drogas e da miséria. Nesse contexto, a sede de se aproximar do bem seria proporcional.

A igreja é liberal com relação à vestimenta. São permitidas tatuagens. É exigente em relação a outros aspectos: cigarro e bebidas alcoólicas são proibidas. E os corpos sarados só estão liberados para o sexo após o casamento”¹.

Esta matéria exemplifica a atração que os grupos religiosos neopentecostais tem exercido em relação aos jovens, um fenômeno que tem se tornado crescente em nossa sociedade. Diante dessa realidade, o desafio ao qual nos propomos consiste em conhecer e compreender quem são esses jovens, os significados atribuídos às suas experiências, a leitura que faz de sua realidade.

Com este objetivo, escolhemos uma igreja evangélica que permitisse uma maior abertura aos jovens, excluindo-se, portanto, igrejas tradicionais, conservadoras. A “Surfistas de Cristo (SC)”, igreja localizada em uma cidade do litoral paulista, revelou-se o lugar ideal para a realização da pesquisa, pois mais do que uma igreja evangélica, situa-se como um “espaço alternativo” voltado especificamente para os jovens. Seu público é constituído por garotos e garotas, a maioria surfistas, que em torno de muita música, principalmente o rock e o reggae, demonstram novas formas de agregação social.

A cidade em que se localiza a SC, é marcada pela desigualdade na distribuição de renda e das oportunidades de inclusão econômica e social. No Estado de São Paulo, é considerada entre as de maior índice de baixa renda, isto é, de famílias com renda familiar *per capita* inferior ao nível mínimo necessário para satisfazer suas necessidades básicas. O fluxo migratório de pessoas vindas do Nordeste é constante, fazendo surgir loteamentos clandestinos, bairros que surgem da noite para o dia, aumentando os índices de desemprego. Por outro lado, a cidade é conhecida pela beleza de suas praias, pontos turísticos localizados em bairros nobres da cidade, que transparecem como cartão postal para seus visitantes, ocultando os quadros de pobreza. Com exceção da orla da praia e de um bairro classe média, a maior parte dos lugares é de característica suburbana (bairros mais simples, núcleos habitacionais e um grande número de favelas).

¹ Jornal “Folha de S. Paulo, domingo, 14 de dezembro de 2003, p. C3.

Nesse contexto os jovens, grupo populacional especialmente vulnerável às demandas políticas, criam novas formas de inserção social, em torno de espaços e temas alternativos, evidenciando novas possibilidades. Grupos religiosos, como a SC, têm se revelado como uma alternativa, pois além de propiciar o “alimento espiritual”, mostra-se também preocupada com o aspecto social que envolve seus frequentadores, implementando cursos de todos os gêneros. Além da tradicional “escolinha de surf” proporciona também, aulas de instrumentos musicais, canto, teatro, capoeira, caratê, *street dance* e outros, inserindo o jovem em um universo cultural mais amplo, ampliando suas possibilidades.

A igreja é dirigida pelo pastor, mentor e fundador do grupo, a quem os jovens costumam tratar pelo primeiro nome, demonstrando a informalidade que envolve as relações pessoais do grupo. Há um clima de “receptividade” que parece atingir a todos no local, deixando-nos com a sensação de que somos “velhos conhecidos”, o que facilitou nossa aproximação. Nosso primeiro contato foi com a pessoa de Paulo, o pastor, que permitiu a realização da pesquisa.

Nossas visitas, desde então, se tornaram regulares. Registrávamos todos os eventos em um caderno de campo, descrevendo a interação entre os jovens e as atividades desenvolvidas entre eles, isto é, as relações estabelecidas entre os líderes e os grupos e entre os próprios integrantes. Participamos de cultos, escola dominical, festas, aulas de caratê, teatro, ensaio da banda da igreja, discipulado e outros, que aos poucos nos proporcionaram uma maior interação na igreja.

Todos demonstraram muito interesse pelo trabalho, que, afinal, interessava-se em revelá-los enquanto sujeitos de suas ações. Durante o percurso da pesquisa conhecemos muitas pessoas, jovens e não jovens, pelos quais nos afeiçoamos, um elo de amizade sempre presente e, recorrente, principalmente nos momentos de dúvidas decorrentes das análises.

Neste sentido, nos inspiramos em Pierre Bourdieu (1989), no sentido de refletir sobre nossa prática, de entender a pesquisa como uma “relação social de troca” e tentar “perceber e controlar os efeitos da estrutura social” presentes na pesquisa, especialmente no sentido de tentar “excluir a intenção de exercer qualquer forma de violência simbólica”.

Optamos por utilizar uma metodologia de cunho qualitativo, recorrendo a explicitação de diversos “traços de vida”. Como ressaltou Pais: “E nessas inscrições ou

traços de vida não são apenas importantes os aspectos repetitivos ou harmônicos. Porque a vida não é apenas duração mas também descontinuidade de atos, é necessário não desprezar a singularidade, o pormenor, o acidental – traços espontâneos e esporádicos que coloram o cotidiano dos jovens” (PAIS, 2000, p. 13). Outro ponto ressaltado pelo autor, e revelou-se fundamental para acompanharmos os processos de mudança, os “acidentes” de percurso, foi a de mantermos uma atitude sociológica de expectativa, de abertura preponderantemente receptiva.

Seguindo as orientações de PAIS (2000), nossa análise procurou privilegiar tanto os aspectos objetivos, ou seja, os estatutos sociais, posições ocupadas, ascendências familiares, papéis culturais herdados que nos permitiram compreender, sobretudo, os pontos que expressavam disposições a determinados comportamentos. Por outro lado, os aspectos subjetivos permitiram uma aproximação qualitativa à construção dos referenciais de vida, a partir de suas realidades, procurando compreender as suas ações a partir da diversidade das experiências experimentadas no espaço em que estão inseridos, de forma a contextualizar suas práticas a partir dos modelos que os orientam.

Com essa finalidade, utilizamos entrevistas abertas, com roteiros² preestabelecidos, mas flexíveis. Esse tipo de entrevista revelou-se muito útil, pois nos proporciona total liberdade para explorarmos o não previsto, ou seja, aquilo que sai do roteiro, das coordenadas. Por este motivo as entrevistas foram longas, cerca de duas horas e meia por entrevistado.

Ao todo realizamos dezessete entrevistas individuais³, sendo treze em uma primeira etapa, incluindo a entrevista com o pastor, e devido à crise ocorrida na igreja, mais quatro⁴ na segunda, além de um grupo focal de discussão. Além das entrevistas acompanhamos alguns dos jovens mais assiduamente, não só no espaço da igreja, mas também cotidianamente, visitando suas casas, indo à praia, conhecendo seus pais, enfim, foi possível confrontar suas vivências, sensações e motivações, que pudessem eventualmente ter escapado durante as entrevistas. A necessidade de uma “segunda etapa” de entrevistas ocorreu devido a um incidente que provocou uma dissolução do grupo, levando-os a percorrer novos caminhos. Nosso interesse consistiu em analisar as repercussões dos

² Cf. anexos.

³ O perfil dos entrevistados encontra-se nos anexos.

⁴ Incluindo um jovem já entrevistado na primeira etapa.

efeitos provocados pela destituição do espaço, enquanto dimensão simbólica, na constituição do grupo.

No primeiro capítulo, apontamos alguns dos elementos teóricos que nos subsidiaram, pois, para falar de juventude precisamos de um ponto de partida, uma definição, um conceito, visto que esta categoria, *juventude*, implica em uma série de dificuldades, devido à multiplicidade de abordagens e à amplitude do tema.

No segundo capítulo, procuramos compreender o fenômeno do surgimento das novas igrejas, derivadas dos sucessivos desdobramentos pelos quais passou o protestantismo. É neste capítulo também que descrevemos a Igreja Surfistas de Cristo, desde seu surgimento, definindo suas propostas e estratégias na conquista de fiéis, ou seja, os jovens. Descrevo os ritos, a forma que a Igreja se posiciona frente às suas concorrentes, a forma como se define em relação ao campo religioso.

No terceiro capítulo, examinamos as formas de ingresso no grupo, os elementos que despertam a atenção do jovem em um primeiro momento e os que determinam sua permanência. Analisamos também os espaços destinados à construção da sociabilidade, das relações desenvolvidas entre e no interior dos grupos, os espaços destinados a construção da sociabilidade.

No quarto capítulo analisamos os aspectos socializantes, ou seja, os espaços destinados a “doutrinação” dos jovens, a formação do *habitus* religioso e quais as, possíveis, mudanças identificadas no decorrer desse processo. Cabe lembrar que as igrejas derivadas do protestantismo possuem um caráter marcadamente “educativo”, socializador, transmitindo valores, modelos de conduta que tendem a orientar a vida de seus fiéis.

No quinto capítulo tentamos compreender em que medida as mudanças, impulsionadas por uma crise interna, que repercute na desagregação dos jovens da igreja, espaço este que lhes conferia uma identidade, uma forma de ser e estar no mundo, uma diferenciação em relação a outros grupos. Analisamos, portanto as discontinuidades operadas a partir desses momentos críticos, quando o jovem se vê “fora” da igreja.

Ressalto desde já, que não cabe neste trabalho um julgamento dos jovens em questão, mas sim, uma consideração de suas experiências, suas percepções, formas de sociabilidade e atuação no espaço social, considerando-os em sua totalidade e integridade.

CAPÍTULO I

JUVENTUDE E RELIGIÃO: SOCIALIZAÇÃO E SOCIABILIDADE

1.0 - A categoria juventude

Após levantamento realizado por Sposito (1997) sobre as pesquisas existentes no Brasil em torno da juventude, tornou-se evidente, do ponto de vista da academia, o quanto este tema foi deixado de lado. De todas as pesquisas realizadas no período compreendido entre 1980 a 1995, somente 4% se dedicam ao jovem. Deste montante, os temas abordados giram em torno das instituições voltadas para o processo educativo (44,8%), aspectos psico-sociais (20,4%), a relação entre trabalho e educação (17,2%) e apenas 2% se voltam sobre os grupos juvenis e formas de sociabilidade coletiva.

A própria definição da categoria juventude é apontada por Sposito (1997) como um dos fatores limitantes para a fraca penetração no âmbito da pesquisa educacional dos estudos sobre juventude. Dentre os diversos enfoques, sobressaem os trabalhos que consideram a juventude como um conjunto social derivado de uma determinada fase de vida, com ênfase nos aspectos geracionais. Para outros, a temática estaria subsumida no interior de outras dimensões da vida social, definida a partir de universos mais amplos e diversificados, sobretudo aqueles derivados das diferentes situações de classe, como salientou Pais (1990:22). Segundo este autor, ao discutirmos a temática da juventude transitamos desde uma visão mais simplista – na qual o jovem é visto e caracterizado como pertencente a uma faixa etária na qual está circunscrito o grupo social da juventude, povoado por indivíduos pertencentes à mesma fase de vida e homogêneo, - a visões que contemplam tanto as similitudes geracionais, diferenças individuais, de gênero, sócio-econômicas, étnicas, psicológicas, ou seja, uma multiplicidade de modos de ser e pensar, estilos de vida e comportamentos diversos, a partir dos quais, a categoria juventude é contemplada (PAIS, 1990).

Para Lagree (1996), 1981 é considerado um marco na retomada dos estudos que compreendem a sociologia da juventude na Europa, pois até a década de 1970, a maioria dos estudos sobre a questão das gerações se confundiu com aqueles que tratavam dos jovens. O interesse no curso dos anos 50 pelas pesquisas antropológicas sobre as sociedades organizadas, segundo o sistema de classes de idade, alimentou o desejo de encontrar uma explicação para a formação de bandos de jovens e adolescentes que amedrontavam a sociedade de adultos no ocidente urbano e industrializado.

As reflexões sobre a juventude passam a ser abordada pelas teorias de ciclo de vida ou curso de vida que foram desenvolvidas e integradas à questão da velhice. A transição para o mundo adulto passa a vincular-se diretamente com a problemática das gerações que reaparece no campo da sociologia da juventude, recolocando a problemática da integração.

Neste contexto, o conceito de juventude aparece socialmente dividido, podendo tanto ser tomado como um conjunto social, cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase de vida, definida em termos etários, como também pode ser tomada como um conjunto social, cujo principal atributo é o de ser constituído por jovens em situações sociais diferentes entre si.

Ou seja, durante muito tempo só foram considerados efetivamente “jovens” (como condição social, para além da definição meramente etária) aqueles que podiam viver um momento de suspensão ou retardamento da entrada em vários âmbitos da vida social, como trabalho, as obrigações e compromissos familiares, econômicos e civis, ou seja:

“(…)Quase exclusivamente, portanto, os jovens das classes médias e altas, caracterizados principalmente por sua condição de estudante. Os jovens das classes populares, tendo de trabalhar e interrompendo os estudos muito cedo, ou a eles nem tendo acesso, ficaram excluídos dessa construção, como se vivessem a juventude em negativo” (VENTURI E ABRAMO, 2000, p. 03).

Por outro lado, segundo estes autores “a concepção de jovens comparados às gerações anteriores, dos anos 60 e 70 (sempre lembradas miticamente, como se em sua totalidade tivessem se envolvido nas mobilizações por mudanças), os jovens de hoje parecem estar no pólo oposto do compromisso político e da postura rebelde e revolucionária” (VENTURI E ABRAMO, 2000).

Para Pais (1993), o desafio com o qual temos de nos defrontar é o da desconstrução sociológica de alguns aspectos da construção social (ideológica) da juventude que, em forma de mito, nos é dada como uma entidade homogênea. A realidade nos mostra através das diversas culturas juvenis existentes, que esta é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas, portanto, uma categoria sujeita a modificar-se ao longo do tempo. Para tanto, propõe um exercício que consiste em olhar a juventude em torno de dois eixos semânticos. Primeiro, como uma aparente unidade (quando referida a uma fase de vida) e, segundo: como diversidade (quando estão em jogo diferentes atributos sociais que fazem distinguir os jovens uns dos outros), pois para ele, quando falamos dos jovens em sua diversidade,

estamos falando de jovens de classes médias, jovens operários, jovens rurais ou urbanos, jovens estudantes ou trabalhadores, jovens solteiros ou casados, ou seja, estamos falando de juventudes completamente diferentes do conceito de juventude referida a uma fase de vida, que nos remete diretamente à imagem de outras fases de vida, tomada como uma simples categoria confinada a um agregado de idades. Ou seja, ao retomarmos as trajetórias dos jovens e seus percursos de transição, somos obrigados a considerar a juventude na sua diversidade (PAIS, 1993). Desta forma, abre-se um vasto campo de possibilidades de análises, dentre as quais, a de poder analisar o jovem através de aspectos pertinentes ao seu cotidiano, das culturas juvenis.

O grupo de jovens oferece papéis, modos de condutas, contribuindo para a socialização. Notadamente, para a socialização sexual, dando as regras dos jogos amorosos, das colocações em cena de si, como constata Dubet (1996). É através de seus pares que os jovens constroem para si modelos de identificação e diferenciação, caracterizados por formas de relacionamento, linguagens, estilos e regras específicas, determinando a capacidade de reconhecer-se e fazer-se reconhecido nesta dinâmica social, distinguindo-se pelas suas muitas maneiras de ser e existir nos diferentes tempos e espaços sociais, abrindo um vasto campo de possibilidade da capacidade individual em universos culturais distintos.

Ao discutir sobre a tematização social da juventude no Brasil, Abramo (1997, p. 25) destaca o crescimento de estudos desenvolvidos sobre o tema nas universidades e a atenção conferida aos jovens nos últimos anos por parte dos meios de comunicação de massa, das instituições governamentais e não governamentais.

Assim, como outros pesquisadores desta temática, Abramo (1997) acredita que a juventude não deve ser pensada como um grupo homogêneo, no qual se inscrevem todos os jovens. Pelo contrário, para ser compreendida, deve-se levar em consideração os vários grupos nos quais se articulam identidades de orientação de condutas e elaboração de projetos individuais e coletivos, através dos espaços de sociabilidade nos quais o jovem se produz e são produzidos em torno de interesses comuns. Ao se privilegiar o jovem em suas muitas maneiras de existir e estar no mundo revela-nos uma infinidade de culturas juvenis, uma heterogeneidade que se estende para dentro dos próprios grupos.

Para esta autora, a década de 90 presenciou um significativo avanço nos estudos sobre jovens, tanto nas Ciências Sociais quanto na Educação e áreas afins, embora constata

que grande parte destas pesquisas se destine a discutir os jovens através dos sistemas institucionais, como a escola, a família, o trabalho ou dos sistemas jurídicos e penais, estruturas sociais que conformam situações “problemáticas” para os jovens. Ainda são poucas as pesquisas que enfocam o modo como os próprios jovens elaboram e constroem suas experiências, como vêem a si mesmos e como querem ser vistos.

Os enfoques negativistas, em que os jovens são encarados muito mais como um problema social do que propriamente um problema sociológico, repercutem em meio às comunicações de massa, alardeando imagens e veiculando textos nos quais juventude, violência e pobreza associam-se, criando no imaginário social o estigma de que o jovem é quem produz tal marca. E, por conseguinte, os jovens são destacados como violentos (CASTRO, 2002).

“Por um lado, posto que a maioria deles não tem condições de se ver livre de obrigações e compromissos de ordem econômica e familiar, estando longe de ter sua vida centrada no estudo, ao tentar levantar os temas que afetariam a juventude brasileira hoje, o primeiro enfoque pouco consegue se desprender da imagem do “anti-jovem”: os dramas, os riscos e desvios tomam o primeiro plano da caracterização, cunhando a imagem de um jovem ora como vítima, ora como produtor de gravíssimos problemas sociais – as drogas, o crime, a prostituição, a gravidez precoce, a violência das gangues etc.” (VENTURI E ABRAMO, 2000).

Esta tem sido uma preocupação que tem levado muitos pesquisadores a penetrar em territórios até então desconhecidos. Ao desvendar os espaços sociais ocupados pelas culturas juvenis é possível compreender e compartilhar o sentido cultural de suas práticas sociais, os caminhos que percorrem, a direção que apontam, o que revelam enquanto compreensão da realidade onde se inserem.

Neste cenário de múltiplas possibilidades de escolhas, as relações se fragmentam, criam-se ansiedades para novas e infinitas possibilidades de criação e recriação do sujeito. Portanto, o melhor percurso para se entender os jovens é a partir dos espaços sociais onde estes vem se produzindo e sendo produzidos como seres sociais, como ressalta Dayrell (2001, p.27).

2.0 - Grupos de estilo: pertencimento e identificação

Uma das formas de se pensar a juventude é através dos grupos juvenis e dos elementos constitutivos a estes, ou seja, “através da música que tocam e ouvem, das roupas que vestem, da forma como se relacionam entre si e com a sociedade” (Dayrell, 1999,

p.30). Os grupos juvenis funcionam como articuladores de identidades e elaboração de projetos, tornando-se visíveis na relação com o contexto sociocultural e histórico em que vão sendo consolidados. A noção de estilo torna-se fundamental para a compreensão do processo de construção de identidades, pois compreendemos que é através dos “grupos de estilo” que o jovem se reconhece e se faz reconhecido na diversidade de situações e lugares em que se faz presente, ou seja, nas relações que estabelece com meio social.

Segundo Abramo (1994), a produção de estilo ocorre no:

“(...)cruzamento dos campos do lazer, do consumo, da mídia e da criação cultural. Os jovens constroem espaços próprios de diversão e atuação, consumindo e criando sua música, sua roupa, numa construção alegórica da própria imagem. O estilo pressupõe a criação consciente de traços com um princípio de ordenação, de forma a se diferenciar de outros artefatos, ressaltando assim a dimensão de escolha e distinção. Além disso, envolve a organização intencional de objetos numa determinada configuração, assumindo a forma de uma identidade e uma posição no mundo diferenciada” (ABRAMO, 1994, *apud* DAYRELL 1999).

Hoje percebemos uma multiplicidade de estilos, principalmente associados à moda e à música, que se erguem em torno do consumo, que são disponibilizados ao jovem, ampliando suas possibilidades de escolha, ainda que esse mercado simbólico seja delimitado pela capacidade de consumo de cada sujeito e grupo social. “Nestas circunstâncias, cria-se um campo aberto para toda a sorte de manipulações, tais como as provocadas pelas drogas e o totalitarismo das seitas religiosas” (Carrano, 2000, p.19).

Na formulação de Kemp (1993), nos “grupos de estilo” transparece:

“(...)uma gramática visual pela qual torna-se possível localizar os valores e a política de vida presentes em cada grupo (...) exercitando-se sobre o próprio corpo o poder de interferência ausente na determinação do projeto social” (KEMP, 1993, p.29, *apud* DAYRELL, 1999, p.31)

A construção da identidade estaria, portanto, apoiada no grupo, nas suas realizações, nos limites impostos, num jogo de interações, ora tranqüilas, ora conflituosas, entre a capacidade de se reconhecer e de se fazer reconhecido, ou seja: *quem sou eu e com quem eu me identifico*.

Pensar na identidade do jovem demanda entender quais as esferas da vida que se tornam significativas na construção da sua auto-imagem, bem como tentar detectar as relações existentes entre elas e compreender o significado de cada uma dessas esferas no processo de construção individual (DAYRELL, 1999).

A “capacidade reflexiva” torna-se, portanto, um atributo necessário aos tempos modernos, condição para que os sujeitos possam lidar com as muitas redes sociais que se comunicam num fluxo contínuo de informações. Comunicações e sociabilidade num constante aprendizado. O conhecimento de si, da sua constituição biológica, emocional, dos afetos dirigidos ao outro é uma das tendências que se exprime através das mudanças nas relações sociais em todos os âmbitos da vida social do cotidiano das pessoas (GIDDENS, 2002).

Alberto Melucci (1996) identifica nas teorias sobre identidade uma das chaves para se compreender as mutações do indivíduo em uma sociedade global, “imersa numa dimensão simbólica hegemônica, em constante mutação, onde as relações de poder são construídas em torno da capacidade de informações” (Melucci, 1996, apud Dayrell, 1999, p.33). Primeiramente examina como as profundas mudanças ocorridas na sociedade contemporânea transformaram as necessidades do indivíduo face aos seus desejos e aspirações e de que forma isto transparece em suas relações sociais. Posteriormente, analisa o papel que a experiência do indivíduo exerce neste processo e de que forma o influencia e o transforma. Para o autor:

“A noção de identidade remete a três características centrais: a permanência no tempo, isto é, a continuidade de um sujeito, para além das variações no tempo e de sua adaptação no ambiente; a delimitação da unidade que estabelece os limites do sujeito, permitindo distingui-lo de outro e, finalmente, a relação entre as duas características anteriores, ou seja, a capacidade de reconhecer-se e ser reconhecido. O processo de construção da identidade tem como ponto de partida a constituição biológica e a cultural, entre a base genética e a capacidade plástica em se modelar. Ocorre, segundo ele, um processo de maturação que permite ao homem uma capacidade de resposta e adaptação ao ambiente e, ao mesmo tempo, uma capacidade plástica de se modelar a cada nova circunstância. Mas a ênfase na construção da identidade é atribuída à dimensão relacional, tendo como eixo à alteridade: “indivíduo e sistema se constituem reciprocamente e um sujeito não se torna consciente de si a não ser na relação – delimitação com um ambiente externo” (MELUCCI, 1996, p.36, apud DAYRELL 1999, p.33).

Sendo assim, a identidade nos é dada pela capacidade de nos reconhecermos e afirmarmos a nossa diversidade, como interiorizamos o reconhecimento da parte dos outros e a definição que esses dão da nossa diferença.

“A identidade é, antes de tudo, um processo de aprendizagem, o que implica no amadurecimento da capacidade de integrar o passado, o presente e o futuro e também articular a unidade e a continuidade de uma biografia individual” (DAYRELL, 1999, p.33)

Esse processo de construção de si é entendido por Melucci (1996) como “identificação” ou “*identização*” e ocorre em resposta a um mundo de complexidades, de

possibilidades e de escolhas que se efetivam como adesão ou combate aos constrangimentos a que os sujeitos estão submetidos. Nessa dinâmica, o “eu” é relacional e móvel, se redefinindo continuamente em resposta a uma dinâmica social que exige uma multiplicidade de linguagens e relações para a produção de identidades. Identidades estas que se cruzam em várias identidades, num campo de possibilidades ilimitadas que as oferecem a partir de alguns constrangimentos estruturais. Neste amplo universo, o presente é o tempo que realmente conta.

Chamados a construir o seu processo de “*identização*”, os jovens se deparam com alguns desafios, sendo o principal deles a desigualdade de acesso aos recursos sociais, privando-os de suas possibilidades, na variedade de cenários nos quais as escolhas podem ser situadas (MELUCCI, 1997, p. 09). Outrora, quando os ritos de passagem eram mais claros e delimitados, ou seja, situavam-se ao término dos estudos, e concomitantemente com a entrada no mundo do trabalho, permitiam ao jovem uma perspectiva de futuro. Hoje, esses ritos de passagem foram substituídos pelas experiências vividas pelo indivíduo, alterando sua visão de mundo, estabelecendo diferenças internas e externas. Neste contexto, o jovem vê-se frequentemente diante das condições de manipulação social, gerando um processo de alienação, resultante da fragmentação das experiências vividas em seu cotidiano, resultando numa dissolução do eu.

“Cada um é chamado a escolher, a decidir continuamente, fazendo com que a incerteza faça parte da ação: diante da ampliação das possibilidades, o que fazer? Que possibilidades escolher? O imperativo da incerteza impõe a necessidade da escolha (...) de um lado, a ampliação do espaço de autonomia individual que se expressa na escolha. Mas, de outro lado, a impossibilidade de não escolher. Não significa afirmar que “todos escolhemos tudo sempre, pois seria negar a existência dos diferentes tipos de fundamentalismos. O que Melucci evidencia é a importância da necessidade da escolha, o que permite problematizar questões como a relação entre juventude e o consumo” (DAYRELL, 1999, p.34).

Mais do que responder “quem sou eu?”, os jovens procuram responder enquanto experimentam expressões de identidade, mas também “para onde vou?”, (Ann Mische, 1997, p.7, *apud* Dayrell, 1999, p.35). Portanto, a liberdade de escolha é um dos elementos fundamentais na busca de identificação..

“Estilos de roupas, gêneros musicais, participação em grupos, funcionam como linguagens temporárias e provisórias com as quais o indivíduo se identifica e manda sinais de reconhecimento para outros” (MELUCCI, 1997, p. 09).

Através dos diversos grupos dos quais ele opte por fazer parte, permite-lhe a elaboração de “suas identidades”, pois a identidade pode ser entendida não apenas como o

resultado de uma única escolha, mas de múltiplas possibilidades que podem resultar na elaboração de múltiplas identidades.

3.0 - Socialização e sociabilidade

Diante da coexistência de distintas instâncias produtoras de valores e referências culturais, o leque das possibilidades simbólicas e imaginárias nos levam a dificuldades de escolhas, inibindo nossa capacidade de ação. Neste contexto, marcado pela complexidade de possibilidades e escolhas que “faz-se necessário problematizar as relações de interação, conflitivas ou harmoniosas, entre os espaços socializadores e agentes socializados” (SETTON, 2002, p.109).

Quando se pensa em socialização, Émile Durkheim (1952) é apontado como o fundador principal do paradigma em torno do qual se desenvolveram as reflexões sobre o conceito de socialização. A partir dos estudos que realizou sobre o suicídio, verificou que nem os comportamentos observados nem as motivações se podem reduzir ao individual, mas pelo contrário, tanto umas como outras dependem de uma dinâmica coletiva. Considerava ainda que os indivíduos estão sujeitos, de uma forma inconsciente, a modelos de comportamento que assimilam e reproduzem, sendo transmitidos, posteriormente, através da educação, de geração para geração, isto é, o processo de socialização.

Durkheim parte do princípio de que onde há vida em comum, um agrupamento de homens, haverá sempre um conjunto de crenças e práticas comuns que os associarão, resultando numa consciência comum. Nesta visão, o indivíduo estaria subsumido à sociedade, subordinando-se. A sociedade surge como uma instância máxima exercendo poder de coação absoluto em relação ao indivíduo, ponto este considerado crítico na teoria durkheimiana, desencadeando outras formas de abordagens, pois nesta visão, o sujeito é visto como um ser passivo às coerções sociais.

Mais recentemente, Berger e Luckmann (1985), buscam superar esse dualismo, numa posição que contribui para ampliar a noção de socialização⁵. Para estes autores a socialização consiste no processo de construção social do homem, embora sob a perspectiva do indivíduo seja uma vivência única, singular, onde quer que ela se realize, na família, na escola, na igreja, ou em outras instituições, como a cultura de massas (Setton, 2002, p.109), transmitindo valores e padrões de conduta, socializando muitas gerações.

⁵ Cf. Dayrell, 2000, p. 233.

Para Berger e Luckmann, a socialização ocorre em um movimento dinâmico, ou seja, “nunca é completamente conseguida e nunca é totalmente acabada” (BERGER e LUCKMANN, 1985, p.184). Para Dubet e Martuccelli (1997, p. 241) a socialização consiste em um duplo movimento, ou seja, dotar atores capazes de assegurar sua integração e, ao mesmo tempo, em capacitar indivíduos, sujeitos suscetíveis a produzir uma ação autônoma. É justamente neste eixo em que se situam os diversos debates sociológicos.

Nesse movimento, a noção de “papel” torna-se essencial. De acordo com Castells (1996), a noção de papel não deve ser confundida com a noção de identidade, pois para ele, a identidade deve ser entendida como uma fonte de significados, um processo de construção baseada na cultura a partir das instituições dominantes e só se torna identidade quando os atores sociais internalizam e constroem para si significados condizentes com seus valores. Já os papéis sociais são definidos por normas estruturadas nas instituições e organizações da sociedade, com formas de ação e de funções pré-estabelecidas nas quais os indivíduos se integram. Desta forma, o papel deve se adequar à identidade, já que ela organiza os significados e o processo de autoconstrução dos indivíduos (Castells,1996, p.22-23).

Hoje, ao consideramos as diversas instâncias de socialização presentes na vida do jovem, proporcionadas pelo avanço das técnicas de comunicação e pela globalização, podemos dizer que convivemos com uma pluralidade de influências que desestruturam, fragmentam as relações, favorecendo uma multiplicidade de escolhas, de adesões.

Nesse contexto, concordamos com Setton (2002), ao afirmar que o processo de socialização deve ser considerado como um espaço plural de múltiplas relações sociais, estruturado pelas dinâmicas entre instituições e agentes sociais distintamente posicionados em função de sua visibilidade e recursos disponíveis, ou seja, um fenômeno histórico complexo e temporalmente determinado. Cada instituição pautada por propósitos e princípios distintos, sendo necessário, portanto, identificar a configuração, o arranjo particular entre elas, em uma perspectiva antropológica, para se apreender experiências específicas de socialização (SETTON, 2002:109).

Para Durand (2002), em se tratando de juventude, é possível afirmar que novos processos de construção marcam este indivíduo, através de um aprendizado constante

através das múltiplas redes de relacionamento, possibilitando-lhe uma gama de opções à escolha de papéis e códigos sociais:

“Esse instigante jogo pode liberar a criatividade, permitindo o afloramento das múltiplas identidades desses indivíduos, que se apresentam sob novas formas de socialização, ou seja, a sociabilidade traduzida na vivência dos jovens em seus grupos, nos quais constroem suas experiências cotidianas, que giram em torno do lazer, isto é, de atividades que absorvem as horas livres e ocupam diversos espaços, como campo potencial de liberdade” (DURAND, 2002:04).

Os estudos de Simmel são considerados fundamentais na compreensão e elaboração do conceito de sociabilidade. Para ele, a sociabilidade é vista como uma forma autônoma e lúdica de socialização, não visando um objetivo ou a busca de resultados concretos, cujo fim é a própria relação, a satisfação de estar junto:

“A sociedade propriamente dita é o estar com o outro, para um outro, contra um outro que, através dos veículos, dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços” (SIMMEL, 1983, p.168).

Para esse autor, a sociabilidade pode também ser entendida como um “jogo social”, atuando como elemento constitutivo da consciência e poder de autonomia no relacionamento do grupo e redes sociais.

“É um jogo no qual se “faz de conta” que são todos iguais e, ao mesmo tempo, se “faz de conta” não é mentira mais do que o jogo ou a arte são mentiras devido ao seu desvio da realidade. O jogo se transforma em mentira quando a ação e a conversa sociável se tornam meros instrumentos das intenções e dos eventos da realidade prática” (SIMMEL, 1967, *apud* DURAND, 2002, p. 05).

Segundo Sposito (1994) novas formas de sociabilidade tem sido gestadas entre os jovens:

“Ruas e praças da cidade são ocupadas pela presença de incontáveis agrupamentos coletivos juvenis, estruturados a partir de galeras, bandos, gangues, grupos de orientação étnica, racista, musical, religiosa ou agressivas torcidas de futebol (...) Percebe-se uma nova apropriação do espaço urbano, que desafia o entendimento e exige uma aproximação mais sistemática para sua compreensão” (SPOSITO, 1994, p.162).

Através destes espaços, os jovens desenvolvem relações de sociabilidade, de buscas e experiências, estruturando novas referências e identidades individuais e coletivas. O lazer se constitui também como um campo onde o jovem pode expressar suas aspirações e desejos, projetar um modo de vida. Nas concepções de Abramo, o lazer figura entre uma das dimensões mais significativas da vivência juvenil (ABRAMO 1994).

A construção de um habitus

As razões pessoais para a conversão podem ser consideradas como pontos de partida especiais para compreender os vínculos entre mudanças na concepção de si mesmo e a aquisição, que Gilberto Velho (1985) descreve, de um “novo sistema cognitivo”. Alterar a concepção particular de si, leva a uma crescente reavaliação de “estar no mundo”, além de uma complexa construção de explanações para os eventos que ocorrem no mundo, promovendo uma identidade forte e mais poderosa para explicar as adversidades da vida cotidiana.

Conforme Weber (1964), os indivíduos com menos recursos econômicos são mais propensos a aderirem a religiões de caráter mágico vinculado à idéia de salvação. Mas, mais que salvação, a religião tem por incumbência promover um certo conforto aos indivíduos quando estes se deparam com um mundo de incertezas, em que os projetos pessoais de vida apresentam enormes dificuldades de realização. Momentos em que a compreensão da vida em sociedade se funde com a vida religiosa, pois esta última tende a naturalizar certos acontecimentos, de forma que o aprendizado sobre viver em sociedade e o aprendizado de viver da fé são incorporados com a mesma intensidade, seja na família, na escola ou na igreja que se frequenta. A fé religiosa promove um certo entendimento sobre certos fenômenos que, a princípio, possam parecer incompreensíveis, por meio dela, podem ser explicados como manifestações de “deuses” ou “demônios”.

Berger e Luckmann (1986) classificam o processo de conversão enquanto possibilidade da realidade subjetiva vir a ser transformada, o que chamam de alternância. A alternância compreende um grau extremado de transformação que o indivíduo pode alcançar. Mas, para que haja a alternância, ou seja, a mudança extrema, faz-se necessária a exigência de processos re-socializadores. Essa exigência compreendem a possibilidade de dispor de uma estrutura efetiva de plausibilidade, ou seja, uma base social que sirva de “laboratório da transformação”. A conversa, o estar junto, por exemplo, são considerados fundamentais no processo de conservação, de reafirmação dessa nova realidade subjetiva.

“Ao mesmo tempo que o aparelho de conversa mantém continuamente a realidade, também continuamente a modifica. Certos pontos são abandonados e outros acrescentados, enfraquecendo alguns setores daquilo que ainda é considerado como evidente e reforçando outros. Assim, a realidade subjetiva de uma coisa da qual nunca se fala, torna-se vacilante (...). Geralmente falando, o aparelho de conversa mantém a realidade “falando” de vários elementos da experiência e colocando-os em um lugar definido no mundo real (BERGER E LUCKMANN, 1986, p.203).

Nesse sentido, torna-se essencial para o recém convertido um certo afastamento do seu “mundo anterior”, dedicando a maior parte de seu tempo livre para estar junto aqueles que compartilham da mesma realidade. Esse mecanismo é constantemente utilizado entre os evangélicos, de forma a garantir o novo membro, pois caso contrário este tende a voltar aos seus caminhos “mundanos”. Para se manter plausível, a conversão deve estar contida em uma comunidade religiosa, a *ecclesia*, embora o processo de conversão possa se antecipar à filiação a uma determinada comunidade (BERGER E LUCKMANN 1986, p. 209). Em contato com seus novos pares passa a haver uma incorporação de novos papéis, bem como uma reorganização do aparelho de conversa.

Para Bourdieu, a socialização do indivíduo é caracterizada pela formação do *habitus*:

“(…) sistemas de disposições duráveis, estruturas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, quer dizer, enquanto princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações que podem ser objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’, sem que, por isso, sejam o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor a visada consciente dos fins o domínio expresso das operações necessárias para atingi-las, por serem tudo isso, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação combinada de um maestro (...) um sistema de disposições duráveis e transferíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações, e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas que permitem resolver os problemas da mesma forma e graças às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidas por estes resultados” (BOURDIEU, 2003, p. 04-7).

Entendido como um sistema de disposições duradouras adquiridas pelo indivíduo durante o processo de socialização, o *habitus* revela atitudes, inclinações para perceber, sentir, fazer e pensar, possibilitando ao indivíduo interpretar o mundo e orientar suas práticas sociais. Nesse sentido, as disposições adquiridas ainda na infância tendem a condicionar a aquisição posterior de novas disposições por parte dos indivíduos. Mas, por outro lado, o *habitus* se reestrutura segundo a trajetória social percorrida pelo indivíduo.

“As representações dos agentes variam de acordo com sua posição (e com os interesses associados a ela) e com o seu *habitus*, como sistema de esquemas de percepção e de apreciação, como estruturas cognitivas e avaliadoras, que eles adquirem através da experiência duradoura de uma posição no mundo social (Bourdieu apud Bonnewitz, 2003, p.78)”.

Portanto, em contato com o grupo religioso, passa a haver uma incorporação de novos papéis, bem como de uma organização do aparelho de conversa:

“A postura corporal, a linguagem, as capacidades de aprendizagem e até o gosto estético do indivíduo são gerados pelo *habitus*, elemento responsável pelo

reconhecimento do mundo social (...) Dessa maneira, o habitus religioso inculcado pela instituição religiosa e incorporado pelo fiel vincula-se à existência de condições conjunturais objetivas para sua efetiva materialização em uma prática qualquer” (BOURDIEU, 1980 *apud* MARIANO, 2003, p. 75).

Aos poucos essas novas práticas passam a ser incorporadas e reproduzidas no cotidiano de forma “natural”. Como afirma Martino:

“A incorporação progressiva dessas práticas faz com que elas percam a sua condição de *práticas estruturadas* e comecem a parecer *práticas naturais*. O caráter arbitrário do processo de aprendizagem e inculcação submerge diante da ilusão de naturalidade da ação. A passagem da norma para a ação prática cria o hábito dessa ação. Em situações posteriores, o indivíduo tende a agir de uma determinada maneira sem o cálculo necessário à ação original” (MARTINO, 2003, p.75).

O incentivo aos novos convertidos a testemunharem sua conversão aos não convertidos também costuma ser enfatizada, uma estratégia que consiste em isolar qualquer tipo de influência pessoal dos que “estão de fora”. Conseqüentemente, essa prática serve para manter o novo convertido fiel ao novo grupo, ao mesmo tempo em que reforça uma nova visão de mundo.

“A velha realidade, assim como as coletividades e outros significativos que anteriormente mediatizavam para o indivíduo, devem ser reinterpretados dentro do aparelho legitimador da nova realidade. Esta reinterpretação produz uma ruptura na biografia subjetiva do indivíduo em termos de a.C. (antes de Cristo) e d.C. (depois de Cristo) (...) tudo que a segue é compreendido como derivando de sua nova realidade. Isto implica uma interpretação da biografia passada in toto, de acordo com a fórmula: Então eu pensava... agora sei. (...) A ruptura biográfica identifica-se assim com a separação cognoscitiva das trevas e da luz” (BERGER E LUCKMANN, 1986, p. 211-212).

Ao abordarmos os processos mais profundos que envolvem a conversão, pretendemos compreender as distintas formas de pertencimentos dos jovens a estes grupos, ou seja, aqueles que estão no grupo apenas pela sociabilidade e aqueles que realmente se identificam, no sentido de adesão, de busca mais profunda com o sagrado.

Pois, ainda que nem todos tenham nascido em lares que professassem algum tipo de religião, este é um processo que pode ser aprendido na escola, por meio da educação religiosa, através da influência de amigos e parentes, etc. Muitas vezes, esta experiência vivida ainda na infância retorna com força, ou seja, ganha sentido em uma outra etapa da vida, quando o indivíduo realiza suas próprias escolhas.

4.0 - Novas configurações na relação entre jovens e religião

Três mudanças caracterizam o campo religioso brasileiro em nossa atualidade, a saber: a diminuição percentual de católicos (de 83,76% em 1991 para 73,77% em 2000), o crescimento dos evangélicos (de 9,05% em 1991 para 15,45% em 2000) e o aumento dos “sem religião” (de 4,8% em 1991 para 7,4% em 2000) (NOVAES, 2004).

O demógrafo René Decol afirma que o fluxo atitudinal de católicos para outros grupos ganhou proporções de “mudança social”, na medida em que está alterando significativamente e de forma definitiva o perfil religioso da população (Decol, 2001, *apud* Novaes 2004). Para o autor, este processo tem um componente demográfico, ou seja, à medida que os grupos populacionais (coortes) se sucedem no tempo, menos adultos em idade de reprodução se declaram católicos, resultando em número cada vez menor de crianças recebendo influência desta natureza. Conseqüentemente a tendência é, um menor número de católicos no interior de cada coorte, fazendo com que a percentagem de católicos no conjunto da população decline de forma cada vez mais acentuada. Desta forma, a estrutura social tradicional, onde valores e normas são transmitidos verticalmente, de geração em geração, passa a ser afetada cada vez mais por processos culturais, que atuam em planos horizontais, agindo sobre as coortes de forma diferenciada.

Segundo Novaes, os resultados da pesquisa *Jovens do Rio* evidenciam que o menor índice de transferência da religião dos pais para os filhos não desemboca necessariamente na secularização da sociedade, pois parte dos jovens que não seguem as religiões de seus pais católicos, buscam outras religiões. O crescimento dos evangélicos entre os jovens é um dos índices que apontam nessa direção:

“É evidente que o histórico catolicismo brasileiro perde com a diminuição da transferência intergeracional da religião, também não há garantia da total “transferência intergeracional” do ateísmo ou do agnosticismo. Na pesquisa *Jovens do Rio*, 50% dos entrevistados que declararam ter pais ateus ou agnósticos declararam ter eles próprios uma religião. A mesma pesquisa revelou ainda que frente a diminuição da influência da família na escolha da religião outras influências se revelam para os entrevistados na pesquisa *Jovens do Rio*, a influência da família na escolha da religião pesou apenas para cerca de 50% dos entrevistados, para o restante, a escolha da religião passava por outras justificativas, tais como “motivos pessoais”, “influência de amigos” e “influência dos agentes religiosos” (NOVAES, 2004, p. 05).

Os últimos dados do IBGE, publicados no Censo de 2000 confirmam estas observações. Para uma pergunta única e aberta – “qual é sua religião” ? – o IBGE recebeu 35 mil respostas diferentes o que dá uma idéia da variedade com que o brasileiro define sua

fé. Nesse Censo podemos perceber o encolhimento do número de fiéis da Igreja Católica e o crescimento vertiginoso dos evangélicos e dos que se declaram sem religião (NOVAES, 2004, p. 02).

Entre os jovens, na faixa de quinze a vinte e quatro anos (que somam 73,6%), confirmou-se a tendência à diminuição entre os que se declaram católicos. Quanto ao grupo dos evangélicos, em relação a outras faixas etárias, percebe-se um crescimento menos acelerado entre os jovens, embora estes somem 14,2% (sendo 3,9% de denominações tradicionais e 10,2% de denominações pentecostais).

Segundo Novaes (2004), uma pesquisa nacional, realizada pelo Projeto Juventude/Instituto Cidadania⁶, realizada três anos após o Censo confirmou as mesmas tendências. Embora se diferencie do Censo, a pesquisa não indagou sobre religião através de uma pergunta aberta, ou seja, oferecia ao inquirido opções separadas como “agnósticos”, “ateus” e quem “acredita em Deus mas não tem religião”. Enquanto 65% dos jovens entrevistados nesta pesquisa em todo o país se declaram católicos, 10% “sem religião”, 9% declaram “acreditar em Deus, mas não ter religião”, 1% como ateus e agnósticos, 29% se declararam evangélicos (sendo 15% pentecostais e 5% não pentecostais). Para uma sociedade de múltiplas escolhas, a religião tem se configurado como mais um fator de escolha do jovem, ainda que reduza acessos e oportunidades, afirma a autora.

Não é por acaso, segundo Novaes, que a Bíblia tem se tornado o maior *best seller* do nosso tempo, com uma linguagem acessível ao público jovem, pode ser comprada em qualquer esquina, sem a necessidade do aval de um padre ou pastor.:

“A Bíblia pode ser comprada em qualquer esquina e seus versículos são cantados nas letras de *rap* e aparecem escritos em *outdoors* no centro das cidades, nos muros das favelas e periferias. Expressando vínculos institucionais ou apenas crenças mais difusas, nos últimos anos, a linguagem religiosa se faz presente em muitas expressões juvenis na área de arte e cultura. Também não é por acaso que o Prêmio *Hutus*, considerado o mais importante do *Hip Hop* da América Latina, instituiu a categoria *Hip Hop Gospel* e também premia composições de “sem religião” que – sem peias institucionais – falam de Cristo, de Oxalá e citam salmos bíblicos. Neste contexto, a religião torna-se um fator de escolha em uma sociedade que enfatiza inúmeras possibilidades de escolhas, mas reduz acessos e oportunidades. Essas informações indicam a necessidade de novas abordagens e técnicas de pesquisa para compreender

⁶ A metodologia, os critérios da amostra e os principais resultados desta pesquisa podem ser encontrados em www.projetojuventude.org.br

melhor no que consiste a singular (e internamente diferenciada) experiência religiosa desta geração”(NOVAES, 2004, p.05).

Ao expressarem uma flexibilização dos tradicionais “usos e costumes” comuns às igrejas protestantes, mais especificamente aos praticados pelo pentecostalismo, as novas igrejas evangélicas (neopentecostais), por princípio religioso ou estratégia de crescimento, se tornaram refúgios de crentes descontentes (MARIANO, 1999, p.204) e, como percebemos em nossa atualidade, de um grande número de jovens.

Diferente das igrejas mais conservadoras, os novos evangélicos procuram reafirmar os valores da sociedade dominante, ou seja:

“Os neopentecostais vestem-se como todo mundo. Usam brincos, pulseiras, colares, cosméticos. Decidem o corte, o penteado e o comprimento de seu cabelo. Ouvem rádio, assistem TV, vão a festas, freqüentam piscinas, praticam esportes, torcem para times de futebol” (MARIANO, 1999, p.210).

Mariano (1999) afirma que, embora esses grupos tenham flexibilizado em algumas áreas, outras permanecem irredutíveis, ainda que algumas pequenas mudanças já possam ser vislumbradas:

“Quanto à proibição ao tabaco, às drogas, ao sexo-não marital, aos jogos de azar, nenhuma alteração ocorreu com o surgimento das neopentecostais. Quanto ao álcool, a orientação muda um pouco. Além da Congregação Cristã, as igrejas Nova Vida, Comunidade Evangélica, Cristo Salva e Universal permitem o uso moderado de bebidas alcoólicas leves, como cerveja e vinho. Todas condenam a embriaguez. Mesmo as neopentecostais, embora mais liberadas, estabelecem orientações tipicamente puritana, moralistas: contra o homossexualismo, a pornografia, as drogas, a assistência a programas de TV que exploram a violência e sexualidade, a freqüência a bares e danceterias, participação no carnaval” (MARIANO, 1999, p. 10).

Para Prandi (1997), essas mudanças sinalizam o quadro atual da sociedade brasileira:

“Essas diferentes religiões que se reproduzem no Brasil de hoje podem ser vistas como múltiplas fontes de legitimação da sociedade brasileira e como distintas agências de orientação para a vida cotidiana, sobretudo para imensas parcelas de homens e mulheres marginalizados no curso das mudanças sociais e deserdados de sua religião tradicional, o catolicismo, que foi ficando cada vez mais desinteressado de oferecer orientação para a vida cotidiana, sofrendo profundo esvaziamento axiológico. Elas se dispõem num amplo e variado mercado religioso, com seus distintos planos que enfocam diferentemente muitas soluções possíveis para os conflitos da difícil arte de viver, especialmente quando pouco de realmente significativo para a vida o progresso material, científico, intelectual foi capaz de oferecer a essa grande maioria de homens e mulheres” (PRANDI, 1997, p. 22).

As mudanças observadas no campo visível da religião remetem a um vasto mercado em que uma profusão de ofertas, opções religiosas são colocadas à disposição dos fiéis, sendo apropriadas e reapropriadas. De maneira geral, o campo das comunicações

colaborou muito para esse crescimento, visto que “ser católico” deixou de ser um requisito socialmente obrigatório, conforme ressalta Novaes (2004).

Ao considerarmos a religião evangélica, percebemos que esta tem expandido seus domínios a uma grande massa heterogênea em distintos universos sociais. Um avanço considerável, se levarmos em conta que até bem pouco tempo, essas igrejas, especificamente as pentecostais, tinham seus membros vistos, como *coitados, manipulados, pobres e ignorantes* (FRESTON, 1994, p.143), visão esta, que segundo Freston, começa a mudar no cenário brasileiro. Os evangélicos começam a ser vistos como *argutos, concorrentes e empreendedores*, não só no mercado religioso, como também no mercado financeiro (idem, p. 143).

Em entrevista para o Jornal da Ciência⁷, Pierucci faz a seguinte colocação:

“As igrejas evangélicas que estão crescendo no Brasil, não estão pregando a ética protestante, elas estão oferecendo uma vida mais fácil para as pessoas. Porque a ética protestante é uma ética ascética, de dureza, de tomar banho frio no inverno, de acordar cedo e trabalhar até de noite, uma ética do trabalho e trabalho incansável. Ora, nós estamos vivendo um protestantismo que apela primeiro para o êxtase. Hoje, o pentecostalismo e o catolicismo carismático abriram uma brecha para isso, que é a experiência do sagrado aqui e agora, não depois da morte. Você vai conceber o Espírito Santo em alguns segundos, minutos você vai ter uma experiência de outra realidade e que te conforta. Pensando isso, o êxtase serve por que? Porque é uma coisa fácil. Você tem outras religiões profissionais, que são o cardécismo, a umbanda e o candomblé. E o crente no candomblé assa por um processo lentíssimo de aprendizado, de horas e horas de culto, dança. As igrejas evangélicas oferecem a você uma coisa sua, você faz o seu trabalho. Você está esperando a fila do ônibus lá no centro da cidade de São Paulo, aqui deve ser a mesma coisa, dá uma paradinha ali na igreja que o pastor ali dá não sei o que, um milagre. Ainda mais do que isso, começam a oferecer milagres, isso é impressionante. Eu fico impressionado quando um pastor diz ‘eu e Jesus Cristo vamos curar dez caroços’. Há uma racionalidade por trás de tudo isso, há um processo de racionalização de um empresariamento mercadológico, inclusive midiático, elaborado de maneira racional”(Antônio Flávio Pierucci).

De fato, a presença de evangélicos em praticamente todos os setores da sociedade tornou-se ponto comum, seja na política, no meio artístico, midiático, esportivo, lá estão eles. Realizam mega-eventos em casas de espetáculo, estádios, cinemas, ao mesmo tempo em que constroem amplos templos, utilizando a mais alta tecnologia, poupando tempo e dinheiro. Para se ter uma idéia do poder alcançado pelos evangélicos, uma das igrejas fundadas em 1977, a Igreja Universal do Reino de Deus já possui a terceira maior rede de

⁷ Jornal da Ciência : Órgão da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), 21 de agosto de 2005. site: www.jornaldaciencia.org.br

televisão do Brasil e está em mais de 40 países, demonstrando possuir um amplo poder financeiro (Revista Veja, 03/07/2002).

Os cultos, sempre pautados por um ritual formal, assumiram formas de verdadeiros *shows* evangelísticos, exibidos em público como forma de afirmação de identidades, influenciados e atraídos por este movimento, jovens das mais diversas “tribos”, *punks*, *rappers*, roqueiros, surfistas convivem pacificamente em um mesmo espaço, ao mesmo tempo em que elevam em muito o crescimento dos evangélicos no país e no mundo. Algo que duas décadas atrás seria inimaginável, devido às restrições impostas pelos grupos evangélicos, uma tradição que tem mudado.

A visão do evangélico, enquanto pessoa distante e arredia ao “mundo” aos poucos vai se tornando ultrapassada e os jovens constituem um dos grupos que tem sido atraído para este movimento de “euforia espiritual”. Como declara um jovem bispo pertencente a uma banda consagrada entre os evangélicos: “os jovens estão vendo que não é preciso seguir um estereótipo para encontrar Deus, que *gospel* não é música de crente usando terninho e visual careta”⁸.

Ao romper com o rigor ascético, característico dos pentecostais tradicionais, adeptos de um estilo mais sóbrio e austero, os neopentecostais, como se tornaram conhecidos na Sociologia da Religião, inovam ao proporcionar uma maior abertura e flexibilidade em relação aos diversos estilos e grupos sociais, subvertendo o padrão estético que até então os caracterizavam, trazendo à tona uma diversidade de formas e estilos.

Um evento que tem tornado esse grupo visível para a sociedade e ao mesmo tempo que se torna uma tradição entre os evangélicos, é a “Marcha para Jesus”, uma passeata com aspecto de *show gospel*⁹ realizada todos os anos nas principais ruas das cidades brasileiras. Segundo informações obtidas no próprio *site*¹⁰ da marcha, a primeira “Marcha para Jesus” ocorreu em 1987 na cidade de Londres (Inglaterra), e foi fundada pelo pastor Roger Foster,

⁸ *Folha de S. Paulo*, 17/02/97. José Bruno, bispo da Renascer em Cristo e vocalista da Banda Resgate.

⁹ “A palavra *gospel* vem de *God spell* – palavra de Deus, em inglês, que deu nome ao renascimento religioso ocorrido nos Estados Unidos na época da Guerra Civil, na segunda metade do século passado. A partir daí, o som dos fiéis tornou-se aberto a influências – ao contrário dos spirituals, invariavelmente, hinos religiosos – e acabou originando artistas espetaculares do nível de Aretha Franklin, Al Green ou Ray Charles. A virada no Brasil aconteceu no final da década de 80, quando a extinta casa noturna paulistana Dama Xoc abriu espaço para grupos evangélicos de rock, atraindo multidões, ao local” (ISTOÉ – Jesus Cristo superstar – 23/06/1999, in: www.zaz.com.br/istoe/cultural/155113.htm

¹⁰ www.marchaparajesus.com.br

pelo cantores e compositores Graham Kendrick, Gerald Coates e Lynn Green. No início da década de 1990 a Marcha tornou-se um evento de proporções continentais, ocorrendo em toda Europa. Em 1992 a Marcha para Jesus tornou-se um evento mundial, chegando a outros países da América, África e Ásia. No Brasil, a primeira edição do evento ocorreu em 1993, sob a orientação da Igreja Renascer em Cristo (São Paulo). Desde então, a cada ano que passa, o evento assume cada vez mais o aspecto de *show gospel*, com apresentação de artistas evangélicos, desfiles e muita dança ao som de rock, pagode, axé e outros sons apropriados pelos evangélicos. Verifica-se nestas passeatas uma grande presença do público jovem, adeptos de vários estilos: surfistas de Cristo, metaleiros e *skatistas* de Cristo, *punks* de Cristo e até Patricinhas de Cristo.

Mas, embora perceba-se que os evangélicos desta geração busquem mecanismos de diferenciação da geração que os antecede, investindo em um estilo pessoal arrojado, na forma de apropriação do espaço físico dos cultos sagrados, vigoram ainda entre eles, orientações de moral e conduta que, em um momento ou outro, impõem-se sobre o indivíduo, subordinando-o, independente do sexo, idade ou classe social. Mas, em contrapartida, as igrejas evangélicas tem se tornado um espaço significativo, a medida que fornecem elementos de construção de uma nova identidade. Os espaços de lazer dedicados às festividades surgem como uma opção atraente para os jovens. Ao conciliar a esfera do sagrado e lazer, as necessidades dos jovens são abrandadas, propiciando um espaço de agregação e solidariedade. As igrejas evangélicas surgem, portanto, como uma válvula de escape, seja para “solucionar” problemas de ordem individual, tanto quanto para suprir a carência de espaços de sociabilidade.

Essas novas formas de se relacionar com a religião evangélica configuram-se a partir da segunda metade do século XX, mais precisamente a partir da década de 1980, com o surgimento do movimento *gospel*, lançado por congregações batistas, metodistas, presbiterianas e, posteriormente, encabeçado e difundido pelas igrejas neopentecostais. Esta acomodação à sociedade inclusiva, aliada ao poder exercido pela música, pode ter sido um dos fatores a exercer tamanha atração sobre os jovens. Conforme ressaltou Dayrell:

“É significativa a compreensão da música e das relações sociais que ocorrem e seu entorno como uma esfera que, de alguma forma, responde aos anseios juvenis de encontrar um sentido para a vida, preenchendo-o o que não se domina. Para muitos “na arte é possível encontrar salvação” (DAYRELL, 2001, p. 28).

O movimento *gospel* inovou ao incorporar todos os ritmos musicais até então considerados profanos em meio aos evangélicos, conforme ressalta o sociólogo Mariano:

“Incluindo os vinculados à dança e a maneiras sensuais, como lambada, e a valores e estilos da vida opostos aos dos crentes, como *rock*, *funk* e *rap*, o movimento *gospel* enfrentou resistências, sofreu acusações de mundanismo e de desvio doutrinário. Não obstante a oposição, esse movimento, cuja importância ultrapassa sua natureza musical, veio para ficar porque se apoderou da juventude crente” (MARIANO, 1999, p.213).

Embora muitas igrejas não aceitem a introdução do rock e outros ritmos apreciados pelos jovens, esse é um recurso amplamente utilizado para evangelizar e transmitir preceitos de conduta cristã:

“Os roqueiros de Cristo subvertem os valores primitivos difundidos pelo rock. Embora revolucionários no louvor e na aparência, mantêm-se conservadores em outras esferas comportamentais. Nas letras substituíram a tríade sexo, drogas e *rock'n roll*, pelo lema vida, Jesus e *rock'n roll*. Nas canções combatem o uso de drogas, o álcool, o Diabo e as legiões de demônios. Protestam contra a violência e o materialismo. Como todo o pentecostal que se preze, apontam Jesus como panacéia para todos os males” (MARIANO, 1999, p.215).

A Renascer em Cristo, igreja paulista, é apontada como a principal responsável por difundir este movimento no Brasil:

“Aberta para indivíduos de todas as “tribos – roqueiros, punks, cabeludos, carecas – que, convertidos, não são impelidos a abandonar seu estilo, e liberal quanto à vestimenta e aparência de pastores e fiéis, a Renascer converte muitos jovens (...) Vestidos com roupas e acessórios da moda, os jovens procuram realçar as formas corporais e a sensualidade. Descontraídos, vestidos de jeans e de folgadas camisetas com inscrições bíblicas, os pastores, à maneira dos apresentadores de programas de auditório, arremessam CDs e camisetas para a platéia. Enquanto dançam imitando coreografias de danças profanas, os jovens não convertidos são solicitados a entregar maços de cigarro e drogas, que, quando atiradas ao púlpito, são pisoteadas e incineradas. Além de saracotear o corpo no embalo de hits evangélicos e de eventualmente arremessar drogas pra o púlpito, vários convidados e curiosos acabam cedendo ao indefectível apelo emocional para aceitar a Cristo como Salvador (MARIANO, 1999, p.218).

Todas essas inovações implementadas pelas denominações pentecostais, no sentido de se adaptarem à sociedade inclusiva, diversificaram formas e estratégias de ação por parte das igrejas, no sentido de penetrar em todos os setores da sociedade. Hoje, a tendência dominante caminha no sentido de se adaptar ao máximo de acordo com o público que se pretende atingir. Nas sociedades ocidentais industrializadas e urbanizadas:

“A religião cada vez menos cria um ‘modo de vida’ peculiar. Para sobreviver a concorrência e supera-la, cada religião deixa de ser um fim em si para se configurar como um meio para atingir fins definidos por demandas e imperativos seculares. Fica a reboque das vicissitudes e dos desejos do consumidor religioso. Com isso, perde sua capacidade de reencantar o mundo. Torna-se mais uma mercadoria de consumo. Este

bem parece ser o caso do neopentecostalismo. Sua mensagem, especializada na resolução de demandas seculares do cotidiano, não exige que os fiéis se tornem ‘*ETs*’ (estejam no mundo e não pertençam a ele) ou assumam um modo de vida distinto, ascético e sectário. Requer apenas participação, fidelidade e o vil metal, o que não é pouco. Em troca, promete a realização dos desejos dos fiéis: uma vida saudável, próspera, longa, feliz, vitoriosa” (WALLIS, 1987 *apud* MARIANO, p.223).

Em se tratando dos jovens, essas mudanças se refletem como novas possibilidades:

“Partilhando um certo espírito de época, os jovens desta geração estão sendo chamados a fazer suas escolhas em um campo religioso mais plural e competitivo. (...) Em um contexto de para “além das identidades institucionais”, para os jovens de hoje se oferecem igrejas e grupos de várias tradições religiosas. Para eles também existem possibilidades de combinar elementos de diferentes espiritualidades em uma síntese “pessoal e intransferível” e assim se abrem novas possibilidades sincréticas” (NOVAES, 2004, p. 05).

Mas, embora tenha havido grandes mudanças no cenário pentecostal, ainda são poucos os estudos que nos fornecem elementos indicativos das mudanças operadas nesse contexto, principalmente em referência aos grupos de jovens.

CAPÍTULO II

A IGREJA SURFISTAS DE CRISTO

Desde seu início, o pentecostalismo nunca foi homogêneo. Para compreendermos melhor esse processo torna-se necessário traçar um breve histórico das mudanças ocorridas nesse campo até o advento das novas igrejas que despontam na atualidade, embasadas na valorização dos carismas, atraindo uma multidão de pessoas de todas as classes sociais, idades, lotando templos, criando uma atmosfera de euforia espiritual.

1.0 - Protestantismo histórico

Segundo os historiadores¹¹, a Reforma implementada pelo monge agostiniano, e professor universitário, Martinho Lutero (1483-1546), século XVI, na Alemanha, inaugura uma crise estrutural no mundo cristão, abalando os alicerces da Igreja Católica Romana e da cristandade européia. O protestantismo, como ficou conhecido, ou Reforma Protestante, inaugura uma nova cultura, introduzindo novos hábitos, novos gestos, novas formas de se vestir, novas formas de falar, novas formas de recato, nova relação com os textos das sagradas escrituras, enfim, uma nova relação com a vida, em oposição à sociedade tradicional européia. O trabalho, nesse contexto, foi radicalmente transformado em sua essência. Para o nobre, o trabalho era algo visto com desdém, com descaso. Já para o protestante, o trabalho se torna parte integrante do seu modo de vida e nele está contido o sinal da graça divina.

As três idéias básicas do luteranismo podem ser sintetizadas nos seguintes pontos:

1 - “*Só Deus*”, rompendo com o princípio básico do catolicismo, afirma que não deve haver intermediação entre o homem de fé e Deus, portanto, a hierarquia eclesiástica não possui autoridade, uma vez que ela é humana.

2 - “*Só as Escrituras*”. Para Lutero, todo homem de fé tem a capacidade de compreender e interpretar a Bíblia e não a Igreja, como defende o catolicismo.

3 - “*Só a fé salva*”. Novamente é a autoridade eclesiástica que é questionada, pois ninguém tem o direito divino de punir, perdoar ou dar graça. Somente Deus. O homem de fé, quando acredita nisso, recebe sua recompensa diretamente de Deus. Ninguém tem

¹¹ Cf. Moraes, 1998.

certeza da salvação de sua alma após a morte. Tudo o que o homem possui é a fé em sua salvação. O luteranismo despreza as chamadas obras, santos e sacramentos tradicionais da Igreja Católica, pois não ajudam em nada a obra da salvação. Apenas dois dos sete sacramentos da Igreja tem validade para os protestantes: o batismo e a eucaristia (Santa Ceia). Excluem-se o celibato clerical, o jejum, o culto aos santos e à Virgem Maria (MORAES, 1998, p. 144).

As idéias ocasionadas pela Reforma Luterana difundem-se pela Europa, promovendo e influenciando vários outros movimentos. A liberdade sobre a leitura bíblica ocasionou um enorme avanço no cristianismo, ou pelo menos, possibilitou a retomada dos passos do cristianismo primitivo. Essa liberdade fez com que várias correntes surgissem, dando origem a interpretações distintas e ao aparecimento de novas igrejas cristãs.

Na França, as idéias de Lutero influenciaram diretamente João Calvino (1509-1564), mas no interior de uma concepção mais radical. Calvino defendia os seguintes pontos:

- 1 - *O homem é um pecador por essência, portanto só pode se salvar pela fé.*
- 2 - *Deus é transcendente, ou seja, superior, acima do mundo real e incompreensível à mente humana. Portanto Ele só revelou aquilo que quis revelar por meio das Escrituras.*
- 3 - *O homem quando nasce já tem seu futuro predestinado por Deus, seja para a salvação ou condenação* (MORAES, 1998, 145).

Calvino pregou também a valorização do trabalho, considerado uma espécie de predestinação divina. Somente através do trabalho o homem alcançaria sucesso material, pois o enriquecimento era visto como uma graça de Deus e a pobreza uma condenação; não condenava o empréstimo de dinheiro a juros, como a Igreja Católica fazia. Dessa forma, Calvino conquistou força política, assumindo o governo da cidade, impondo rígidos costumes morais, proibindo jogos de cartas, dança e o teatro. Seus conceitos favoreciam os ideais burgueses de acúmulo de capital e valorização do trabalho, difundindo-se rapidamente por toda Europa. A Igreja Presbiteriana, fundada pelo escocês John Knox (1514-1572), bem como o movimento dos puritanos (Holanda), inspiram-se no calvinismo (Moraes, 1998, 147). Apesar do protestantismo não ser imposto às populações européias, suas normas e valores foram difundidos e adotados como perspectiva de uma nova vida, de uma nova visão de mundo, ao promover a separação entre Igreja e Estado e a legitimidade na busca do conforto e lucro por meio do trabalho.

Na Inglaterra, a Reforma assumiu um outro caráter. Criada pelo rei Henrique VIII, em 1534, sendo adotada como igreja oficial do País, mistura elementos do ritual católico com os princípios da fé calvinista. Sua liturgia é bem semelhante à Igreja Católica, possui organização hierárquica com bispos, daí seu outro nome: Igreja Episcopal.

A Igreja Batista foi fundada em Londres, em 1611, a partir de um grupo, seguidores de Martinho Lutero, liderados por John Smith (1570-1612), um clérigo e Thomas Helwys (1550-1616), um advogado. Por discordarem da política e doutrina da Igreja Anglicana passam a sofrer perseguições e se refugiam na Holanda em busca de liberdade religiosa. Em 1609 organizam em Amsterdã uma igreja de doutrina batista, como ficou conhecida, em razão da prática do batismo por imersão, constituindo-se assim a primeira igreja organizada. Depois da morte de John Smith e da decisão de Thomas Helwys e seus seguidores de regressarem para a Inglaterra, a igreja organizada na Holanda desfaz-se e seus fiéis unem-se aos Mennonitas. Thomas Helwys organizou a igreja Batista em Spitalfields, nos arredores de Londres, em 1612.

A Igreja Metodista é formada a partir da obra do clérigo anglicano John Wesley (1703-1791). Durante o período de estudos universitários em Oxford, Wesley, juntamente com seu irmão Charles e o amigo G. Whitefield, funda uma sociedade religiosa de jovens, um grupo formado para ler as Escrituras e se dedicar a práticas espirituais e obras de caridade. Pelo fato de se reunirem metodicamente passam a ser ironicamente denominados de “Holy Club” (o santo clube) ou “Bibble Biggots” (carolas da Bíblia) ou ainda “metodista”. Retornando a Londres, após uma estada na Geórgia (EUA), em primeiro de maio de 1738, John Wesley anuncia o nascimento do metodismo e passa a se dedicar à pregação para difundir suas idéias, sendo expulso da Igreja Anglicana. Sua doutrina difunde-se pela Cornualha, Escócia, Irlanda e Estados Unidos, onde, em 1784 institui uma Igreja Metodista. A Igreja Metodista aceita o batismo simbólico das crianças, defende a palavra de Deus como suficiente para a salvação, mas critica a interpretação individual dos textos sagrados. Acredita na cura divina e na manifestação do Espírito Santo. Weber (2004) considerou esta religião como sentimental, derivada imediatamente do “testemunho do Espírito Santo” (WEBER, 2004).

2.0 - Protestantismo Pentecostal

A disparidade e a progressiva subdivisão das igrejas protestantes (luteranos, calvinistas e anglicanos etc.) decorreram do seu princípio original, ou seja, a interpretação pessoal da Bíblia, muitas vezes sem critérios e totalmente influenciada pelos sentimentos.

Em decorrência desta liberdade e do emocionalismo gerado pela busca incessante de um contato direto com o Espírito Santo¹², ocorre o início de uma série de movimentos proféticos. São movimentos que surgem a partir de uma visão fanática, de um sonho, uma revelação pessoal aliada a uma interpretação muitas vezes descontextualizada de algumas passagens bíblicas, muitas vezes criando ramos totalmente diferentes daqueles pregados pela Reforma.

O protestantismo pentecostal nasce dessa corrente, da busca dos fiéis pelo contato direto com o Espírito Santo. A principal característica desse grupo é a crença maior no Espírito Santo, em torno da qual giram as outras crenças e práticas religiosas. O nome “pentecostal” vem de “Pentecostes”, episódio bíblico relatado em Atos 2, em que o Espírito Santo, no quinquagésimo dia da ressurreição de Cristo, teria se manifestado aos apóstolos por meio de línguas de fogo, iniciando aí o cristianismo. Por este motivo, o centro do pentecostalismo é o batismo no “Espírito Santo¹³”, diferente do rito do batismo com água, e sim, uma presença toda especial do Espírito Santo, que tem como sinal exterior proferir algumas palavras estranhas¹⁴” (SANTOS, 2002).

Em comum com as igrejas tradicionais existe o uso da Bíblia como fundamento de suas crenças, mas distingue-se pelo batismo no Espírito Santo:

“A primeira manifestação desse ‘protestantismo do Espírito’ teve início no século XVI. Com o Anabatismo¹⁵ na Alemanha e na Suíça. Foi através dos menonitas, ramo anabatista fundado por Menno Simons, em 1536 que se reafirmava a necessidade do recebimento direto da inspiração do Espírito Santo, iluminando os fiéis para que compreendessem os textos bíblicos” (SANTOS, 2002, p. 14-15).

Entre os grupos iluministas que precederam o pentecostalismo, os *quakers*, movimento fundado no século XVII, por Jorge Fox, na Inglaterra, difundiram-se para a

¹² O Espírito Santo é descrito na Bíblia como a terceira pessoa da Trindade (Salmo 51:11; Isaias 63:10. No Novo Testamento ele é associado à figura do Pai e do Filho, tais como Mateus 28:19, II Coríntios 13:13.

¹³ O batismo no Espírito Santo, ou o recebimento de dons espirituais é relatado na Bíblia em I Coríntios 12:8-23).

¹³ O falar em “línguas estranhas” é considerado como uma experiência emocional e gratuita, designada pelos lingüistas pelo termo *glossolalia* (Corten, 1996).

¹⁴ Para um estudo aprofundado da história e teologia dos Anabatistas/menonitas, ver Timothy George, Teologia dos Reformadores, São Paulo: Vida Nova, 1993.

Holanda, Alemanha e principalmente Estados Unidos onde penetraram desde 1660. Esse grupo acreditava que a direção do Espírito Santo podia “iluminar” ou “inspirar” igualmente todos os homens, recusando-se a reconhecer qualquer tipo de hierarquia social. Receberam a denominação de *quakers* (tremedores), devido aos tremores a que eram acometidos os fiéis durante as reuniões, quando se sentiam iluminados pelo Espírito Santo (SANTOS, 2002, p.16). Nos Estados Unidos e Canadá, o início do século XX marcou o aparecimento de inúmeros movimentos revivalistas, nos quais se fixaram as principais ênfases doutrinárias próprias do pentecostalismo (SOUZA, 1969, p. 21-5).

Rolim identifica como ponto de partida do movimento pentecostal um episódio ocorrido em uma velha igreja metodista no ano de 1906, em Azuza Street, Los Angeles (EUA). Segundo ele, o interior deste velho tempo abrigava evangélicos, majoritariamente negros, que, em orações prolongadas noite adentro buscavam a o batismo do “Espírito Santo”. O primeiro a falar em línguas diversas foi um negro. O fato de um negro haver falado em altas vozes, agitou a imprensa norte-americana que taxava o episódio como invasão da cultura africana na civilização ianque. Tal foi à magnitude e impacto do movimento, que, já na primeira década depois de Azuza, sabia-se de experiências pentecostais na Ásia, África, Europa e América Latina. O movimento se multiplicava agora em muitos movimentos com variedade de matizes e expressões, como um grande caleidoscópio (ROLIM, 1987, p. 11).

3.0 - Protestantismo pentecostal brasileiro

Herdeiro dos movimentos de santidade dos Estados Unidos e Inglaterra, o pentecostalismo brasileiro conserva vários pontos comuns com o protestantismo histórico. Mas, enquanto o protestantismo histórico nasceu no interior da cultura do liberalismo, inculcando valores democráticos, o pentecostalismo brasileiro evoluiu da cultura do catolicismo popular, sendo sincrético, corporativista e politicamente passivo. Portanto, encontraremos no interior desse grupo variações significativas. (FREESTON, 1993), mas todas possuem o fato de partirem de um núcleo comum, ou seja, Chicago, das Igrejas Batista, Presbiteriana e a Metodista.

Paul Freston (1993) classifica este movimento no Brasil a partir de *três ondas*¹⁶ de implantação de igrejas: Pentecostalismo Clássico, Deutero-pentecostalismo e Neo-pentecostalismo.

a) Pentecostalismo Clássico

A primeira onda pentecostal, denominada *pentecostalismo clássico*¹⁷, deriva do surgimento das primeiras igrejas pentecostais, Assembléia de Deus (1911) e Congregação Cristã (1910) e teve início no Brasil com a vinda do missionário Luigi Francescon, antigo membro da Igreja Presbiteriana Italiana de Chicago. Influenciado pelo pastor batista W.H. Durham, a cujas reuniões comparecia, afirmou ter recebido o dom de línguas em 25 de agosto de 1907. Ao receber uma “revelação”, segundo ele, viaja para América do Sul, a fim de trazer a nova mensagem. Segue para a Argentina e Brasil. Em 1910 funda entre a colônia italiana a segunda maior igreja pentecostal do Brasil, na nossa atualidade, a Congregação Cristã do Brasil. Logo em seguida, no ano de 1911, Daniel Berg, imigrante sueco em Chicago, também membro da igreja batista de W. H. Durham, viaja ao Brasil como missionário, após uma revelação que tivera em sonhos. Parte para o norte do Brasil (Estado do Pará), onde começa a pregar o batismo com o Espírito Santo numa Igreja Batista. Mas logo rompe com essa igreja, provocando uma cisão. Funda então, ainda em 1911, juntamente com o pastor batista Gunnar Vingren, seu compatriota, a Assembléia de Deus, que viria a se tornar uma das mais importantes em número de fiéis (FRESTON,1993; CORTEN, 1996).

O pentecostalismo era composto essencialmente por pessoas pobres, de baixa escolaridade, residentes nas periferias das cidades, discriminados tanto pela Igreja Católica quanto pelas Igrejas históricas protestantes. A doutrina implementada por essas igrejas era rígida, constituída por um ferrenho anticatolicismo. Enfatizava o dom de línguas (glossolalia), a crença na volta iminente de Cristo, na salvação paradisíaca e pelo comportamento radical, sectário e ascético de rejeição ao mundo exterior (FRESTON, 1993).

¹⁶ Segundo Mariano (1999,p.28), o uso desta metáfora marinha é utilizada para classificar distintos movimentos de renovação de linha pentecostal nos EUA.

¹⁷ Segundo os historiadores, o termo *clássico* surgiu em meados de 1970, quando pesquisadores norte-americanos acrescentaram a designação *classical* às denominações pentecostais do início do século, período de gênese do pentecostalismo, para distingui-las de outros pentecostais ou carismáticos surgidas nos anos 60. Alguns autores também usam o termo histórico, ou ainda, tradicional (MARIANO, 1997)

A postura sectária e o ideário ascético ainda permanecem, mas, percebe-se uma mudança parcial do perfil sócio-econômico. Embora continuem a abrigar as camadas mais pobres e pouco escolarizadas, também contam com setores de classe média, profissionais liberais e empresários (MARIANO, 1999, p. 29).

b) Deuteropentecostalismo

A segunda onda pentecostal é dos anos 50, classificada por *deuteropentecostalismo*¹⁸.

Em 1907, Aimeé Semple McPerson, uma jovem metodista canadense, converte-se ao pentecostalismo após a pregação de um missionário pentecostal, Robert Semple, supostamente vindo de Chicago. No ano seguinte, ela passa por uma experiência de cura divina com o próprio W.H.Durham, que já havia influenciado Daniel Berg e Luigi Francescon. Logo após, viaja para a China como missionária. Ao retornar aos Estados Unidos, funda na mesma cidade a igreja Evangelho Quadrangular, inspirada em uma profecia bíblica. No ano de 1953, Harold Willians funda no Brasil a Igreja Evangelho Quadrangular, com a ajuda do pregador de cura divina Raymond Boatright (MARIANO, 1997).

Distingue-se da primeira, ao incrementar ao ideário religioso algumas inovações evangelísticas, tais como, o uso do rádio (considerado até então pelo pentecostalismo clássico como mundano e diabólico), de tendas, cinemas, teatros e estádios para o culto religioso. Com esses novos métodos de divulgação atraíam milhares de indivíduos dos estratos mais pobres da população, muitos dos quais migrantes nordestinos, chamando pela primeira vez a atenção da imprensa, que os ridicularizava e os acusava de charlatanismo e curandeirismo, conseguindo desta forma dar visibilidade a este movimento religioso no país (MARIANO, 1999).

O enfoque, até então centrado na glossolalia, desdobra-se, incluindo milagres de cura divina e exorcismo, embora em menor escala. A ênfase na cura pela fé é destacada pelos pesquisadores norte-americanos como a responsável pela grande explosão pentecostal em diversas partes do mundo (MARIANO, 1999, p.31).

¹⁸ “O radical deuterio (presente no livro Pentateuco) significa segundo ou segunda vez, sentido que o torna muito apropriado para nomear a segunda vertente pentecostal” Cf. Mariano, p. 32.

Os pioneiros desta nova onda são ex-atores do cinema americano, Harold Willians e Raymond Batright, que logo após fundam a Igreja do Evangelho Quadrangular¹⁹, sendo esta última a única igreja de origem realmente americana (CORTEN, 1996). A partir dessa nova investida surgem outras denominações, como Cruzada Nacional de Evangelização (1953), Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo (1956), Igreja Nova Vida (1960), Igreja Pentecostal Deus é Amor (1961), Casa da Bênção (1964), Metodista Wesleyana (1967) e uma enorme quantidade de pequenas denominações locais.

A principal característica do pentecostalismo se caracteriza pela emoção conferida à experiência com o divino. É salvaçãoista, não pelas obras, mas pela graça, por meio da fé. Admite a existência de um céu e um inferno, prega o milênio, a segunda vinda de Cristo, aceita a glossolalia e a possessão pelo Espírito Santo (e nisso atrai membros dos cultos afro-brasileiros e adeptos do espiritismo), mantém as Escrituras como “guia ou regra de fé e prática cristã” e cobra dízimos a seus fiéis (Santos, 2002, 17).

A participação dos fiéis nos cultos semanais costuma ser muito ativa, girando em torno de 85%, o que faz da igreja um modelo de associação voluntária. (ibidem,). Durante os cultos, todos oram ao mesmo tempo e proferem palavras de exclamação, tais como: “Deus maravilhoso, aleluia!” (ROLIM, 1987:8-7). No templo pentecostal, assim como nos templos protestantes, não se vê altares para imagens de santos, nem se celebram missas. As funções dessas igrejas incluem oração, pregação, vigília noturna, escola dominical, comemorações, excursões etc, o que costuma ocupar todo o tempo do fiel fora do trabalho.

As pregações utilizam uma linguagem que visa facilitar o entendimento por parte do público. É muito comum, durante os cultos pentecostais, as pessoas sentirem-se “inspiradas” a trazerem uma mensagem, um testemunho de cura, sucesso e outros fatos extraordinários atribuídos a Deus (SANTOS, 2002, 17).

Procuram afastar-se de tudo aquilo que consideram “mundano”. Como escreve Kolakowski (1985):

¹⁹ O estranho nome do Evangelho Quadrangular decorre, segundo Mariano (1999), Corten (1996) dos quatro atributos da revelação “evangélica”: Jesus salva, Jesus batiza, Jesus cura, Jesus volta. Fundada primeiramente por uma mulher nos Estados Unidos em 1922 (Church of the Four-Square Gospel) Aimée Semple McPherson, (Cf. Mariano, 1999). Cumpre dizer que não foi esta porém a criadora original, como frequentemente se afirma, da mensagem “quadrangular”, mas sim A B. Simpson, renomado pregador norte-americano de cura divina e líder a Christian and Missionary Alliance. Simpson estabeleceu o “four-fould gospel” no final do século XIX (Cf. Barron, 1987).

“O mundo da criação é mal (...); não admira que esteja sujeito ao Diabo. Esta conclusão era inaceitável para a ortodoxia cristã. Era tentadora, no entanto, e apareceu mais de uma vez nas margens do cristianismo. Na linguagem cristã escrita, a palavra ‘mundo’ adquiriu conotações pejorativas (*mundus immundus*), divergentes das fórmulas gerais da teologia. Sugeriu uma oposição radical entre o Criador e a criação. O título de ‘Príncipe deste mundo’ atribuído ao Diabo no Novo Testamento, corroborava esta idéia” (KOLAKOWSKI *apud* MARIANO, 1999, 11-10).

Essa rejeição ao mundo deriva diretamente do metodismo e do movimento *Holiness*, de onde provém as raízes pietista e puritana do movimento pentecostal. O puritanismo incita o pentecostal a mostrar-se santificado, assumindo os comportamentos ensinados e exigidos pela comunidade religiosa, de forma a se diferenciar da sociedade inclusiva. Somente procedendo desta forma, ele denota sua condição de salvo em Cristo (MARIANO, 1999, p. 190).

“Para não serem contaminados e corrompidos pelas coisas, paixões e interesses do mundo, os líderes pentecostais procuram imprimir na conduta dos fiéis, desde a conversão, normas e tabus comportamentais, valores morais, usos e costumes de santificação. Infundem neles o desejo de viver o Evangelho de acordo com o mais puro ascetismo de rejeição do mundo, segundo a definição weberiana, de modo a distanciá-los de coisas, atitudes, valores e instituições do incrédulo porém tentador mundo circundante. Para tanto, um sistema de proibições, no sentido dos “cultos negativos” descritos por Durkheim (1989:363-392), é posto funcionamento. Purificados dos pecados cometidos antes de renascer no batismo das águas, os fiéis são instados a trilhar penoso caminho da santificação. Para que não sucumbam às pulsões, aos desejos, às próprias inclinações pecaminosas, devem renunciar aos prazeres mundanos, compreendidos como ciladas do Diabo, por meio do padecimento e da mortificação da carne. Para que o Espírito Santo lhes preencha a vida, santificando-os, devem morrer para o mundo, o qual, como causa e lugar de sofrimento, além de rejeitado, deve ser combatido”(MARIANO, 1999, 190).

Portanto, nessa busca da salvação, o crente pentecostal afasta-se de tudo aquilo que pode trazer tentações “mundanas”, pois acredita que o Diabo está sempre pronto a armá-lo ciladas, desviando-o do caminho:

“Na perseguição do que é mundano e põe em risco a salvação, as esferas da sexualidade e do lazer são consideradas as mais perigosas, como ressaltou Monteiro (1975:25,28, *apud* Mariano, 1999, 191). Segundo Weber “ a ética fraternal da religião da salvação esta em tensão profunda com a maior força irracional da vida: o amor sexual. Quanto mais sublimada é a sexualidade, e quanto mais baseada em princípio, e coerente, é a ética de salvação da fraternidade, tanto mais aguda a tensão entre o sexo e a religião” (WEBER, 1982, p. 393).

Por esse motivo, é comum que essas denominações se preocupem em ocupar praticamente todo o tempo livre de seus fiéis com atividades da igreja, restringindo dessa forma outras formas associativas, o que poderia vir a “desviá-los” do caminho da salvação. Como afirma Berger, “somente dentro da comunidade religiosa, a *eclésia*, a conversão pode ser efetivamente mantida como plausível”(BERGER, 1983:209).

c) Neopentecostalismo

A terceira onda chega na segunda metade dos anos setenta, juntamente com a crise internacional do petróleo, o fracasso da nossa política econômica e a imersão do Brasil em uma ditadura militar.

Essa onda culmina com a fundação da Igreja Nova Vida (1960), no Rio de Janeiro pelo missionário canadense Robert McAlister, originando as igrejas: Universal do Reino de Deus (Rio, 1977), Igreja Internacional da Graça de Deus (Rio, 1980), Cristo Vive (Rio, 1986). Estas três, ao lado da Comunidade Sara Nossa Terra (Goiás, 1976), Comunidade da Graça (São Paulo, 1979), Renascer em Cristo (São Paulo, 1986) e Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (São Paulo, 1994) compõem, segundo o autor, as principais igrejas neopentecostais surgidas no período (CORTEN, 1996). A designação ‘neopentecostal’, embora há muito tenha sido abolida nas tipologias norte-americanas, consagrou-se entre os pesquisadores brasileiros²⁰ para classificar as igrejas pentecostais surgidas a partir deste período.

Esse movimento cresce e se fortalece no decorrer das décadas de 1980 e 1990, coincidindo mais ou menos com o televangelismo²¹ ou, ao que também se convencionou chamar, a “igreja eletrônica” (CORTEN, 1996). O televangelismo é muito presente neste movimento. O estilo teológico narrativo, de fácil assimilação, reveste de um caráter novo, um impulso de um novo tipo de igreja, dentre as quais a mais visível é a *Igreja Universal do Reino de Deus*, fundada e dirigida pelo Bispo Edir Macedo (ibdem.).

Sobre esta igreja em particular, Freston faz a seguinte análise:

“Em contraste com a segunda onda de igrejas paulistas fundadas por migrantes de nível cultural simples, a terceira onda é sobretudo de igrejas cariocas fundadas por pessoas cidadinas de nível cultural um pouco mais elevado e pele mais clara. Cita três igrejas: Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus e Cristo Vive, cujos líderes, Edir Macedo, R. R. Soares e Miguel Ângelo, respectivamente foram membros da Nova Vida, denominação pouco legalista, de membresia de classe média baixa, na qual fizeram “estágio”. Analisa apenas a Universal. Esta igreja, segundo ele, é mais liberal em áreas como vestuário e embelezamentos femininos, características que combinam com seu “relativo não-sectarismo”. As igrejas da terceira onda enfatizam a libertação dos demônios, enquanto a primeira onda privilegia as línguas estranhas e a segunda a cura divina. Tal ênfase nos rituais de exorcismo e o repúdio à umbanda acarretam ataques aos cultos afro-brasileiros, dos quais procura libertar seus

²⁰ Pierucci & Prandi (1996); Mariano (1999); Mariz (1995).

²¹ Televangelismo: Cultos evangélicos televisionados.

fiéis e clientes. A Universal está entre as principais divulgadoras entre os pobres da Teologia da Prosperidade, rejeitando o ascetismo pentecostal tradicional. Seu líder, Edir Macedo, bom administrador, adotaria “um conceito arrojado de missão religiosa”, ao colocar todo o seu império político e econômico a serviço do crescimento eclesiástico...” (FREESTON, 1993).

O rompimento com o ascetismo e sectarismo puritano constitui a principal característica do neopentecostalismo. Portanto, quanto mais liberal for o posicionamento da igreja em termos comportamentais e em investimentos extra-igreja (empresariais, políticos, culturais e assistenciais), ou seja, quanto mais distantes do pentecostalismo clássico, do deuteropentecostalismo, “mais próxima tal hipotética igreja estará do espírito, do *ethos* e do modo de ser das componentes da vertente neopentecostal” (MARIANO, 1999, p. 37).

Sem a rigidez presente no pentecostalismo, os neopentecostais adotam estilos variados, de acordo com a preferência individual. Vão a festas, à praia, clubes, torcem para times de futebol, praticam qualquer modalidade de esporte. Procuram ao máximo desvincular sua imagem dos pentecostais das duas primeiras ondas. Porém, mantêm-se adeptos das orientações puritanas e moralistas quanto ao uso de bebidas alcoólicas, drogas, sexo não marital, aborto, pornografia, homossexualidade, enfim, valores que afetam a área da moral que envolve a sexualidade.

Mariano nos chama a atenção para o fato de que nem todas as denominações formadas a partir da década de 1970 sejam classificadas como neopentecostais, pois nem todas apresentam as características compostas pelos seguintes aspectos:

1 - *Exacerbação da guerra espiritual contra o Diabo e seu séquito de anjos decaídos;*

2 - *Pregação enfática da Teologia da Prosperidade;*

3 - *Liberalização dos estereotipados usos e costumes de santidade (MARIANO, 1999, p. 36).*

Uma quarta característica que Mariano aponta é o fato destas igrejas se estruturarem como empresas e agirem como tal, inclusive algumas visando fins lucrativos, postura diferente das igrejas pertencentes às outras ondas, que se distinguem pelo seu caráter institucional (ORO, 1992 apud MARIANO, 1999, p. 36).

A presença disseminada de novas seitas percebidas em meio à sociedade chamam a atenção não só de pesquisadores como da mídia em geral. Em julho de 2002, a Revista

Veja publicou uma pesquisa realizada pelo ISER²², na qual demonstra que os evangélicos, mesmo os menos escolarizados, têm menor número de filhos do que o apresentado em outras religiões. Três quartos das mulheres evangélicas usam contraceptivos. Quase 90% dos adeptos de igrejas evangélicas acreditam que a moral do homem e da mulher deve ser igual e 65% deles preferem casar-se com algum irmão de fé. A média de leitura gira em torno de seis livros por ano, ou seja, o dobro da média nacional. Outro dado que difere dos católicos. A frequência à igreja é maior do que entre os que se afirmam católicos. Um dado curioso é que as maiorias dos adeptos das igrejas evangélicas se converteram depois de adultos e possuem uma participação ativa no interior de suas comunidades.

Mariano acredita que o rompimento com o forte contra-culturalismo pentecostal, de caráter repressivo e retrógrado, fez com que houvesse uma transformação radical da imagem e do aspecto exterior dos evangélicos. Este fato proporcionou aos fiéis que antes se sentiam constrangidos ou reprimidos, em especial os jovens e segmentos de classe média, a abolição das “vestes dos santos”, atraindo jovens de todas as “tribos”, como roqueiros, funkeiros, metaleiros, cabeludos, carecas etc. Subvertendo de vez o padrão estético pentecostal, novos ritmos musicais, vestuário, comportamentos e até estilos de vida similares aos de seus pares descrentes foram adotados.

Essas mudanças surpreenderam os observadores, pois provocaram um grande aumento do número de fiéis e, conseqüentemente, da quantidade de igrejas evangélicas em todas as Regiões do País.

Segundo Freston (1999), o Brasil é a maior comunidade de protestantes praticantes do mundo, constituindo cerca de 15% da população, caracterizando-se pelo forte crescimento entre as camadas mais pobres e menos escolarizadas da população. Para o autor, as igrejas estariam oferecendo um espaço social livre, uma experiência de solidariedade e uma nova identidade pessoal, além da participação responsável numa comunidade e, para alguns, o desenvolvimento de dons de liderança (FRESTON, 1999, p. 329).

4.0 - A igreja Surfistas de Cristo

Breve histórico

²² ISER - Instituto Superior de Estudos da Religião.

Dentre as inúmeras igrejas evangélicas existentes na atualidade, uma das prerrogativas que nos levaram a eleger a Surfistas de Cristo como espaço privilegiado para a realização desta pesquisa reside em um ponto muito singular, ou seja, o fato desse espaço ser pensado, articulado e freqüentado por um público predominantemente jovem. À primeira vista, este é o ponto que nos chama a atenção, pois expressa uma mudança cultural de comportamento, revelando um novo interesse entre os jovens das camadas urbanas, como parte de suas escolhas e decisões.

A igreja Surfistas de Cristo surge em um momento de grande efervescência no campo religioso, conhecido na literatura sociológica com o nome de *New Religious Movements (NRMs)*, que se constitui por uma crescente manifestação de formações religiosas extra-eclesiais²³. Pierucci (1998) afirma que este movimento se caracteriza por uma proliferação de diferentes formações de vida religiosa, suscitando um crescente interesse, principalmente por parte dos cientistas sociais, mais especificamente sociólogos e antropólogos, nos estudos concernentes ao campo da religião, um dos grandes fatos sociais da contemporaneidade empiricamente observáveis.

Nesse cenário, de grande efervescência espiritual, em meados de 1986 um jovem de 26 anos, membro atuante de uma tradicional igreja Batista, passou a desenvolver, juntamente com outros jovens de sua igreja, um projeto de evangelismo de rua. Sempre em grupos, saíam pelas ruas, realizando o evangelismo corpo a corpo, isto é, de indivíduo para indivíduo. Essas incursões aconteciam sempre em praças públicas, localizadas no centro de uma cidade do litoral paulista. Porém, em uma certa tarde de verão, resolveu fazer um caminho diferente, seguindo em direção à praia. Surpreendido por uma repentina chuva, abrigou-se debaixo de uma marquise, juntamente com outras pessoas. Dentre essas pessoas ele destacou um grupo muito singular, ou seja, um grupo de jovens surfistas com suas pranchas na mão. Imediatamente simpatizou-se com aquele grupo e procurou entabular uma conversa. Mal sabia ele que aquele momento seria decisivo para mudar sua vida e a de milhares de outros jovens que cruzariam seu caminho.

“...Eu não sabia que começou ali, mas começou ali, junto com os surfistas, falando do mar e aproveitei a natureza e comecei a falar que existe alguém por trás da gente e que isso não veio assim, inseqüentemente, por acaso, numa bola de fogo” (Pastor fundador da Igreja).

²³ Cf. Pierucci, Antônio Flavio, Secularização em Max Weber, da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 13, n. 37, São Paulo, jun, 1998.

Nessa época, esse jovem a quem chamaremos de Paulo, trabalhava em uma empreiteira, mas foi mandando embora, começando então a trabalhar na oficina do pai. A experiência durou apenas um curto espaço de tempo, pois voltou-se cada vez mais para o trabalho missionário. Mas, depois do incidente com os surfistas ficou incomodado ao ver o quanto aquele grupo era deixado de lado pelas igrejas tradicionais. Decidiu então apresentar uma proposta para sua igreja, ou seja, dedicar-se integralmente à sua evangelização. A igreja aceitou, comprometendo-se a arcar com as despesas básicas. Saiu então em direção às praias do litoral norte paulista, percorrendo os locais com maior concentração de surfistas, isto é, nos circuitos e campeonatos de surf.

Ao evangelizar aquele grupo, não sabia, até então, que estava dando o pontapé inicial de um trabalho inovador, um movimento que já vinha ocorrendo em outras partes do mundo, embora visasse essencialmente o mundo adulto. Os jovens, com suas peculiaridades estavam praticamente deixados de lado.

Com essa visão inovadora, Paulo adentrou com afinco no universo constituído basicamente por jovens. Percorreu campeonatos regionais, nacionais, estaduais, enfim. Nos locais onde ocorriam os eventos de surf, lá estava ele, levando junto sua barraca de camping, trazendo junto uma faixa que o identificava como “Missionário Paulo”. Nos intervalos, entre uma bateria²⁴ e outra, realizava uma hora de pregação diária, com os surfistas ali sentados na areia. Aos poucos tornou-se conhecido em meio aos surfistas como o Missionário Paulo.

Mas até então os jovens que se convertiam não podiam ser encaminhados para nenhuma igreja, pois segundo Paulo, não possuíam o ‘perfil’ para serem aceitos nas igrejas constituídas até então, relatando inclusive um episódio no qual foi literalmente impedido de entrar em um templo com dois jovens que haviam se convertido durante uma pregação sua:

“Há 15 anos atrás era uma barra encaminhar um surfista, porque o modo de viver, de agir dele, o jeitinho deles, queimado, de bermuda, não tinha a ver com uma igreja evangélica, né, então havia um ponto muito crítico nessa área, mas hoje, hoje eu pego, a gente pega qualquer trabalho evangelístico”(Paulo).

Decepcionado com o incidente, tomou a decisão de iniciar, ainda que de forma precária, um ponto de pregação voltado exclusivamente para a comunidade surfista em uma cidade do litoral paulista. Primeiramente essas reuniões ocorriam na casa de um

²⁴ Bateria: uma série de ondas interligadas.

amigo seu, também surfista, mas logo o local se mostrou pequeno para acomodar os jovens, o que o levou, juntamente com o pequeno núcleo, a alugar um espaço maior.

Conseguiram na época um salão, que durante o dia servia como creche e nas noites de sexta-feira se transformava em local de culto. Durante os finais de semana continuava a percorrer os circuitos de surf. Mesmo tendo onde se reunir com os jovens, insistia em tentar encaminhá-los para as igrejas locais. Devido à resistência das igrejas desse período em recebe-los, decidiu aumentar os dias de culto, incluindo o domingo, numa forma de fortalecer os jovens que ali freqüentavam, tornando-os um grupo unido, menos vulnerável à dispersão.

Durante suas ausências, seu amigo, que cedera a casa anteriormente, o substituíu. Aos poucos o grupo cresceu, passando a ser conhecido como os “Surfistas de Cristo”. Mudaram novamente de local. Até então, a Igreja Batista sustentava as despesas, mas com o crescimento do grupo, alguns incidentes internos, motivados pelas suas constantes ausências, os circuitos de surf, levaram a Igreja Batista a substituí-lo frente ao trabalho da igreja, designando um pastor da Igreja Batista para substituí-lo. Com esse novo pastor à frente do grupo, aos poucos o projeto original de Paulo de direcionar uma pregação voltada exclusivamente para esse público se diluiu.

Amparado financeiramente por algumas pessoas, principalmente ligadas ao esporte, Paulo prosseguiu com seu trabalho, agora desvinculado da igreja batista. Muitos jovens optaram por continuar com ele, pois compartilhavam os mesmos ideais. Enquanto não encontravam um ponto definitivo para instalarem-se, passaram por vários locais, inclusive uma escola de educação infantil, que cedia o espaço à noite para a realização dos cultos.

No início da década de 1990 alugaram uma casa em outra cidade, também situada no litoral paulista, localizada em uma rua movimentada, com um grande fluxo de carros e pedestres, entre eles muitos surfistas a caminho da praia. Transformaram o local em um verdadeiro “*point* para surfistas”. Na parte externa desta casa fizeram um grafite representando um jovem sobre as ondas, e a frase: “*Antes no mar do que na rua*”. Em seu interior, uma palmeira saindo pelo teto, vários quadros, pranchas, um pequeno bar em que se servem sucos e lanches. Passaram a fazer parte da “Associação Surfistas de Cristo”, patrocinando jovens surfistas a competirem no surf amador e profissional.

Embora a Surfistas de Cristo, como passou a se chamar oficialmente, atraia jovens de todas as camadas sociais, seu público predominantemente está entre os jovens das

classes mais desfavorecidas, sem muitas perspectivas, que sonham em se tornar um surfista profissional, patrocinado por grandes empresas. Ao passarem pela calçada da Surfistas de Cristo são atraídos pela grande concentração de jovens no local, de ambos os sexos.

O trabalho da Surfistas de Cristo assumiu uma dinâmica própria, se configurando num espaço de aglutinação de jovens interessados no surf, um ponto de encontro onde se articulam estilos de vida diferenciados, e a Bíblia consiste no manual de inspiração. Aliás, este sempre foi um dos objetivos de seu fundador, ou seja, proporcionar uma igreja alternativa, sem a rigidez encontrada no protestantismo tradicional ou pentecostal.

Apesar de ser pensada para atrair principalmente o público jovem, esse fato não impede que outras faixas etárias a freqüentem, embora em número menor. Com o crescimento da igreja, que se firmou enquanto instituição, novos horizontes são deslumbrados com a sua popularização, até mesmo em nível internacional, firmando convênios com escolas de missões estrangeiras, outras igrejas locais e de outros estados brasileiros.

A construção da sede

Desde a mudança para o novo local, chamado carinhosamente de “casinha” houve um alto investimento, por parte de um dos mantenedores da SC, um conhecido atleta futebolístico, no sentido de se adquirir um terreno para a construção da sede, um antigo sonho de seu fundador e agora dos jovens que estavam com ele. Logo se inicia, nas proximidades do espaço atual, a construção do templo definitivo da igreja, local considerado área nobre da cidade.

A construção foi projetada para ser algo mais do que uma igreja para os cultos. O prédio é dotado de instalações em sua parte superior, onde departamentos ocupariam as diversas salas destinadas a diversas atividades, funcionando também salas para crianças, sala de jovens e a sala do pastor. Segundo Paulo, durante a elaboração do projeto, houve a preocupação em consultar especialistas em construção civil e técnicos engenheiros de som. Para isso afirma ter entrado em contato com especialistas da Universidade de São Paulo que o aconselhou quanto ao tipo de material (tijolos utilizados) e o trançado dos mesmos no momento de subir as paredes. O problema da acústica era constante, necessitando alguma forma de isolamento do som a fim de evitar problemas futuros com a vizinhança

em relação aos ruídos. Trata-se de um grande sobrado construído com tijolos a vista e com bastante imponência, uma vez que, o material aplicado foi de alta qualidade, compatível com o tipo de casas e sobrados de classe média alta, predominantes na rua. O estilo do prédio, bem como o seu acabamento externo, evidencia as mais novas tendências em termos de construção civil para os clientes da classe média. Houve também uma preocupação com relação ao paisagismo no *hall* de entrada que dá acesso à igreja. Ali existe um jardim com pequenos coqueiros e uma fonte para criação de peixes decorativos. Construíram também uma lanchonete, o “*Point Paz*”, local de encontro dos jovens, onde são servidos sucos e lanches naturais, além dos costumeiros refrigerantes, sorvetes, doces e salgados. Ou seja, tudo o que havia no espaço anterior foi ampliado e melhorado neste novo espaço, com a diferença de que neste há uma sofisticação que não existia no anterior.

Entrando no salão da igreja as cadeiras estão enfileiradas formando um corredor central que conduz ao palco, local do púlpito e da banda de louvor, com seus equipamentos de som, cumpre dizer, de última geração, os melhores que podem ser encontrados na atualidade. Percebe-se que em dias de culto as portas e janelas devem estar seladas, evitando assim que o som escape para as casas vizinhas. Como se tratam de assentos do tipo “pvc”, podem ser removidos ou dispostos em infinitos formatos, como círculos, por exemplo, ou mesmo retirados, o que ocorre diariamente para as práticas esportivas, tais como da escola de capoeira, karatê, dança, jantares, confraternizações, “acampamentos” e outras atividades. Trata-se de um espaço amplamente versátil. É um espaço sacralizado e dessacralizado conforme a ocasião.

Formas de ocupação do espaço

A “Surfistas de Cristo” se configurou principalmente no sentido de aglutinar jovens adeptos ou interessados no surf, que convertidos à religião evangélica viam-se impedidos de freqüentar uma igreja evangélica. A estrutura organizativa e as práticas religiosas das igrejas constituídas até então, impedia essa aproximação, pois enquanto os surfistas defendiam um estilo de vida fundamentado na “liberdade”, as igrejas impunham um padrão rígido de moral e conduta, principalmente na conformação de seus fiéis a um estilo de vida dotado de sobriedade e rigor, tanto nos trajes quanto no comportamento adotado por eles. Estas imposições entravam em contradição com o estilo adotado pelos surfistas, provocando uma rejeição de ambas as partes, resultando na busca de um local próprio.

O projeto inicial era justamente este, o de reunir jovens surfistas que se convertiam ao protestantismo, mas não queriam abrir mão do seu estilo, da sua forma de ver e viver a vida, não se enquadrando, portanto, em nenhuma das igrejas existentes neste período (década de 1980), que não abriam mão dos padrões impostos. Desta forma, o grupo “Surfistas de Cristo” consagrou-se enquanto uma referência para muitos jovens que não se enquadravam em outras igrejas, mesmo os não praticantes de surf.

Portanto o espaço é composto tanto por crianças, velhos e adultos, muitos dos quais estão desde o início de sua formação. É uma igreja que podemos classificar como neopentecostal, pelo fato de romper com todo o rigor ascético e sectário, característico dos pentecostais. Mas isso não significa que ela incorpore todas as características das igrejas neopentecostais, por exemplo, não enfatiza um discurso centrado na teoria da prosperidade, ou mesmo a cura, uma característica muito presente nas igrejas neopentecostais.

Portanto, ao se tornar uma realidade, a Surfistas procurou manter sempre vivo este ideal, ou seja, o de ser uma igreja aberta a todos aqueles que desejam viver o protestantismo, mas sem tanto rigor, principalmente em relação às vestimentas. Com esta visão, a igreja sempre procurou criar condições para que seus freqüentadores sintam-se bem em seu interior, levando em conta as questões socioculturais da comunidade, procurando desenvolver várias atividades que motivem e incentivem a participação de todos, independente de sua vocação religiosa.

Desta forma, procura desenvolver atividades considerando todas as faixas etárias que a freqüentam. As crianças, por exemplo, possuem salas com decorações, brinquedos e atividades desenvolvidas por monitoras especializadas, de acordo com o período de desenvolvimento em que se encontram, dando condições para que os pais desfrutem das atividades proporcionadas a eles com mais tranqüilidade.

Promovem uma série de atividades, como jantares, almoços, encontros de casais, de jovens, festas, palestras, shows musicais, campanhas de fundo assistencial, enfim, uma série de atividades que chamam a atenção não só dos freqüentadores, mas da comunidade em geral.

Devido ao seu tempo de existência, muitas famílias se constituíram neste espaço. Pensando nesta questão, seus líderes adotaram um nova visão, de forma a atingir outros grupos, outras pessoas. Por este motivo, ao inaugurar o novo espaço, a igreja recebeu uma

outra denominação. Segundo o pastor, é uma estratégia para alcançar outras “vidas”, pois o lugar ficou marcado como um reduto voltado apenas para o surfista.

Embora pretenda alcançar outros grupos junto à sociedade, a igreja continua fortemente vinculada ao jovem praticante de surf, por este motivo existe um departamento da igreja que é voltado justamente para atender às necessidades dessa categoria. Este órgão tem como objetivo desenvolver atividades voltadas exclusivamente para os praticantes de surf e *body board*. Dentre estas funções, podemos destacar o cadastramento e acompanhamento dos atletas da igreja nas competições, surf-treino e condicionamento físico semanal realizado por profissionais de Educação Física, estágios de juizes de surf, além da ‘escolinha’ de surf, que atrai muitos jovens, muitos dos quais passam a freqüentar a igreja, como alguns dos nossos entrevistados. Também arrecadam alimentos não perecíveis para formação de cestas básicas para famílias carentes, dentre essas, podemos destacar as famílias dos próprios surfistas que ainda não possuem um patrocínio que lhes proporcione um ganho adequado para manter suas famílias. Enfim, é um espaço aberto para sugerir e promover ações e projetos que visem, sem fins lucrativos, execução de programas que tem por finalidade principal o desenvolvimento e ação social destes jovens. Com este objetivo, firma parcerias e convênios com outras instituições privadas ou públicas que desejem cooperar para o desenvolvimento da entidade, difundindo seus objetivos e ações.

Aproveitando as habilidades dos próprios jovens da igreja são desenvolvidos cursos, voltados tanto para os jovens da igreja como para a comunidade em geral. São atividades de teatro, artesanato, *street dance*, capoeira, caratê, aulas de canto e de instrumentos musicais. Com o tempo, torna-se quase “natural” que seus participantes aceitem um convite para participar de uma festa ou mesmo um culto na igreja. Na verdade todas estas atividades acabam funcionando como uma estratégia eficaz para a conquista de novos integrantes.

5.0 - Rituais

O conteúdo religioso da SC se dá pela crença na libertação e salvação do homem mediante a fé em Jesus Cristo. Não impõe restrições quanto aos tradicionais ‘usos e costumes’, pois acredita que a transformação do ser humano ocorre conforme ele vai

aprendendo da “Palavra de Deus” (Bíblia). Para os adeptos da Surfistas de Cristo, a Bíblia é o único e verdadeiro manual do cristão, um livro “vivo” inspirado pelo Espírito Santo.

O grupo SC se posiciona de uma forma muito informal perante seus visitantes e membros, seja no plano da festa, lazer ou mesmo nas reuniões de culto há um clima de receptividade, que envolve seus participantes, criando redes de sociabilidade em torno desses jovens, envolvendo-os e aproximando, à medida que passam a frequentar o espaço.

O discipulado, um ritual fundamental para quem deseja se tornar membro ou almeja um cargo de liderança, pode ser considerado uma verdadeira escola, pois muitos jovens que não tinham muita afinidade com os livros, com a leitura, em pouco tempo aprendem a ler e a manusear a Bíblia, fazendo suas próprias interpretações de texto. Através do discipulado o fiel passa a se integrar no mesmo pensamento, na mesma visão do grupo. Simbolicamente, acredita-se que quando o crente lê a Bíblia, é a divindade que está falando com ele. Para os fiéis, os textos bíblicos são sempre atuais. Ao considerar a Bíblia como a própria Palavra de Deus, os ensinamentos assumem uma maior eficácia que se traduz por submissão a Deus, estabelecendo hierarquias, em que, pastor e fiéis são sujeitos primeiramente a Deus, depois se mantém com os fiéis sujeitos ao pastor e as lideranças constituídas, da mulher ao homem, sucessivamente.

Embora as mulheres ocupem cargos de liderança, as pregações costumam ser dirigidas pelos homens, pois alguns líderes acreditam que “não fica bem a mulher pregar”, se bem que algumas garotas assumam que já tenham “rompido” este limite, vez ou outra.

Música

Na busca de diferenciar-se de outros “crentes”, ao mesmo tempo em que se assemelhar à cultura dominante, os jovens realizam cultos que se assemelham mais a um *show*, com o som de guitarras, bateria e outros instrumentos musicais, onde dançar não é proibido, pelo contrário, é incentivado. A música é um dos elementos sempre presente em, praticamente, todas as reuniões. É o suporte que prepara o fiel para “receber” a palavra, produzindo credibilidade ao discurso, sem a qual, ele estaria incompleto. A música sintoniza as pessoas entre si, e para com Deus, levando a pessoa a um êxtase²⁵ espiritual. Segundo Fischer (1966, p.212-3), a música “embriaga as pessoas”, socializa o prazer de

²⁵ “Êxtase, na sua derivação etimológica do grego ex-tasi, sugere a idéia do ser fora de si” (Bernardi, 1974, 421).

estarem juntas, causa euforia entre os participantes. É um momento único, pois além de cantarem seu amor a Deus, expressa, também, por meio do corpo todo, a satisfação de estarem ali, juntos. Os jovens, em estado de euforia, dançam freneticamente, riem, choram, expressam todo o prazer numa explosão emocional. Para Fischer, “de todas as artes, a música é a que dispõe de maior capacidade de nublar a inteligência, de embriagar” (FISCHER, 1966, p.212-3).

No momento do “louvor”, em que antecede a pregação, não são usados hinários. As músicas são projetadas em um telão por um retroprojetor. Há uma banda, composta por músicos profissionais, que se encarregam do som. Alguns destes músicos são remunerados, alguns se dedicam em tempo integral. São eles também os responsáveis pela administração de cursos de instrumentos musicais.

“Através da relação sutil e individual que se cria com o meio sonoro, se pode abrir o espaço de um auto-reconhecimento de expectativas e incertezas, de vivências do presente e de desejos em relação ao futuro. A música é a companheira íntima e cúmplice da vida dos jovens, os acolhe nos momentos de tristes e nos momentos de alegria, adere às linguagens da festa e do amor, da curiosidade e do conhecimentos e marca uma separação com o mundo adulto”.(Torti, 1999:12, apud Dayrell, 2001:21):

Por este motivo acreditamos que a música é um dos rituais mais importantes neste grupo, pois atinge o lado emocional de seus frequentadores, estimulando-os de diversas maneiras. Por exemplo, nos cultos proporciona a preparação para a Palavra que será trazida, ajuda o fiel a aproximar-se de Deus. Mas isso não impede que os jovens dançam, abracem-se, ergam as mãos, fechem os olhos em sinal de adoração, chorem, enfim, compartilhem juntos o êxtase durante todo o ato. É também um dos primeiros elementos a prender a atenção de um jovem.

Provavelmente por entender essa necessidade dos jovens, Paulo faz questão de dedicar boa parte do culto à música, principal ritual da igreja, sem a qual, o culto perderia significativamente o poder de promoção de conversão das pessoas (SANTOS, 1995, p. 121).

Culto

Os locais de cultos não se restringem exatamente ao espaço da igreja, podendo ocorrer em locais improvisados, como a praia, em campeonatos de surf, estádio, ou seja, depende do propósito do culto.

A pregação nem sempre é dirigida pelo pastor, mas desde que seja designado por ele como autoridade para promover o seu ritual. O que transmite a mensagem é geralmente alguém que teve, ou está passando, por um preparo teológico, ou seja, que não fale apenas pela emoção. As pregações são feitas de acordo com o “estilo” do pregador, não há um padrão determinado. Por este motivo, alguns são mais ou menos contagiantes que outros. Durante os cultos é reservado um espaço para os “testemunhos” de alguém que tenha passado por uma transformação, ou situação, que por meio da “fé”, obteve os resultados esperados. O “testemunho” tem como objetivo fortalecer outros fiéis que estão passando por situações semelhantes.

Após o “louvor” e antes da pregação ocorre à coleta de “dízimos e ofertas”. Este ato é ressaltado como “adoração e fidelidade a Deus” que lhes deu vida e saúde para obterem o sustento diário. A “oferta” é considerada um ato voluntário, ou seja, dá quem sente o “desejo” de ofertar, já o “dízimo” é considerado como uma obrigação do fiel, pois é “bíblico”. O dízimo consiste na décima parte de “tudo” o que o fiel conquistou, seja por meio do trabalho, doações, enfim. Neste momento é comum a leitura de alguns versículos bíblicos que endossem essa obrigatoriedade. Após o recolhimento, realiza-se uma oração em agradecimento. Segundo depoimentos, o dinheiro arrecadado é utilizado na manutenção da igreja, compra de cestas básicas, pagamento dos funcionários, incluindo-se o pastor. Um fato curioso é que a maioria desses jovens não estão inseridos no mercado de trabalho formal, embora os surfistas costumem receber patrocínio de empresas ou algum prêmio em dinheiro nas competições de surf, portanto, a maior arrecadação vem na verdade de doações de políticos, empresários e atletas profissionais.

Os cultos na igreja são realizados em dias específicos. Durante as manhãs de domingo ocorre à escola dominical, em que o principal objetivo é estudar a Bíblia e aprender algumas condutas consideradas como adequadas ao cristão, segundo as escrituras. Este ritual é mais conhecido como *discipulado*²⁶. O culto de domingo a noite é considerado o principal, quando comparecem praticamente todos os membros da igreja, e onde se observa um maior número de visitantes. O principal objetivo do ritual deste culto é “louvar e adorar a Deus”.

²⁶ O discipulado consiste em estudos regulares, tanto para o novo participante quanto para os que já fazem parte da igreja. O grupo de domingo é apenas mais um, pois além deste, há outros grupos formados em dias e locais específicos, com um líder destinado a cada grupo.

O culto de sábado é voltado exclusivamente para o jovem, é o dia em que são organizadas as festas. Para os jovens este é considerado o melhor dia, pois, livres dos compromissos escolares, todos podem se encontrar. Cada sábado do mês possui uma programação prévia. No primeiro, um “culto de adoração”, ou seja, é o mesmo ritual observado no domingo, dedicando a maior parte do tempo, cerca de uma hora e meia a parte musical e em seguida a pregação, que não dura cerca de quinze a trinta minutos. O segundo sábado é um “culto de evangelização”, em que os jovens procuram trazer vários convidados, de preferência que ainda não conheçam a “palavra de Deus”. No terceiro, há novamente um culto e no quarto, uma “alternativa jovem”, ou seja, realizam espetáculos, programas de auditório, com atrações musicais, entrevistados, brincadeiras etc.

Na terça feira à tarde há uma reunião organizada pelas mulheres, onde são discutidos “problemas femininos”, ou seja, conjugais, familiares, decoração da igreja, promoção de eventos para arrecadar fundos, estudos bíblicos e outros.

Na quarta-feira, há o culto de estudos bíblicos (mais um discipulado). Na quinta-feira existe um culto denominado de “auto-confrontação”, dirigido por um dos jovens. O objetivo deste ritual, segundo depoimentos, consiste em confrontar a atitude de uma pessoa frente a uma determinada situação e imaginar de que forma “Jesus” reagiria diante da mesma situação. Ou seja, é uma pregação que visa a “disciplinarização” de algumas condutas, ao mesmo tempo que significa trocar a “solução prática” pela “solução religiosa”, na expressão de Bastide (1985, p. 493).

Na sexta-feira, há uma “reunião de oração”, em que os presentes costumam orar pelos problemas dos fiéis, pela própria igreja, pela vida do pastor, da cidade e do país. Neste culto os participantes mostraram-se mais “à vontade” para suplicarem em alta voz, sem nenhum constrangimento em orar em “línguas estranhas”, revelando que já foram batizados no Espírito Santo. Este culto costuma ser mais restrito, com cerca de dez a quinze participantes. Aliás, os cultos mais freqüentados são os de sábado e domingo. Há também um número considerável de presentes no culto de quinta-feira, mas como a maioria dos jovens estudam à noite, a presença maior ocorre mesmo nos finais de semana.

Durante o dia o espaço da igreja é utilizado para a realização de cursos e outros eventos culturais. A lanchonete “*Point Paz*” está aberta a qualquer hora do dia ou da noite, e é freqüentada não apenas pelas pessoas da igreja, mas outras do próprio bairro.

Batismo e Santa Ceia

A expectativa que se cria em torno dos jovens que passam a frequentar a igreja é que esses venham a se converter. A conversão pode ser entendida como experiência:

“(…) que se acredita radical e verdadeira, não se comprova na compreensão a nível doutrinário ou filosófico, mas na vivência cotidiana, no viver em “contato direto com as coisas do Senhor”, através de uma purificação tanto física quanto mental” (CUNHA, 1993, p.16).

Após a experiência da conversão o jovem passa a ser preparado para o batismo, que simbolicamente representa o ritual de passagem definitivo para uma “nova vida”. Quem deseja se batizar precisa frequentar algumas aulas, especificamente realizadas com esse intuito. O ritual do batismo é realizado na praia e consiste na imersão dos jovens no mar, simbolizando a “purificação dos pecados”, a passagem do “velho” para o “novo” homem que se ergue diante de uma “nova vida”. Este momento simboliza, também, a apropriação de uma nova uma nova identidade, em que, simbolicamente, o jovem deixa de ser apenas “criatura” para tornar-se “filho” de Deus:

“A simbologia desse ritual denota uma segunda chance para o homem, agora ele pode reorganizar sua vida, desta vez as coisas vão melhorar para ele, pois agora tem um aliado: Deus” (SANTOS, 2002, 54).

Como observou Durkheim:

“(…) O fiel que se comunicou com seu Deus não é apenas um homem que vê novas verdades que o descrente ignora; ele é um homem que pode mais. Ele sente em si mais força, seja para suportar as dificuldades da existência, seja para vence-las. Ele está como que elevado acima de sua condição de homem; acredita-se salvo do mal, sob qualquer forma, aliás, que ele conceba o mal” (DURKHEIM apud MARTINO, 2003, p. 36).

O batismo é lembrado a cada Santa Ceia, um dos rituais também adotados na Surfistas de Cristo. Por este motivo há uma orientação de que a Ceia seja servida para quem já passou pelo batismo. Durante os momentos que antecedem a Ceia, os fiéis são levados a refletirem sobre suas ações, ou seja, se porventura não cometeram “pecado”, pois a Ceia deve ser praticada com a consciência “limpa”, caso contrário torna-se inválida.

Durante a realização desse ritual, é passado um recipiente contendo pedacinhos de pão e outro com pequenos cálices contendo suco de uva. Ao comer o pão, o fiel está, simbolicamente, comendo o “corpo” de Cristo e ao beber o suco de uva, bebe o “sangue” de Cristo. Isto denota que o crente se identifica com a divindade e apreende o seu Deus por meio dessa simbologia, numa forma de reafirmar o pacto que fez com Ele no batismo, ou seja, o de sempre servi-lo. Tanto o pão quanto o vinho são consumidos, coletivamente,

após um momento de silêncio e oração individual sucedido por uma oração em voz alta realizada pelo pastor. Esse é um dos rituais mais formais, realizado reverencialmente, em sentido de oração.

“O simbolismo religioso “não é um sinal que indica meramente o ser divino ao crente. De preferência, a divindade está presente diretamente no símbolo, é um com ele, e está arraigado no símbolo pelo crente. O crente, na presença do símbolo não pensa no seu Deus; ele não associa o sentimento religioso a uma imagem – a associação não entre em tudo, caso contrário a experiência religiosa seria apreensível – ele apreende seu Deus no símbolo da percepção direta (...). O crente vê o ser divino símbolo” (ZUCKERKANDL, 1993: 69, *apud* SANTOS, 2002:69).

Todos os rituais da Surfistas são precedidos por orações, geralmente feitas pelo pastor ou alguém que ele indique. É o momento em que o fiel tem a oportunidade de elevar suas súplicas, bem como agradecimentos a Deus.

“A prece é o ponto de convergência de um grande número de fenômenos religiosos. Mais do que qualquer outro sistema de fatos, ela participa ao mesmo tempo da natureza do rito e da natureza da crença. É um rito, pois ela é uma atitude tomada, um ato realizado diante das coisas sagradas. Ela se dirige à divindade e à influência; ela consiste em movimentos naturais dos quais se esperam resultados... Uma prece não é apenas a efusão da alma, o grito de um sentimento. É o fragmento de uma religião. Nela ouve-se ressoar o elo de toda uma imensa seqüência de fórmulas; é um trecho de uma literatura; é o produto do esforço acumulado dos homens das gerações”.

(MAUSS, 1977, 103, 17).

Geralmente, durante os cultos, as orações são mediadas por alguém, ouvindo-se apenas algumas pontuações de aleluia, glória a Deus. Mas durante os cultos de oração, às sextas-feiras, este quadro muda radicalmente. O número de participantes é bem menor do que o observado em outros cultos. Neste contexto, após a leitura bíblica, realizam-se orações em voz alta, alguns chegam mesmo a gritar, e todos oram praticamente ao mesmo tempo. Eles acreditam plenamente na eficácia desta oração, e muitos que participam deste grupo dizem terem sido “batizados no Espírito Santos”. O batismo no Espírito Santo representa o recebimento de dons espirituais e a simbologia deste batismo é o recebimento do dom de línguas (glossolalia), que consiste no dom de “falar em línguas estranhas”. Diferente do batismo nas águas, o batismo no Espírito Santo – que pode ocorrer até mesmo antes deste – revela que o cristão atingiu um outro grau espiritual, pois torna-se dotado de um poder a mais, pois acredita que Deus opera através dele.

Embora a igreja não incentive este tipo de batismo e não reforce outros elementos “sobrenaturais”, como cura milagrosa, esse fato não impede que alguns jovens busquem este tipo de manifestação. Mas como eu disse antes, esse tipo de reunião é mais restrita, não envolve toda a igreja, apenas alguns participantes.

Práticas de lazer

Podemos dizer que as propriedades do lazer desses jovens ocorre desde o momento em que não se sintam obrigados a estarem ali, na igreja. Presenciamos por diversas vezes os jovens chegando da praia com suas pranchas de surf, no corpo as marcas de um dia de sol e mar, apenas para assistir um culto, pois até onde sabemos, poderiam ter ido para suas casas, para suas famílias, desfrutar de um bom banho e uma refeição quente, mas optaram por estar ali. Esta situação demonstra que as práticas de lazer não devem ser consideradas apenas como as atividades “recreativas” que envolvem seus freqüentadores, como as festas, o surf, os programas de auditório, viagens, acampamentos ou um “simples” culto religioso, pois, em todas essas atividades percebemos a presença de um forte conteúdo de sociabilidade, expresso no contato com os amigos, com os seus pares.

Mas o principal “equipamento” de lazer é o próprio espaço da igreja, seguido da praia e suas próprias casas, que se tornam local de encontro. Percebemos, principalmente entre os jovens do sexo masculino, uma grande concentração de tempo na igreja, local onde planejam, aprendem e se divertem.

O esporte preferido, como não poderia deixar de ser é o surf, mas também abrem espaço para o caratê, capoeira e o futebol, que tem dias definidos para acontecer. As festas ocupam tempo e planejamento, de acordo com o gênero da festa, como a decoração, os estilos de roupa, maquiagem, som, comes e bebes, enfim, tarefas que exigem tempo e dedicação dos jovens.

O caráter principal dessas atividades é que nenhuma delas possui um caráter de obrigatoriedade, salvo os discipulados, levando-se em conta as preferências individuais.

Algumas particularidades dos “sufistas de Cristo”

Passo a descrever agora algumas particularidades referentes ao estilo de vida dos componentes da SC, ou seja, dos elementos que compõem o conjunto simbólico ao qual se chama estilo de vida e que está no cerne do desenvolvimento desta igreja, tornando-se um ponto de referência e distinção muito significativa em relação às demais igrejas evangélicas. Como ressaltou Bourdieu:

“As diferentes posições que os grupos ocupam no espaço social correspondem estilos de vida, sistemas de diferenciação que são a redução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência” (BOURDIEU, 1983:82).

Ao falar do gosto, do estilo de vida do surfista, não estamos falando dos surfistas em geral, mas de um grupo em particular, os surfistas que se converteram ao cristianismo e hoje compõem a Igreja Surfistas de Cristo. Os “Surfistas de Cristo” surge como o efeito de uma adaptação das necessidades de um público específico, como já relatamos. Segundo Bourdieu:

"A correspondência que pode ser observada entre o espaço das posições sociais e o espaço dos estilos de vida é resultado do fato de que condições semelhantes produzem *habitus* substituíveis que engendram, por sua vez, segundo sua lógica específica, práticas infinitamente diversas e imprevisíveis em seu detalhe singular, mas sempre encerradas nos limites inerentes às condições objetivas das quais elas são o produto e às quais elas estão objetivamente adaptadas"(BOURDIEU,1983:83).

Embora nem todos que freqüentem o espaço sejam surfistas, nota-se em seus freqüentadores, uma preferência sempre recorrente em reproduzir o estilo . Um estilo resultante das próprias condições de existência em que estão inseridos, que acabam por expressar preferências, disposições, gostos, a partir das necessidades objetivas das quais ele é resultado.

Ser surfista e ao mesmo tempo evangélico, reflete um princípio de estilo de vida, de preferências diferenciadoras que expressam, na lógica específica deste espaço, um modo de ser e estar no mundo que transparece através de suas vestimentas, linguagem, postura, consumo etc. e, portanto, não cabe uma análise em separado, ou seja, quem é o evangélico ou o quem é o ser surfista, porque ambos são indissociáveis. Para esses jovens, são justamente essas peculiaridades que os tornam distintos perante os outros grupos, ainda que não percebam que suas subjetividades, gostos, sensibilidades e valores são moldados por condições concretas de vida que os geram e que por eles são definidas num estilo.

Para Bourdieu, o gosto é condicionado pelo acesso que indivíduos ou grupos tenham a determinados bens simbólicos ou materiais. Mas seu significado só pode ser analisado em referência a outros gostos e preferências dos quais se distingue. Os grupos de estilo dependem do consumo de bens (materiais e simbólicos). O consumo destes bens se traduz em consumo simbólico, em signos ou diferenças significantes. Por outro lado, sendo os signos um sistema em relação com outros signos, ou seja, sendo seu valor dado pela posição que ocupam no sistema, o estilo de vida significa também relações de associação ou dissociação no sistema de estratificação. Logo, as formas ou estilos de consumo contribuem fundamentalmente para o conhecimento do significado atribuído pelos grupos às suas ações e da própria imagem social do grupo (BOURDIEU, 1979).

Por exemplo, para eles, não basta apenas ser surfista, há todo um conjunto de bens simbólicos e materiais que contribuem para a imagem que os definem. Segundo depoimentos, ser surfista é um estilo “propositadamente largado, mas caro”. O fato de ser caro já transparece como um mecanismo de diferenciação entre o próprio grupo. O mercado de consumo valorizado por eles é composto por materiais importados, portanto restrito, embora alguns economizem todas as suas economias para investir em uma prancha, uma bermuda, ou seja, um artigo valorizado, que lhes proporcionem um sentimento de auto-estima perante o grupo. Devido a essa dificuldade, a opção encontrada por muitos consiste em contentar-se com as imitações.

Ao acompanharmos um grupo composto por dez rapazes e uma garota em uma certa tarde para “surfear”, colhi alguns depoimentos em meu caderno de campo, que passo a relatar agora, o que nos fornece uma melhor compreensão de como eles, os jovens, interpretam o estilo adotado por eles, ou seja, a marca distintiva manifesta em seus corpos.

O estilo “largado” a que se referem, é composto exclusivamente pelo uso de uma bermuda, camiseta regata, chinelo e, ocasionalmente, um tênis ou calça jeans, mas isso raramente. Um acessório indispensável é o boné²⁷. Também fazem também de correntes e pulseiras, de prata, ou imitação: “*pode ser de camelô, desde que brilhe*”.

As meninas costumam ser mais vaidosas, fazendo uso de todos os acessórios disponíveis no mercado para tornarem-se atraentes, não apenas para os meninos, mas principalmente para as outras meninas, “as concorrentes”, como afirmam os garotos. Portanto, não dispensam o uso da minissaia, tops, maquiagem e acessórios em geral, como brincos, colares, anéis, pulseiras, *piercings*, enfim. Ao surfarem, costumam usar maiôs emborrachados, mas não dispensam o biquíni.

Mas para eles não basta simplesmente compor o estilo, deve-se prestar atenção a “grife” que está no auge, não pode ser qualquer uma, caso contrário, torna-se motivo de piadas, do tipo: “...é, *comprou na baciada!*”. Por isso, a primeira coisa que fazem quando chega alguém com roupa nova é olhar a etiqueta.

Enquanto as meninas entram em rivalidade pela atenção dos garotos, os meninos competem em relação às suas pranchas, percebidas como verdadeiro tesouro. Por este motivo, capricham nos detalhes, escolhendo com cuidado o símbolo que irão colocar, o

²⁷ Não pode ser *qualquer* boné, esse item precisa ser composto por oito listras na parte interna da aba, uma espécie de dobradura ou a etiqueta do fabricante, comprovando “*que é de marca*”.

versículo bíblico e, principalmente, a marca da prancha, que não pode ser qualquer uma: “*tem que ser de gringo*”. Indispensável, costuma ser tratada com muito zelo, a ponto de um não poder encostar-se à prancha do outro, senão “*pode riscar*”, “*quebrar*” e coisas desse tipo.

O corpo também recebe cuidado especial. O cabelo deve ser cortado, no máximo, a cada dois meses, caso contrário os comentários são inevitáveis: “*Me empresta a tua peruca aí...*”. O boné é “sagrado”, se alguém, por brincadeira, resolve tira-lo da cabeça do outro é por que está procurando briga. Não gostam de expor os cabelos “despenteados”. Afirmam que até o desodorante que usam é padrão, tem que ser do tipo *rollon*.

Os jovens brincam muito quando estão juntos. Falam muitas gírias, algumas incompreensíveis para eles mesmos. Por exemplo, antes de entrarem no mar costumam fazer um “círculo de oração”. Leonardo, embora não surfista, costuma acompanhar o grupo. Em uma dessas incursões, relata que antes da oração perguntou se alguém tinha algum pedido específico. Sem exitar, um dos jovens responde: “Sim, tem que orar por *capacitamento*”. Diante de tal fala, fez-se um silêncio profundo para em seguida, todos, caírem na gargalhada. O autor da “nova” palavra transformou-se no alvo das piadas da semana.

Dizem não ter nenhum “pudor” em assumir o lado “farofeiro” do grupo. Como gostam de frequentar praias distantes, isoladas, costumam levar pão, refrigerante, suco, frutas e mesmo as “indispensáveis” *marmitex*. Geralmente madrugam para surfar, por volta das cinco horas da manhã. Para não perderem a hora costumam ficar acordados durante à noite, conversando.

Suas conversas pautam sobre vários assuntos, mas o preferido, segundo eles é sobre relacionamento homem/mulher. Indagam coisas do tipo: “*É Deus quem prepara ou a gente que escolhe?*”, ou seja, querem saber se a pessoa com quem vão casar, (assunto constante entre eles) é “determinada” por Deus ou essa escolha é apenas fruto de um desejo individual, em que fizessem uso apenas do “livre arbítrio”. Afirmam não terem chegado a um consenso. Um outro assunto debatido por eles é sobre masturbação, sobre a qual chegaram ao seguinte consenso: “*É pecado, porque a gente não vai se masturbar pensando em um x-burguer, com certeza vai estar pensando em alguém, e esse alguém pode ser a mulher do próximo*”. O mesmo ocorre em relação ao “ficar”, termo já consagrado entre os jovens, e que indica que alguém beijou ou manteve relacionamento

sexual com outra pessoa. Para eles essa prática não é bem vista, *“porque você também pode tá ficando com a mulher de alguém, você só sabe que a mulher é sua depois que tiver casado com ela”*.

Olhando de fora os jovens parecem se integrar em um só grupo mas, um olhar detalhado, revelará que há uma multiplicidade de grupos, cada um deles em torno de um interesse diverso, mas todos formam os “surfistas de Cristo”. Cada grupo estreita as relações entre os seus pares, com quem eles encontram mais afinidades, permitindo que discutam assuntos de seus interesses.

Percebemos que quando estão reunidos e alguém está falando, a atenção tem que ser toda voltada para este indivíduo, caso ocorra de alguém interromper ou falar simultaneamente, este para de falar. A atenção ao que o outro tem para dizer deve ser total. Algo que também nos chamou a atenção é o fato de nunca termos presenciado algum desentendimento entre eles que resultasse em brigas, afirmam que procuram resolver os conflitos da melhor maneira possível, de forma a não se magoarem.

Diferentemente dos meninos, que possuem uma presença notadamente forte na igreja, as meninas comparecem geralmente em ocasiões de culto, com raras exceções. Os jovens deixam claro que o elo de amizade que os une é muito singular, pois reflete a forma como vêem e interpretam o mundo, pois, apesar de conviverem com outros surfistas, para eles não é a mesma coisa, pois estes não “falariam” a mesma língua que eles. Eles se entendem justamente porque um se vê no outro, um reforça o que o outro é.

5.0 - Crise e ruptura

Gostaríamos de abrir um pequeno parênteses para assinalar algumas mudanças ocorridas durante a realização desta pesquisa que desencadeou um movimento de desagregação dos jovens, forçando novos rumos para os mesmos. Mas para compreendermos esse processo, é necessário ressaltarmos alguns pontos que contribuíram para a sucessão desses fatos.

Como percebemos, uma vez convertidos à religião evangélica, os jovens adotam novas condutas morais, um novo discurso pautado pela “diferença”, entre os de Cristo e os “mundanos”, entre os “que fazem a vontade de Deus” e “os que não fazem”, ou seja, delimitam uma fronteira em torno da própria experiência religiosa, limitando-se a viver de acordo com as regras estabelecidas no interior do grupo.

A experiência da conversão pode ser observada através das práticas adotadas pelos jovens, ou pelo menos no deslocamento do foco de atenção destes. Para alguns jovens, a conversão significa a reelaboração de suas práticas, se estendendo ao seu cotidiano. Embora exteriormente não expressem nenhuma mudança significativa, percebe-se um engajamento maior no que diz respeito às atividades religiosas. Começam a demonstrar maior interesse em relação aos cultos, aos estudos bíblicos, e ao louvor. Inclusive para alguns, a SC torna-se incipiente, no que se refere ao “alimento espiritual”, indo buscar em outras igrejas, ou “escolas” de ensino bíblico. Uma frase que ouvi muito dos jovens convertidos durante a pesquisa resume-se no fato de que a SC é uma igreja boa para atrair o jovem para Cristo, mas não o suficiente para mantê-lo, pois seu discurso é fraco, sem “profundidade”. Por este motivo, muitos jovens iniciam uma busca própria por cursos ou outras igrejas que lhes proporcionem este “aprofundamento” no concernente as questões espirituais.

São esses deslocamentos de focos que acaba por criar grupos distintos no interior da SC, reestruturando as redes de sociabilidade, de acordo com as experiências vivenciadas por cada jovem dentro do grupo. Enquanto umas se constroem em função da fé, outras redes permanecem em torno das atividades, dos elementos que compõem a SC. Como aponta Fry e Howe (1975):

“Ainda que a conversão a uma fé religiosa possa ser entendida e publicamente expressa em termos do relacionamento homem/divindade, também envolve certas modificações no relacionamentno homem/homem. Deixar um conjunto de crenças por outro implica modificações no intercâmbio social” (FRY e HOWE, 1975, p. 83).

Para os jovens convertidos há uma compreensão de que existem limites que demarcam nitidamente as fronteiras entre o “sagrado” e o “mundano”. E todo aquele que deseja assumir uma nova “identidade religiosa” deve estar ciente desses limites, submetendo-se a viver dentro dos limites demarcados. O que se postula é uma vida “santa” na fé e nas práticas. E esta “vida santa” implica no “entendimento” das escrituras e o “cumprimento” da mesma, evitando assim uma aproximação das práticas “malignas”. Estas práticas consistem no uso de substâncias consideradas impróprias para o corpo, lícitas ou ilícitas, bem como a “prostituição”, que deve ser entendida como qualquer tipo de envolvimento sem um compromisso, adultério, divórcio, homossexualismo entre outras. O que incorrer nestas práticas está violando o código estabelecido, rompendo as fronteiras que separam o “bem” o “mal”. Caso seja um líder que ocupe algum tipo de cargo no interior da igreja, esta pessoa deve, dependendo da “falta” cometida, confessar seu

“pecado” para a igreja e ficar afastado de suas funções por um período de tempo determinado.

Obviamente que este tipo de conduta, em seu sentido mais radical, postulado pelo grupo convertido, implica em muitas contradições, visto que, é um meio basicamente constituído por jovens de corpos sensuais, queimados de sol e, quase sempre, à mostra. E nessa busca de santidade, o namoro é desestimulado, pois, obviamente levaria ao sexo, o que não é permitido antes do casamento. As contradições que emergem da nova experiência reproduzem dimensões vinculadas aos sentimentos, à busca de “verdades”, à fé e aos vínculos com o sagrado. No outro lado, estariam as dimensões mais particularizadas da experiência humana, as “aflições”, as “angústias” e “conflitos amorosos e existenciais” (FRY e HOWE, 1977).

Portanto, um fato ocorrido durante a pesquisa, envolvendo o confronto entre esses “dois mundos” levou-nos a redirecionar nosso foco de análise, a partir das mudanças ocorridas desde então. A descoberta de que o pastor, seu líder principal pudesse ultrapassar a fronteira estabelecida, entre sagrado e o profano, revelou a atitude dos jovens diante de tal conflito.

Pouco antes da mudança definitiva para a sede começou a circular no interior da igreja boatos de que Paulo estaria se divorciando de sua esposa e, possivelmente, envolvido emocionalmente com uma jovem da igreja. Mesmo sem nenhuma confirmação evidente, alguns jovens decidem sair da igreja, alegando incompatibilidade em conviver com um líder que estivesse em “pecado”. Paulo não se manifesta, assume uma atitude no sentido de se preservar, diferente do que os jovens esperavam dele, isto é, uma confissão de “arrependimento”, ou de negação dos fatos. Diante de sua atitude, o clima na igreja torna-se insustentável para alguns, o que leva os jovens a se reunirem e pedirem o afastamento de Paulo até que a situação seja totalmente esclarecida. Diante da pressão exercida pelo grupo, Paulo nomeia seu filho mais velho como pastor e “entrega” o cargo a ele, se “afastando” de suas atividades principais, ou seja, pregar, mas de certa forma, esteve sempre por perto. Paulo fica “fora” das atividades da igreja por aproximadamente um ano. Esta decisão promoveu uma aparente calma no interior da SC, embora o clima de intrigas e fofocas perdurasse ainda por um bom tempo, pois havia sido criada uma situação de instabilidade e desassossego entre os jovens.

Devemos entender que, de acordo com a lógica estabelecida a partir dos valores e códigos do grupo, a possibilidade de seu principal líder ter ferido estes códigos, era algo inaceitável. Mas, diante destes acontecimentos, pelo que pudemos observar, o que de fato pesou contra Paulo não foi exatamente o fato dele ter incorrido em práticas contrárias ao grupo, mas principalmente por não ter esclarecido toda a situação diante de todos, uma vez que ocupa o principal cargo de liderança no grupo. Os jovens alegaram falta de sinceridade, de comprometimento com sua palavra, ruindo a confiança das relações estabelecidas dentro do grupo.

O clima dentro da igreja mudou drasticamente. Não se percebia mais a mesma euforia presenciadas anteriormente. Os ânimos se dividiram, pois nem todos compartilhavam da mesma opinião. Alguns resistiam veementemente em admitir ou mesmo cogitar alguma veracidade às acusações, aguardando o retorno de Paulo, enquanto outros, apenas se resignavam a aceitar Roberto como o novo pastor oficial, esperando para ver como seria.

Gera-se entre os jovens um clima de disputas, implicâncias, jogos de poder. Neste clima, as fofocas internas se revelaram como um mecanismo regulador das relações na rede deste grupo, do acerto das diferenças, dos embates diretos e indiretos e, finalmente, das cisões.

O filho de Paulo, apesar de ter assumido a direção da SC, não concorda com a saída de seu pai, alegando que o espaço é uma criação e idealização de Paulo, considerando uma injustiça ele ser colocado de lado neste momento de crise pelo qual está passando. Os jovens retrucam, alegando que o espaço também pertence a eles, pois de alguma forma também foram responsáveis pela sua construção, seja na doação de tempo de trabalho como na doação de recursos. Respaldam-se na Bíblia, fundamentando-se no seguinte versículo: *“Convém que o bispo tenha bom testemunho dos que estão de fora, para que não caia em afronta e no laço do diabo (I Timóteo: 3, 7).*

Passado aproximadamente um ano, crises financeiras levam Paulo a retornar e reassumir seu cargo. Diante dessa sua última decisão, praticamente todos os jovens que haviam ficado, bem como os que entraram durante sua ausência, decidem abandonar o espaço SC, percorrendo novos caminhos.

No quinto capítulo abordamos de forma mais detalhadamente as diferentes trajetórias dos jovens a partir da desagregação do espaço.

CAPÍTULO III

OS JOVENS NA IGREJA

Neste capítulo os jovens falam de sua entrada para a igreja, descrevendo suas primeiras experiências junto ao grupo e, mais especificamente, destacando o espaço destinado a construção da sua sociabilidade. Conforme ressaltou Durand (2000), em seu estudo sobre os jovens catarinenses, a sociabilidade é parte fundamental do processo de socialização vivenciado pelos jovens em seus grupos, como um lugar privilegiado das escolhas, da construção de sentidos, da solidariedade e da construção da autonomia.

Embora a Surfistas de Cristo seja uma igreja constituída por jovens de segmentos distintos, um olhar mais atento perceberá uma presença mais marcante por parte de jovens provenientes dos segmentos mais pobres da cidade. É um espaço no qual o jovem encontra a oportunidade de tecer novas redes de sociabilidade e solidariedade, contribuindo para uma nova visão de mundo, fundamental na elaboração da identidade.

Notamos um equilíbrio entre o número de participantes masculinos e femininos, embora seja mais evidente uma presença marcadamente masculina na constituição dos grupos, evidenciando uma participação mais discreta por parte do público feminino. Por ter nascido em meio aos surfistas, é uma igreja despida de austeridade, marcadamente informal, onde seus participantes confundem-se em meio a bermudas, camisetas, chinelos e pranchas, cabelos e peles queimadas de sol. Ou seja, assumem um estilo propositadamente desprezioso, que se torna uma referência e uma preferência sempre recorrente nos demais participantes, mesmo os não surfistas, orientando e organizando as práticas mais diversas, desde a escolha das roupas até as opções de lazer.

Para que a igreja se sustente e se fortaleça é necessário a adesão de outros jovens ao grupo, motivo pelo qual não poupam esforços em divulgar o espaço junto a seu público alvo, ou seja, os jovens. Fundamentados neste propósito, saem em grupos pela orla da praia, entregando panfletos e evangelizando, organizando shows ao ar livre, festas nas dependências da igreja, campeonatos de surf, ao mesmo tempo em que se afirmam a partir do reconhecimento do outro, ganham visibilidade, abrindo-se a novas possibilidades de reconhecimento e de convivência coletiva.

As atividades que divulgam incluem evangelização, a partir de testemunhos de jovens que vivenciaram algum tipo de transformação em suas vidas. Esses testemunhos são

reforçados pelo exame da Bíblia. Ocorre também a apresentação de bandas evangélicas, discipulado aos convertidos, que consiste em ensinamento e estudos da Bíblia. O jovem também encontra espaço para se aconselhar junto à liderança da igreja. Além destas atividades, há também uma ênfase voltada para os surfistas, pois apesar de estar aberta a qualquer um que queira participar, os surfistas continuam a ser o alvo principal. Para este segmento, a associação inclui atividades destinadas a praticantes de surf e *bodyboard*, cadastramento de atletas associados, surf-treino semanal feito por surfistas profissionais, acompanhamento dos atletas aos campeonatos, trabalho junto à professora de Educação Física no condicionamento físico dos atletas e estágio de juízes de surf. Outros cursos também são proporcionados, como aulas de judô, aulas de música, aulas de ginástica, escolinha de surf.

Além dessas estratégias, os jovens são convidados à prática da solidariedade com a arrecadação de alimentos e outros suprimentos para formação de cestas básicas para famílias carentes. É constante também a presença de alguns jovens em campeonatos de surf com o intuito de evangelizar, bem como eventos promovidos na cidade, entre outras atividades.

Acompanharemos agora a trajetória destes jovens a partir de sua entrada na igreja, destacando seus momentos individuais e coletivos, os motivos que os fizeram a permanecer no grupo e como analisam as experiências pelas quais passaram.

1.0 - Entrada para a igreja

A aproximação com o grupo SC costuma ser descrita como casual, mediante um convite. Mas após os primeiros contatos os jovens relatam que se sentiram motivados a voltarem outras vezes, alguns “tocados” pelas palavras que ouviram, outros pela presença de “Deus” no local. Independente da forma como cada jovem aproximou-se pela primeira vez do espaço, todos concordam que permaneceram porque sentiram a presença de “Deus”.

“Eu comecei na escolinha de surf, os professores e os alunos, me convidavam, aí eu vim, gostei, passei a vir mais, mas só por vir. Quando eu conheci realmente a Jesus eu passei a vir” (Eric).

O lazer descompromissado é um dos principais elementos a atrair os jovens. As mensagens dirigida a eles costumam ser curtas, dando prioridade à música e ao testemunho de outros jovens que passaram por algum tipo de experiência após a entrada para o grupo. Ou seja, o tempo destinado aos cultos e dirigidos de forma a enaltecer o contato com a

vida, a natureza e o mar, ao mesmo tempo em que colocam o Criador acima de todas as coisas. Esse momento consiste em uma experiência marcante para muitos:

“Meu, quase chorei com o testemunho e falei, meu, é esse Deus que eu quero pra minha vida, e depois de uns três meses, aí eu aceitei Jesus, depois de uns três meses que eu ouvi o testemunho desse menino. (...) e aí ia só às sextas-feiras, o Espírito Santo me convenceu, e ia pro baile funk no domingo, só que o Espírito Santo me convencendo, de repente não senti mais prazer de ir pra baile funk, nem pra ir pra lugar nenhum, mas só de tá indo pra presença de Deus, porque era um negócio muito bom, sabe, era a presença de Deus, era, sei lá, algo que só quem sente mesmo assim, nem se eu andando numa montanha russa, ou se eu usando dez baseados mesmo... algo tremendo!” (Leonardo).

Para outros, o clima de informalidade marcado pela presença de muitos jovens no local é motivo mais que suficiente para retornarem outras vezes, mas dificilmente escapam de um tipo de vida influenciada pelos valores religiosos, do caminho de salvação que é o bem maior a que se propõem:

“Eu comecei a vir pra igreja foi assim no oba, oba, né, mas aí o Espírito Santo me impactou, me convencia mesmo do pecado, do juízo e da justiça” (Julia).

É comum também a adesão por parte de jovens vindos de outras igrejas evangélicas, alguns por se identificarem, outros, por já estarem afastados de suas igrejas de origem há algum tempo, sentem-se à vontade, pois não se sentem exigidos da mesma forma que nas igrejas tradicionais, ou mesmo porque a igreja em questão faz parte de sua escolha pessoal:

“Quando você está em uma igreja que tem suas regras feitas por homem, você vai ter que mudar teu caráter para se adaptar a igreja. Quando você está em uma igreja liberal, você entra como está, e o espírito Santo vai te transformando. Quando você vê, estando em uma igreja liberal, vai ter a mesma conduta de vida do que aquela pessoa que está em uma igreja tradicional. Só que vocês chegaram de formas diferentes. Ela chegou por imposição, e você por escolha” (Raquel).

Um dos marcos que confere legitimidade ao jovem no espaço da igreja é a passagem pelos rituais básicos. Esse ritual consiste na salvação, princípio básico do cristianismo, realizado mediante a aceitação e confissão do fiel, seguido do batismo. No espaço SC esse é um direito de escolha dado a qualquer um que “sinta” uma necessidade de maior aproximação com o sagrado, de ascender ao “Reino do Pai”.

Esses passos costumam ocorrer da seguinte forma: ao final de toda pregação é comum o orador da noite oferecer esse momento ao visitante a partir da clássica pergunta:

“*Você aceita Jesus como senhor e salvador de sua vida?*” Quem aceita é convidado a levantar a mão e ir à frente da igreja onde, juntamente com o pastor, realiza uma oração de “confissão”, ou seja, de que aceita por escolha própria dedicar sua vida a Jesus. Esta oração simboliza o primeiro passo do indivíduo para uma “nova vida”, inscrita “nos limites da busca por uma integridade física e moral, que aproxima aquele que “nasce de novo da água e do espírito” das coisas de Deus.

O batismo é o passo final que delimita as margens da santidade. Representa colocar-se à margem do “mundão”, ou seja, de tudo aquilo que não se enquadra nos limites do sagrado (CUNHA, 1993).

Após o “novo nascimento” ocorre a introdução do jovem em um dos grupos de discipulado, espaço que, além de propiciar a descoberta da “Palavra”, introduz o jovem dentro dos códigos do grupo, de novas condutas morais, de uma nova linguagem, estabelecem um confronto entre o “velho homem” e o “novo homem”.

O discipulado: Introdução do jovem nos grupos

Habitualmente há um ritual de acompanhamento do novo convertido. O discipulado é uma das principais práticas que todo novo integrante, bem como os antigos, deve fazer parte. As figuras do discipulado e a do discípulo foram introduzidas para dar sustentação ao novo convertido e integrá-lo com mais rapidez e eficiência na dinâmica do cotidiano da Surfistas de Cristo. É no discipulado que, aos poucos, o jovem irá se envolver e ser voluntário em tarefas na igreja. Este ritual caracteriza-se por encontros constantes, horas que antecedem o culto ou em dias acertados entre discipulador e discípulo. Consiste no estudo da “Palavra” (Bíblia) e em conselhos de ordem moral, social e familiar, bem como na convocação da posição de cristão e do exemplo que esse suscita nos outros²⁸.

O discipulado destina-se a intensificar a carga afetiva do processo de socialização no qual o jovem se insere. É um processo no qual percebe-se uma entrega do indivíduo a essa nova realidade. Aos poucos se observa uma mudança na linguagem, na forma de se expressar, na forma de interpretar os fenômenos a sua volta. É um espaço que também permite que os jovens discutam seus pontos de vista e de dêem sua opinião. Geralmente o líder do grupo destina algumas atividades para serem realizadas durante a semana, como

²⁸ Há um líder fixo para cada grupo de discipulado.

trabalhos, leituras, etc. Atividades estas que são cobradas a cada encontro, como relata Leonardo, discipulador de jovens:

“Se é pra ler a bíblia, então é pra ler. Eu sou bem duro com o pessoal do discipulado. Meu, pra escola, fazer um trabalho digitado no computador, com uma capa bonita, entendeu, chega com o resumo, o capítulo que você leu na semana, um trabalho feito de rascunho numa folha de papel, isso eu não aceito, porque pra Deus tem que ser o melhor, então eu sou bem duro mesmo. Aí eu rasgo na frente deles e falo, olha meu, isso aqui... isso aqui é pra quem? Pra que Deus que é, fala pra mim...” (Leonardo).

O discipulado é um requisito necessário para todo aquele que deseja se tornar membro da igreja, ou assumir algum cargo de liderança.

“A gente tem os grupos caseiros que é discipulado(...) Tem grupos do discipulado que é obrigatório, se você já tá pensando numa liderança, é importante, a gente aprende bastante também. É... reunião, tem grupo de jovens, tem o point quadra que é vôlei, futebol e tem o point paz, que o pessoal vem aí...” (Vanessa).

Ao ser introduzido nos grupos de discipulado, o jovem passa a interiorizar as normas que asseguram a regularidade da vida entre o grupo. O convívio com o grupo reforça essas normas, e a mudança transparece através da incorporação paulatina de uma nova linguagem, gestos que se estendem para as relações familiares, no lazer, nos projetos futuros, novos significados vão sendo incorporados a sua visão de mundo.

2.0 - Novo espaço, novas experiências

Muitos estudos evidenciam que os jovens possuem aspirações próprias, e o desejo de viver em grupo é uma delas. Isto se revela, também, pela fala dos pesquisados:

“Ah, foi o pessoal cantando pulando, também, o meu estilo mesmo e as músicas, o pessoal em si entendeu, o homem assim em si, aí assim eu fui conhecendo a Palavra (Marcos).

Mas assumir uma identidade religiosa envolve uma série de decisões. A primeira delas é relatada pelos jovens como o preconceito social:

“É muito difícil, muito, muito, muita coisa em cima, muita autoconfrontação, e...É difícil porque todo jovem ele é muito tentado, todos os dias na casa, entre amigos ele é muito julgado, ele tem milhões de motivos, se ele não conhece Jesus e se envergonha de Jesus porque, só conhecendo assim mesmo, né, que você pode mostrar para eles que Ele é rei, que você não tem motivos para se envergonhar mais, muitas vezes, se vê que na Palavra achavam que Jesus era motivo de vergonha, é difícil” (Marcos).

Muitos afirmam ter vivenciado situações de discriminação, alguns pela própria família, outros pelos amigos da escola. Diante desse conflito interior, ou o jovem sai da

igreja, por não agüentar a pressão, ou ocorre o contrário, ou seja, uma intensificação da vida espiritual:

“É muito difícil levar a vida do jovem cristão porque é diferente, principalmente pra mim, porque minha família não é e meus amigos não são. Eu passo altas lutas em casa sobre confrontamento cristão. Na rua mesmo, por amigos, se tu for falar alguma coisa: - ah, tu fala isso porque tu é crente. Durante o domingo o pessoal vai pro baile se divertir, ficar com garotas enquanto a gente prefere ir na igreja. Na escola a gente tem que dispensar meninas por amor a Cristo, acaba dificultando lidar com os amigos porque a gente quer fazer tudo aquilo só que por amor a Cristo a gente tenta resistir, faz de tudo, então muitas vezes é difícil” (Eric).

Ao aprofundarem as relações com os outros jovens da igreja, o grupo acaba se tornando algo fundamental, não se reduzindo apenas aos cultos ou discipulados. Constantemente estão juntos na igreja, na praia ou na casa de alguém da igreja.

“ A gente se encontra aqui na casa da Silvia, Caíque. Então o pessoal vem pra cá, a gente assiste um filme ou então vai para a praia, ou faz festa na igreja, a gente vai na festa, vai na pizzaria, vai no cinema...” (Fabiana).

Aos poucos, esta nova realidade ganha contornos de unidade espiritual, como se estivesse presente em todos os membros do grupo, como se fosse difícil pensar em um sem o outro:

“Acho que se a gente é parecido... é... a gente é parecido com Cristo. Todo mundo é parecido, fala do mesmo jeito, as vezes. Judas teve que identifica quem daqueles lá..., identifica pra mim? Vou identificar, Judas falou. Com um beijo, aquele que é Jesus, por que Jesus e os discípulos se confundiam. Às vezes as pessoas chagam aqui e falam: quem é o pastor? Ela não sabem, entendeu? A gente é parecido, mas por causa da espécie que habita em nós é o mesmo. Quem é o líder dos jovens? È tanta gente falando de Deus, é tanta gente falando...é tanta gente parecida, não porque a gente faça força pra estar igual, mas porque o espírito é o mesmo, andamos num só espírito” (Berenice)

Isto não significa que todos compartilham dos mesmos sentimentos. Vanessa, que passa a maior parte do seu tempo na igreja ajudando seus pais na administração da lanchonete Point Paz, não vê o fato de estarem sempre juntos como positivo. Sua fala demonstra sentimentos contraditórios em relação ao grupo:

“É bom porque você, quando você ta com problema, as pessoas sabem já, tem uma palavra pra te consolar, então é bem irmão mesmo (...) Claro que tem pessoas que não te agradam, lógico, em algumas atitudes, né, mas você também não é perfeito, não vai se dar com todo mundo, né, algumas coisas você não gosta. Eu não gosto de panela, não gosto de formar grupinhos, fica falando daqui, fica falando dali, tem uma fofoquinha desse grupo e vai pro outro” (Vanessa).

Para Caíque, o convívio com o grupo da igreja significa:

“Uma diversão. Você conversa, né, fica conversando ali com o pessoal, forma um grupinho, a gente vai pra lá, vai pra cá, na igreja mesmo ali... Às vezes a gente combina de ir pra cinema, acampadentro com o pessoal, é tipo... o pessoal acampa dentro da igreja, não pode sair, aí faz os jogos lá dentro, daí as meninas dorme lá em cima, os meninos dorme lá em baixo e no final do acampadentro tem uma festa”(Caíque).

Para Fabiana, ex-membro de uma igreja pentecostal tradicional, a opção pela SC se deu em função de poder conciliar fé e diversão, uma decisão aprovada por sua família:

“Minha mãe gostou muito quando eu vim pra cá, ela falou: agora Fabiana esta onde ela sempre gostaria de estar, porque é um ministério muito jovem, e ela gosta disso, de turma, de sair se divertir. Ela ta muito bem”(Fabiana).

O “estar junto” torna-se uma necessidade recorrente. Por esse motivo arrumam muitos pretextos para estender o máximo possível os momentos passados juntos. O depoimento abaixo reforça esse sentimento:

“Ah, se possível, todo final do culto dos jovens, toda semana. A gente tem que ta junto meu, pelo menos, duas vezes por semana, sabe? Pra gente se divertir, curtir... igual, agora, no culto dos jovens, a gente vai tentar fazer tipo duma gospel... acabou o culto, sabe, apagar as luzes e deixar só umas luzes legais...assim, e rolar um som, sabe... Vai ter um barzinho com telão, vai rolar um surf, então uns cliques, vai ser bem legal, vai ser muito legal...” (Leonardo).

A igreja não é o único local de encontro. Quando não estão na praia, onde se encontram para jogar bola, vôlei e, logicamente, surfar, elegem também algumas casas como “point”:

“Aqui em casa, é o point, né, vem sempre gente pra cá, quase todo dia. Todo dia é quase festa aqui em casa, de noite. Tem gente que traz fita, traz DVD, deixa aqui, tem um at, que esqueceram ontem. Tem uma panelinha, né, começam a falar que tem as panelinhas na igreja, daí tem um pessoal que sai assim direto, uma programação, assim, todo mundo junto. Até minha mãe, às vezes assim, também vai, não dizendo que minha mãe é velha (risos), aí a gente sai, combina todo mundo assim e a gente vai”(Caíque).

Esse estímulo constante para estarem juntos aos poucos fecha o círculo de tal forma que a experiência vivenciada pelos jovens vai se fechando em meio ao grupo, impedindo-o por vezes de comparar suas experiências a outras visões de mundo.

“Eu vou à igreja, surfo, mas sempre com o pessoal da igreja, jogar futebol na praia, às vezes na quadra, na escola tem campeonato às vezes” (Geraldo).

As relações pessoais entre os frequentadores repercutem nas responsabilidades sociais de cada membro em seu cotidiano. Andar pelas ruas apenas por andar, ir de casa em casa para mostrar fotos, levar convites ou apenas conversar é uma prática corrente entre os integrantes da igreja, trata-se de um interesse comum que isso ocorra para que possa sedimentar ainda mais as relações, tornando-as naturalizadas.

Mas, em alguns casos, esse convívio constante começa a afetar principalmente as relações familiares, causando, por vezes, sentimentos ambíguos. Quando as afinidades passam a ser compartilhadas com as pessoas de dentro da igreja, o “cimento” que os une está na fé, compartilhada pelos que se afirmam “irmãos” ou “*brothers*”²⁹. Embora possam até ter com quem contar fora da igreja, falta o sentimento de cumplicidade, quando o assunto é fé religiosa ou opinião acerca de atos aprovados e reprovados por diferentes pontos de vista, surgindo os conflitos. Por exemplo, o pai de Eric (um dos jovens da pesquisados), acredita que ele deva sair com meninas pois, na sua visão, é natural que assim o faça em sua idade, um garoto praiano e bem apresentado. Porém, o que seu pai não pode compreender é o fato de Eric, em razão da orientação religiosa adotada após sua entrada para o grupo, não concordar com seu ponto de vista, o que o leva a encontrar apenas entre seus pares o apoio que necessita para realmente se sentir em “casa”. No grupo todos “adotam” e concordam com sua postura casta, em que o namoro ocorre apenas com compromisso. Esse confronto que coloca em xeque as relações entre pais e filhos acontece justamente porque os pais, não evangélicos, tendem a não compreender e a não aceitar a mudança de comportamento de filhos que se “convertem” à fé, ao grupo ou ao modo de vida evangélico. A idéia de que “deixam de ser jovens normais, como os outros...” é a mais citada pelos progenitores e responsáveis.

“Eles não falam muito, porque não gostam, meu pai acha que se falar eu vou mudar. Eu só conversei com eles uma vez, eles acharam que eu mudei, eles falam que eu mudei bastante, que é legal, eles preferem que eu esteja na igreja do que no mundo. Eles têm medo de eu não aproveitar agora e se arrepender no futuro, de eu estar deixando de aproveitar a adolescência, saindo, balada, garotas (...) mas eu sei que é por preocupação, o com medo de que eu me arrependa futuramente” (Eric).

Embora haja um estímulo constante para a vida restrita aos grupos de jovens da própria igreja, alguns se permitem relacionar-se fora deste círculo restrito. Luciano, por exemplo, mestre capoeirista, utiliza o espaço da SC para ministrar suas aulas. Ele também professa a fé evangélica e já é membro da SC há cerca de dois anos e meio. Diz que apesar de ter nascido em uma família evangélica - inclusive seu avô é pastor de uma igreja tradicional - só abraçou essa fé há algum tempo. Para ele, a SC inovou ao conciliar esporte e fé, dando ao jovem a oportunidade de praticar muitas modalidades nesse espaço. Acredita que dessa forma possa influenciar positivamente o comportamento ético e a sociabilidade de seus membros. Mas, como ele mesmo relata, a sua maior preocupação

²⁹ Irmão, ou *brother*, são os termos comumente usados entre os jovens desse grupo, definindo um um laço familiar de identificação.

atualmente é com a “vida” de seus alunos, abrindo mão do convívio junto ao grupo de jovens da igreja.

“O meu grupo hoje são os meus alunos. A minha preocupação hoje são os meus alunos e o meu aluno é o mais importante. Então, meu aluno tem lanchonete, eu vou lá comer o lanche dele, mesmo às vezes eu falando se eu comer o lanche dele, amanhã eu não tenho o que comer, porque aqui eu não tenho dinheiro pra ir pra casa, então eu fico sem almoçar, mesmo eu falando, eu não tenho R\$1,50, R\$2,00 pra comer aqui, vou comer lá, porque eu sei que é importante pra ele, entendeu. Eu acho que é assim, hoje eu me desviei um pouco de grupos e me focalizei nos meus alunos, entendeu, que é a minha turma” (Luciano)

Outros jovens, como Leonardo, dedicam-se a orientar e discipular novos convertidos. Procuram reforçar constantemente a união dos grupos de jovens, e incentivam os jovens a saírem pelos calçadões e praias evangelizando e convidando garotos e garotas para alguma atividade desenvolvida na igreja. Esse jovem demonstra ter adquirido um certo grau de autonomia e orienta sua ação a partir de seus próprios critérios com o anúncio do “reino de Deus”. Segundo seu depoimento, procura tratar os jovens como se fossem seus “filhos”, e, assim, forma procura mantê-los sempre unidos:

“Olha meu...eles são muito importantes, porque eu tenho um carinho de pai mesmo, sabe, eu cuido deles, cuido muito...sabe, oh, Leonardo, eu to assim... Meu, o que tu ta precisando... sabe, sei lá, é, ajuda meu, mesmo que financeira, a gente racha”(Leonardo).

Mas os interesses podem mudar, principalmente quando surge um relacionamento afetivo. O convívio com o grupo costuma esfriar e as atenções se voltam para a outra pessoa, que geralmente também faz parte do grupo, como no caso de Julia.

“Olha, ultimamente... ultimamente eu tenho saído mais com a pessoa que eu to orando, que é o Flavio, e com assim, com os pais deles, que são pessoas assim... muito legais, mas assim, há um mês atrás, um tempo atrás, muito assim... com os meus amigos, o Leonardo, a Sílvia, o Caíque, a gente se reunia assim, na casa do Caíque, pra ver filmes, comer pizza, conversar, comer pipoca, sabe, jogar conversar fora. Acho que a diversão que eu mais gosto é essa mesmo”(Julia).

3.0 - Atividades e práticas de lazer: Sociabilidade

A sociabilidade, entendida aqui, enquanto parte do processo de socialização vivenciada pelos jovens em seus grupos, lugar privilegiado de suas escolhas, uma construção que concentra, simbolicamente, o “descompromisso” socialmente permitido antes das responsabilidades adultas.

O espaço da SC é pensado de forma a promover a construção da sociabilidade entre seus freqüentadores. Portanto, há um investimento em atividades que são praticadas em conjunto, como conversar, reunir-se em suas casas para assistir a filmes, ir à praia, surfar, ouvir música, freqüentar pizzarias, cinemas, acampamentos e “acampadentros”³⁰, festas, programações que “copiam” da tv, como *talk shows*, “gospelteca”, onde dançam ao som de variados ritmos musicais como *rock*, *reggae*, *funk*, *rap*, pagode, sem contar os infinitos “bate-papos” pela Internet. Estas atividades costumam ocupar boa parte do tempo livre dos adeptos:

“Todo último sábado do mês... eram três sábados e a gente costumava dividir da seguinte maneira, o primeiro sábado era culto, palavra e louvor, o segundo evangelismo, o terceiro culto e o quarto era uma alternativa jovem, um programa de auditório que eu tava dirigindo. Então, nesse programa de auditório a gente organizava as atrações, normalmente o Leonardo que apresentava, a gente fazia umas atividades bem legais, atração musica, brincadeiras, várias festas assim, bem legais assim” (Julia)

Ao “dessacralizarem” o uso do espaço acreditam estar inovando, radicalizando, numa forma de contraposição à rigidez dos costumes adotados por grande parte de grupos religiosos. Reflete também um princípio de reelaboração da própria imagem do “crente”, enquanto pessoa “distante” e “arredia” ao “mundo”.

“A gente faz muita festa, se alegra muito e a diferença que isso faz é que aqui eles têm algo que eles não tem lá fora. Seria essa a segurança de que ninguém vai ficar bêbado, ninguém vai te agarrar, aqui você tem essa segurança, você tá com seus amigos, então é um ambiente diferente do que eles vêem no mundo. Essa é a função da igreja, ser diferente. Então esse é um ponto em que a gente bate bastante, de ter festas, falar a língua do jovem e muitas atividades” (Roberto).

Para eles, a “salvação” prescinde muito mais da compreensão do seu lugar no mundo do que propriamente da submissão a regras impostas por homens, por líderes religiosos.

“Quando eu encontrei essas pessoas normais que sabiam, que podiam vestir bermuda... vestissem normalmente e pessoas de Deus, eu falei: não, aqui é o meu lugar. Esse é o evangelho. Sem tradicionalismo, sem religiosidade, sem ter que usar saião, sem ter que fazer ritual para entrar na presença de Deus, fazer tudo normal, tudo natural, tudo flui naturalmente, tudo flui numa boa. Isso é ser feliz. Esse é o evangelho que eu procurava” (Berenice).

E é justamente em torno das práticas de lazer que se percebe uma participação mais ativa dos jovens na igreja. As festas, o encontro festivo, com data marcada e tema escolhido é constante entre eles: “festa do ridículo”, “festa *black*”, “festa das celebridades”,

³⁰ Quando acampam dentro da própria igreja.

“noite *gospel*”, “*cyber fest*”, entre outras, com produção detalhada e participativa de todos. Nos dias que antecedem a festa há uma grande mobilização de pessoas e recursos, principalmente da liderança. Paulo, pastor e gestor financeiro da Surfista de Cristo, é quem avalia a possibilidade de compras³¹ dos adereços utilizados na confecção do salão da igreja, que se transforma em pista de dança. Mas isso não impede que os próprios jovens levantem fundos para as festas, com idéias criativas, que rendem benefícios.

“Agora eu e o Leonardo ta com esse projeto de ministério jovem, ta fazendo carteirinha, ta fazendo um monte de coisa assim, pra... pra... excursão, de carteirinha que vai ter desconto, que vai ter brinde, vai poder entrar nas festas de graça...” (Caíque).

A festa é um ritual necessário em diversas culturas urbanas e subculturas. Porém, na SC é um elemento fundamental que serve como mecanismo agregador, principalmente daqueles que são “novos convertidos”, que estão experimentando pela primeira vez a convivência em um espaço religioso, numa forma de desconstrução da imagem do cristão. A festa é importante porque une os indivíduos, congrega-os num mesmo sentido e é um espaço para o exercício da sociabilidade. Os elementos religiosos transparecem através da música e na ausência de bebidas alcoólicas, substituídas por sucos e refrigerantes, e a “fumaça” dos cigarros, substituída pela fumaça do gelo seco:

“Na época em que eu vim teve lual, teve umas coisas assim, que na verdade, chama a atenção... do jovem, né, é um atrativo muito bom assim, né, pro jovem, ainda mais o jovem surfista, vendo lual, suco, água de coco, aquele reggae, então, uma coisa bem legal, né” (Julia).

De fato, é nesses encontros festivos que a nova identidade evangélica vai se constituindo e os “talentos” vão se evidenciando, as responsabilidades vão sendo assumidas face ao outro, à comunidade, à família e à sociedade como um todo. Aos poucos, comportamentos, linguagens, atitudes começam a se modificar. Da mesma forma comportamentos que jamais seriam assumidos no cotidiano, gestos, conversas e posturas são trazidos à tona nos momentos de convívio no grupo religioso, com a utilização de novos termos, baseados no discurso da diferença:

“No começo, eu quase não lia a Bíblia, assim não pregava pra ninguém e agora já to falando...fazendo a diferença (...), como hoje mesmo eu ter pregado na Natália” (Renan).

³¹ O dinheiro utilizado na preparação dos eventos realizados na igreja são advindos de ofertas e dízimos, dos próprios jovens e de anônimos que investem na igreja, geralmente atletas que alcançaram posição de destaque profissional.

Embora procurem negar, há uma divisão interna, formada por grupos em torno de interesses próprios, formando subgrupos, embora as atividades costumem ser as mais democráticas possíveis.

“Olha, a panela (risos), eu não sou panela, tem, o que a gente fala assim, é que o pessoal costuma dizer que é panela, é uma panela que vem todo mundo e cabe todo mundo, então assim, mas assim, mas as pessoas mesmo assim são cerca de umas quinze pessoas, que a gente meu, essas pessoas tem que ir entendeu, sabe essas pessoas tem que ir, se as outras não quiserem...” (Leonardo).

Essas divisões provocam separações e geram desconfianças. Mas os jovens dizem procurar resolver essas diferenças através da oração, evitando assim conflitos abertos, provocando maiores desconfortos em atividades comuns a todos:

“Ah, existe uns segredinhos entre uns e outros assim entre eles, mas... mas deve ser do meu íntimo com Deus e é o que vale, entendeu. Tento me enturmar, se ele não quiser eu to orando pela vida dele” (Marcos).

Algumas atividades praticadas dentro da igreja também provocam divisões, como no caso da capoeira:

“Acho assim, dentro das igrejas, as pessoas vêem a capoeira muito mal, automaticamente. Não resisti tentar trazer a capoeira (...), tem pessoas que não entendem, tem pessoas que entendem, mas as pessoas respeitam. Acho que é o mais importante.” (Luciano).

As aulas são desenvolvidas no salão principal da igreja e são freqüentadas, sobretudo, por pessoas de fora da SC. Luciano explica que a resistência contra a capoeira está contida no preconceito nutrido ao legado dos cultos de origem africana, como candomblé e umbanda, uma vez que essas culturas são demonizadas na cultura cristã:

“Eu fui buscar estudar todas as religiões, então eu sei muito sobre espiritismo, muito sobre candomblé, muito sobre quimbanda (...) Eu me preparei pra isso porque todo esse preconceito que vem e que na história é totalmente irreal, né, a capoeira não tem religião, né, então eu fui um cara que fui estudar isso” (Luciano).

Além do preconceito em relação à capoeira, alguns episódios³², envolvendo o antigo professor, contribuíram para torná-la ainda mais mal vista pelo grupo. Esse é um dos motivos que levam Luciano a aproximar-se mais dos seus alunos, à medida que se afasta dos jovens da própria igreja. Segundo ele, seu grupo de alunos é bem eclético, englobando desde uma criança que reside nas imediações até um jovem que atualmente cumpre pena na Febem, mas que foi autorizado a freqüentar suas aulas. Para ele, essa diversidade é significativa na troca de experiências.

³² Segundo depoimentos, o professor anterior saiu após engravidar uma garota do grupo.

“Este aluno tá vindo e eu respondo por ele aqui. Esse aluno vem por que? Vem pra roubar supermercado, dez horas da noite ele tem que tá em casa, ele vem porque quase matou um lá, tá jurado de morte aqui, bateu não sei em quem lá, se eu penso em mim, eu falo: eu não, eu não vou trazer, vou trazer pra que?... E quando uma mãe traz uma criança, eu falo, mas eu falo, aprende, porque o seu filho pode aprender muito, porque é assim... e aprende, porque tem grupo que nem as pessoas aqui do grupo, eles recebem quem chegar, esse é o mundo que as pessoas lá fora às vezes desconhecem” (Luciano).

Luciano ressalta que um dos pontos positivos entre os evangélicos é o fato de não se importarem com a origem social da pessoa, isto é, o que ela foi ou fez em sua vida, mas o que fará mediante a “transformação” que a “Palavra de Deus” pode proporcionar-lhe. Por esse motivo acredita que é seu dever dar maior importância aos que estão chegando, como os seus alunos.

4.0 – Mudanças de percepção: o lazer, antes e depois

Dado o envolvimento do jovem após a sua entrada para o grupo, novos significados são incorporados à sua realidade subjetiva. Aos poucos seus contatos limitam-se em termos das informações recebidas do próprio grupo, evitando assim que influências externas possam desviar seu foco de atenção:

“Meu lazer era... fumar um baseado, ir pro show da Ivete Sangalo, do Planet Hemp, Charlie Brown Jr., assim, baladas, discotecas, até no sul já fui em discoteca, na Mansão, Coração Melão, lá no sul, e viajar...” (Julia).

Nesse desafio, o que antes concebiam como uma prática comum entre os jovens continua a existir, embora reinventadas de acordo com uma dimensão mais subjetiva vivida cotidianamente por eles.

“Hoje, comer pizza, dançar, eu gosto de dançar. Então é assim, eu acho que é assim, o meio de se encontrar assim na igreja é fazendo...é tá aqui na gospelteca. Vou te ser sincera assim, antes a minha diversão tava mais no surfe. Eu achava que era legal tá surfando, tal, hoje em não, hoje eu aprecio um bom livro, pra mim isso é uma diversão... tá em casa, com meu cachorro, sabe, lendo um livro... até comprei aquela poltrona do papai pra eu poder tá investindo mais até nisso, eu acho assim maravilhoso assim, tá lendo né, muito gostoso... pra você ter uma idéia o meu presente de natal foi até um livro, recebi até um livro” (Julia).

Eric afirma continuar a fazer as mesmas coisas que antes, o que mudou foram suas motivações:

“Eu ia pra festinha de rock, ficar na saída da escola, se reunir com a galera pra zoar, sair, ir no cinema, e eu continuo a ir em festas, cinema, surfar, fazendo as mesmas coisas, a única diferença é que é de uma forma sadia, sem me embriagar, sem fazer nada errado” (Eric).

Outros jovens afirmam ter experimentado uma mudança mais radical, pois antes viviam no limite do risco, do perigo iminente. Luciano, por exemplo, relata que dentre as muitas experiências que viveu, a de traficante de drogas foi a mais marcante pois, ainda que não tenha sido usuário, correu muito risco enquanto repassava a droga a outros jovens. Até a sua paixão pelo esporte era usada, segundo ele, de forma destrutiva. Relata que após sua conversão houve uma inversão de valores - o que antes era usado para destruir, hoje é usado para construir:

“Eu acho que é assim, o lazer é, meu lazer sempre foi o esporte, né, a única diferença é que eu usava o esporte pra agredir, hoje eu uso o esporte pra salvar, entendeu?”(Luciano)

Mas Luciano acredita que não é porque entrou para uma igreja que deva se afastar dos lugares que freqüentava anteriormente, pelo contrário, é justamente sua presença nestes lugares que fará a diferença, pois acredita que cada um deve saber exatamente “quem é” e o seu papel, ou seja, para ele não é o lugar que faz a diferença, mas o que a pessoa é:

“Você tem que ter a sua cabeça, responder pelos seus atos (...) Eu posso tá no meio evangélico ou não, a minha cabeça em relação às pessoas ia ser a mesma, porque esse é Deus, sabe, e Deus me trata e me ajuda e me coloca em situações. Eu fui evangelizado dentro de discoteca, Deus às vezes me coloca e fala, vai pra Mithos, fala do amor de Deus pras pessoas de lá. Os homens evangélicos, meu Deus, que pecado! É então porque eu tenho amigos meus que falam: vamos pro forró numa sexta feita a noite? Pô, tu não faz mais nada, não sai com a gente, vamos pro forró. Fui pro forró, fui pro forró com eles. Às vezes eu vou. O pessoal fala, você quer beber? Eu não, obrigado” (Luciano)

Alguns jovens transitam de um grupo a outro, experimentando espaços e identidades. Thais, por exemplo, criada na religião evangélica, fez um caminho inverso, ou seja, saiu do grupo religioso ao qual pertencia por influência de sua família, e por um tempo se permitiu “desconstruir” a imagem que tinha de si mesma, experimentando novos espaços, transgredindo as regras de “bom” comportamento. Mas, “como um bom filho a casa do pai retorna”, Thais retornou à igreja. A diferença é que agora está em um grupo religioso escolhido por ela:

“Há eu zuava muito, saía pras baladas é isso! (risos) Bebia, Fumava... Mudou, mudou porque o lazer no mundo, não é...não tem um pingão de qualidade de vida, o lazer do mundo é você fumar, beber, ficar doidona, sair zoando, azarando, ficando e mudou porque na igreja “pera ai tá errado isso é prostituição, não eu tô acabando com minha vida, não, não ta certo” , mudou muito” (Thaís).

Assim como Thais, outros jovens também viveram experiências semelhantes, ou seja, primeiro freqüentaram um espaço religioso por influência da família, mas em algum

momento de suas trajetórias esse laço se rompe, e o jovem começa a construir suas próprias experiências. Ao optarem novamente por um grupo religioso, de acordo com essa memória incorporada, o fazem de forma consciente, reformulada pelos próprios significados que imprimiram à sua vida. Assim como Geraldo, que apesar de ter ficado alguns anos longe do espaço religioso, ainda demonstra uma relação significativa com esse meio:

“Foi em uma festa que o Thiago, que já é da igreja, me convidou. Eu estava afastado da igreja. Eu não fui lá por causa das pessoas, ou por que tem festa, eu fui buscar a Deus porque eu estava precisando mesmo. Eu sempre soube que o caminho verdadeiro é Deus”.(Geraldo)

Berenice, uma garota que afirma ter tido uma infância muito conturbada, afirma que nunca vivenciou experiências muito agradáveis em sua vida. Talvez por esse motivo sentiu-se predisposta a se engajar no grupo, que segundo seu depoimento a recebeu com carinho, dando-lhe a atenção que nunca teve:

“Lazer? Pessoalmente? Eu não tinha lazer, eu só sofria. Ah eu sai do mundo, eu bebia, eu sai do mundo eu fazia, ficava, sabe, eu ficava de manhã de tarde e de noite planejando eu me vingar de alguém, de um dois ou três ai, e sabe planejando alguma coisa, alguma vingança o pessoal tinha medo de fazer alguma coisa errado porque eu já havia me vingado e a pessoa entrava na minha paranóia,” se eu pisar no pé dela , ela vai se vingar”, eu não tinha lazer, hoje eu tenho lazer, eu tenho vida, eu não tinha vida, quando eu tinha uns quinze, na época que o pessoal ficava, se divertia, não tinha vida. Eu acordava, na maioria das vezes ficava chorando, tomava café, almoçava, não sorria, via tv dormia, acordava, não tinha vida, eu só chorava, um ano dois anos tudo assim!!” (Berenice).

É no plano de determinadas práticas que podemos observar algumas transformações vivenciadas por esses jovens, ou pelo menos o deslocamento do foco de atenção. E é essa a nova identidade religiosa postulada por eles. A conversão reconstruiu, em certa medida, as redes de sociabilidade em torno desses jovens, dimensionando uma outra "realidade", um movimento que implica numa constante reelaboração de algumas práticas e idéias extremamente valorizadas na experiência anterior. O que não significou, de maneira alguma, o abandono da vida material em detrimento da busca pela salvação.

Ritmo e Palavra: A música como instrumento da mensagem divina

A música representa uma das formas de participação mais ativas dos fiéis no culto, tornando-se o núcleo da própria produção ritual. É um dos elementos que parece exercer maior fascínio sobre os jovens. O som é de boa qualidade, executado por músicos

profissionais, (alguns deles com “dedicação exclusiva” sendo, portanto, remunerados pela igreja) que demonstram habilidade no manejo de sofisticados instrumentos e aparelhagens de som.

Na SC o “louvor” possui prioridade, sendo considerado a parte principal dos cultos. Diferente de algumas igrejas, a música nesse espaço não tem apenas a função de preparar o fiel para a “Palavra”, é também um momento de descontração e diversão. Envolvidos pelo som, os jovens cantam, dançam em gestuais envolventes, demonstrando por meio das posturas corporais o contato com o sagrado. Dependendo do ritmo, pulam, se abraçam, choram. Tematicamente, as ênfases evocam privilegiadamente o “poder”, a “maravilha”, o “amor” de Deus para com as pessoas e particularmente, para com aquele que canta, já que a letra é geralmente escrita na primeira pessoa do singular ou do plural. Não fazem uso de hinário, as músicas são projetadas em um telão. O som preferido do grupo é o *reggae* e o rock, preferencialmente de bandas em destaque no meio *gospel*, e às vezes de autoria dos próprios jovens. Embora o meio desperte o gosto pelas músicas espirituais, os jovens afirmam que não abandonaram o gosto musical anterior ao grupo, embora com algumas restrições:

“Eu gosto bastante. CPM22 que agora saiu, Off Spring’s eu gosto, tem bandas que eu não deixei de escutar, gostava por exemplo do Marilyn Mason, curti assim um pouco ele, mas meu, é um anticristo praticamente, se anuncia assim, como anticristo, eu peguei tipo assim, um nojo dele entendeu? Quanto mais longe estiver esse som dos meus ouvidos, melhor, não curto, não curto! Mas Nirvana é um dos que eu ainda gosto, mesmo sendo... ele até se suicidou, né, mas eu curto as músicas dele. Talvez eu não aprecie tanto as letras, mas de alguma maneira, uma pessoa que não esteja alicerçada em Cristo, ele deve trazer alguma influência negativa, pelo fato de falar muito em coisas pra baixo, mas eu digo assim, a levada do som, eu gosto” (Julia).

Mas alguns assumem que, aos poucos, a música *gospel* começa a se fazer presente no seu cotidiano:

“Eu curto de tudo, menos rock pesado. Curto pagode, techno, funk, música romântica, curto de tudo. Mudou que eu ouço mais as rádios evangélicas, entendeu? E mais “Lagoinha” (banda gospel), porque tipo assim, entendeu, se tem Lagoinha, eu, tipo assim, eu... não tem outra coisa, entendeu, eu ouço eles e hoje eu não sei qual é a música do momento, tipo assim, entendeu? Agora, quando tem um pagode gospel, eu ...a dança, o funk, igual, tava tendo o funk aí, mas quando tem Lagoinha...” (Leonardo).

Os jovens se orgulham do fato da igreja contar com uma banda formada exclusivamente por profissionais, principalmente pelo fato de alguns desses músicos terem recebido convites para tocar com alguns grupos musicais:

“Eles... tipo assim, os melhores profissionais, o baterista, o Joel Vicentino, ele foi convidado pra tocar com Sandy e Júnior, né. O Beto é considerado o melhor baixista da Baixada Santista, o Zé Hilton também toca muito guitarra, toca com bandas também, o Larry, tecladista, também toca muito, backs, meninas que cantam, tem uma voz muito boa, o Paulo também canta muito bem” (Leonardo).

A música, além de criar uma atmosfera adequada a cada ambiente e ocasião, estabelece novos significados, incorporados pelos jovens através das "mensagens" veiculadas em suas letras, incitando-os a uma "nova vida", em que o amor a Deus e ao próximo, ao País são sempre exaltados:

*“Terra tão linda, tão cheia de vida, com suas florestas e riquezas tão finas
É a nossa terra pra gente viver, pra gente lutar, pra gente vencer
Terra tão bela, mas cheia de dores da desigualdade e a falta de amor
Brasil, se volte pra Deus!
Brasil, abra os olhos pra Deus!
Terra de homens sem coração que traz a miséria e a corrupção
Homens que ferem a terra da gente de um povo calado e indiferente
Lembra de Deus quando o tempo é mal
Depois se esquece e acha tudo normal...”*

*“(...)Abra o vidro do seu coração, o amor gera atitudes
Comece a ouvir, deixe de falar
Só com palavras não se pode mudar!”*

*“(...)Muitos morrem ao meu lado, e você?
Fica pra depois, eu não tinha nada a dizer
É mais um que se vai, e eu nem dei atenção
Pare de pedir, faça!
Jesus está à porta, pare de acusar, pare, olhe pra você!
Você acha linda a etiqueta de sua roupa,
Olha para o próximo e o julga por ser pobre,
Vira o rosto, falar por que,
ele é pobre, não vai me entender
Você vê o rico e o chama de ladrão,
Acha que sua alma está perdida
Só que você vive, vive implorando,
implorando perdão!”
(Banda Oficina G3)*

A igreja proporciona cursos de instrumentos musicais, para quem demonstre aptidão e interesse pela música. São cursos abertos, ministrados pelos músicos da igreja, e não é necessário que faça parte do grupo. Na verdade, isso funciona como uma estratégia da

igreja, uma forma de aproximar-los de outros jovens e atraí-los para o grupo. Fabiana, por exemplo, transferiu-se de uma outra igreja da qual fazia parte em razão da qualidade musical que encontrou na SC, ocupando hoje o cargo de líder de louvor e já tem planos para a banda da igreja:

“Eu tenho vontade de gravar profissionalmente um solo, um cd do ministério com o pessoal do louvor, agora comecei a trabalhar com o coral na igreja, montei um coral, um pessoal jovem, a meninada, então eu quero levar isso à frente, profissionalmente” (Fabiana).

Por meio da música e dos estímulos que esta desperta, os jovens constroem suas relações em torno dos valores e da identidade religiosa.

5.0 – Namoro e sexo

Uma das primeiras delimitações que o jovem enfrenta se refere a questão do namoro, pois desperta um dos componente mais fortes e presentes entre os jovens, ou seja, a sexualidade. O adiamento da sexualidade nem sempre é uma decisão fácil de se cumprir. E quando isso não acontece, muitos sentem-se frustrados, derrotados por não terem conseguido, isso sem contar o risco de uma gravidez indesejada, gerando casamentos apressados para os quais não estavam preparados, situações que presenciei durante o intercurso da pesquisa. Por esse motivo, alguns discursos reforçam continuamente esse tipo de situação. Para ilustrar, remeto-me a um culto que assisti, denominado de “auto-confrontação”, dirigido por Leonardo:

“(...)Se uma menina chega e fala: vou te dar um beijo, se insinua. O comportamento natural humano é: “você que sabe”, já faz uma carinha de sacana e lá dentro fala: beija logo, beija!”... aí já pode até inventar uma desculpa pra Deus: “Oh, Deus, eu não tenho nada a ver com isso, eu sou homem, é o meu instinto, ela ta me instigando. O que acontecer partiu dela, viu Senhor, eu to na minha, o que acontecer daqui pra frente partiu dela”. O comportamento natural é esse. O comportamento natural de Cristo: “Eu não gostaria que você fizesse isso, porque eu to bem da maneira que eu tô, Deus tem preenchido a minha vida”. Eu não quero que nada, por mais prazeroso que seja atrapalhe o meu relacionamento com o Senhor. Ele é suficiente na minha vida e pode ser na sua, basta você querer. É difícil, entendeu, é algo que só quem está ali com o Senhor, consegue” (Leonardo).

Ao “confrontarem” suas experiências anteriores com as novas condições que lhes são apresentadas, muitos jovens demonstram sentimentos confusos, ambíguos:

“Eu tive um envolvimento sexual assim no mundo com esse menino que eu conheci, foram poucas vezes, mas eu já cheguei frustrada na igreja, porque eu perdi a virgindade com ele, e eu fiquei muito triste, porque eu perdi a virgindade e conheci Jesus, eu fiquei muito triste, muito triste depois”(Julia).

Após a entrada para a igreja, aos poucos o jovem passa a ser instruído em um sistema de valores que legitimará suas relações de acordo com as quais deverá definir os procedimentos de conduta no espaço social. De acordo com essas orientações, encontrará justificativa plausível para as contingências da vida, sobre as quais procura estruturar-se. Portanto, sexo, casamento, enfim, todos esses conceitos são reformulados a partir dos dogmas bíblicos. Mas mesmo “convencidos” de todo o discurso em torno da parte afetiva e sexual, alguns jovens rompem essa barreira, e depois se sentem profundamente arrependidos, como no caso Luciana:

“Eu comecei a namorar com 17, é tarde hoje, meninas namoram com 12. Então eu namorei um rapaz uns seis meses, depois outro, durou quatro anos, e ele também era convertido, eu sabia de tudo isso, mas não consegui praticar. Não sei o que aconteceu, acho que eu me iludi. Eu sofri essa frustração, comecei a me cobrar muito, depois que não deu certo, porque eu achava que ia ser meu marido, que ia durar a vida toda. Tinha enxoval, tem coisas ainda guardadas, e eu passei a me cobrar muito. Eu sei que a graça de Deus é sobre a minha vida, então se eu me arrependi, o amor de Deus é maior que tudo isso. Então creio que Deus, esses mil pecados que eu cometi Deus jogou no mar do esquecimento”(Fabiana).

É no discipulado que os jovens são instruídos no sentido de adiar o namoro e a vida sexual ativa:

“A gente tenta passar pra eles que o namoro não é esse mar de rosas, que o namoro não é tudo colorido e que o namoro vai te levar ao sexo, de certa forma... de uma forma ou de outra. Se você namorar... você tá namorando na verdade pra um dia você ter sexo com ela... vai se casar, vai ter sexo, ou você pode ter isso antes. Então, o jovem precisa ser sincero e falar ‘é verdade’, né. Então, a gente tenta evitar o jovem... evitar com que os adolescentes da igreja, deles ... irem se relacionando antes da hora.” (Roberto)

Para alguns, é necessário o envolvimento dos pais ou amigos, “ajudando-os” a superarem as próprias “fraquezas”:

“Eu acho que um erro muito grave que eu tive assim no meu namoro, sabe, é até um namoro dentro do ministério, um erro muito grande... os pais permitirem os filhos, sendo cristãos, sabendo das dificuldades, sabendo da realidade do pecado, permitir que os filhos fiquem, quando eles saírem, fiquem sozinhos dentro de casa”(Julia).

O namoro, visto como um preparo para o casamento é constantemente desestimulado, pois segundo os líderes, trariam conseqüências. Os jovens reproduzem esse discurso:

“Eu vejo como o meu pastor, que casamento é algo sério, e eu quero um, não quero vários, eu quero uma esposa. É mais uma opção não namorar agora porque eu não vou casar daqui a dois, três anos, então vai levar a uma conseqüência que é difícil não manter relação sexual, então casamento pra mim é a união de dois corpos que são um corpo só. Alguém que vai te ajudar no caminho cristão, e é importante porque

chega um momento na vida que vai ser alguém que vai ficar contigo pro resto da vida, e carne também pede, sente vontade” (Eric).

O estímulo para estar sempre na igreja, em meio a outros jovens, revela-se também como um subterfúgio para escapar da influência de antigos amigos ou namorados, visto que para alguns, ao tornarem-se parte do espaço, muitas das práticas anteriores cessaram:

“Mudou, mudou muito. O que mudou radicalmente foi em relação a namoro, esse negócio de ficar, dar uns beijinhos assim... (risos), mas mudou pra melhor, entendeu? Mudou, porque esse era o meu lazer ! (ficar com os meninos) Assim, um lazer que eu fazia e que hoje eu não faço mais, entendeu? Ficar, sair pra baladinha, por exemplo, coisa assim que é muito pessoal, pessoal... Se os meninos vão... (risos) brincadeira...” (Vanessa).

Hoje, essa mesma jovem está namorando um rapaz da igreja e, apesar da pouca idade e tempo de namoro, já fazem planos de casamento. Afirmam que evitam permanecer por muito tempo sozinhos, saindo apenas em grupo, pois desta forma sentem-se “protegidos”.

Embora o sexo seja “proibido”, vários entrevistados admitiram que este é um dos principais assuntos de suas conversas. Discutem sobre masturbação, “ficar”³³, práticas sexuais entre outras. Debatem inclusive se é Deus quem escolhe o futuro cônjuge ou se essa escolha é puramente individual, ainda não chegaram a um consenso. Quando abordei sobre o que pensavam sobre alguns desses assuntos, por exemplo, sobre masturbação:

“É pecado, porque a gente não vai se masturbar pensando em um x-burguer, com certeza vai estar pensando em alguém, e esse alguém pode ser a mulher do próximo” (Geraldo).

Sobre a prática de “ficar”³⁴:

“É pecado, porque você também pode tá ficando com a mulher de alguém, você só sabe que a mulher é sua depois que tiver casado com ela” (Leonardo).

O namoro para ser efetivado exige o cumprimento de algumas regras básicas, embora nem sempre sejam seguidas. São postulados os seguintes princípios: orar a respeito, participar desse desejo junto ao discipulador, que provavelmente o aconselhará a continuar orando, no sentido de “esfriar” o calor do momento. Somente depois de “um bom tempo” orando é que poderá participar tal sentimento a outra pessoa, e se esta se interessar, deverá também orar e esperar o momento que o discipulador dará seu aval final. Segundo Roberto, existe um “momento certo”, ao qual o jovem não deve adiantar-se:

³³ Ficar: termo muito usado entre os jovens para declararem relacionamentos sem nenhum compromisso com alguém.

³⁴ “Ficar”: termo corrente entre os jovens quando estabelecem algum tipo de relacionamento afetivo sem ser considerado um compromisso.

“O sexo seria na Bíblia assim, é o símbolo de um relacionamento íntimo, entendeu? E... quando a bíblia fala que o homem, que Deus quer que a mulher(...) tenha um relacionamento sexual com um só homem, seria o marido dela e esse marido com uma só mulher, que seria a esposa dele, é uma figura da pureza que há no relacionamento entre a igreja e Cristo, eu vejo isso muito evidente, é um mandamento que não faz muito sentido às vezes pra nós hoje, né, mas vai fazer muito sentido pra nós um dia, quando a gente vê isso acontecendo, quando a gente conhecer esse casamento que há entre Cristo e a Igreja, que ele conquistou ela, que ele morreu por ela numa cruz, existe uma história romântica por detrás de tudo isso, entendeu, entre Cristo e a Igreja”(Roberto).

A oração é uma prática usada para protelar o namoro. Enquanto “oram” por dias a fio, o sentimento se esfria ou aprimora-se:

“Pra namorar também você tem que ter um conhecimento... tipo assim, é da carne, né, você tá com uma menina em casa, só namorando vai né..., não sei... primeiro você tem que orar pra saber se é ela, pra não se machucar e sair com uma ferida, entendeu... pro resto da tua vida aquela marca, entendeu, que nem esse encontro, você tem que saber se você vai namorar pra casar, entendeu, ou se tu vai... você vai namorar pra casar, você não vai namorar pra terminar, entendeu, pra que vai namorar...”(Marcos).

Obviamente que alguns atropelam essas regras e partem direto para os “finalmentes”. Dependendo do “resultado” final, tal procedimento passa a ser usado como exemplo para outros jovens. Portanto, embora essa questão seja debatida no grupo, a determinação em colocá-la em prática é muito subjetiva, do empenho individual em adequar-se ao novo padrão:

“Nada melhor do que esperar na presença de Deus, porque quando for algo de Deus vai ser melhor ainda, quando for algo de Deus vai ser com a pessoa que Deus te deu, você não pega HIV, você não pega outras doenças sexualmente transmissíveis, você não fica preocupado em ter um filho na hora errada, entendeu, é tudo à vontade de Deus”(Julia).

Mas, quando o jovem viola essas regras, a atitude do grupo para com ele esfria-se. Alguns, para tentar “consertar” a situação e voltarem a ser bem visto pelo grupo, casam-se, uma decisão que nem sempre é positiva:

“Eu casei no ano passado, estou totalmente arrependido porque eu casei na raiva de todo o mundo, eu e ela passamos por problemas, meus pais pastores, e como praticamente ela morava em casa, resolvemos casar contra todos(...)Eu só casei pra não ficar nesse pecado, todo mundo falando da gente. Eu casei pra ter um compromisso com ela, não foi só pra sexo, eu dei uma oportunidade de eu poder amar ela, mas ela está vacilando comigo”(Glaucio).

Para o jovem evangélico, que se estrutura no interior de um código de moral rígido, a transposição destes limites é sempre um risco. Espera-se, portanto, que aprendam a conviver com seus desejos, de forma a controlá-los até o casamento, passaporte para a vida

sexual. Para os jovens, seguir esses princípios é estar de acordo com a “vontade” de Deus, poupando-lhes de possíveis “sofrimentos”.

“Eu vejo que isso não é realmente não é da vontade de Deus, você tem que esperar o casamento, são princípios que antes eu não tinha, e hoje eu tenho” (Glaucio).

Uma outra prerrogativa para o namoro é estar preparado para assumir o relacionamento de forma adulta, ou seja, estar pronto para o casamento, caso contrário são desaconselhados a prosseguirem em seus propósitos:

“Então, a gente tenta evitar (...) com que os adolescentes da igreja (...) irem se relacionando antes da hora. Porque, até então, isso é comprovado, quando ele tiver quarenta anos ele vai ter saudade da época em que ele era mais novo e namorou tanto e não saiu com os amigos... ele cuidou tanto das coisas da namorada, das namoradas... e não cuidou das coisas dele, da juventude dele, de querer se divertir com ele mesmo, eu acho que é natural, o certo é o jovem... a vida da pessoa ser assim, enquanto ele é novo, ele aprender a viver sozinho, dele aprender a criar as raízes que ele precisa pra um dia ter uma família e ter a estrutura necessária” (Roberto).

Estar preparado significa que o jovem já possui condições materiais para se sustentar sozinho, sem a ajuda dos pais. São poucos os que se encontram nessas condições. Há também aqueles que se “arriscam” a assumir um namoro apenas pela “fé”, acreditando que um milagre irá trazer o tão “sonhado” emprego, como Luciano, que aguarda as condições apropriadas para casar-se:

“Deus vai abençoar de uma outra forma pra gente casar, então assim, isso é o casamento, é assim, enquanto hoje... e Deus me deu essa pessoa” (Luciano).

O jovem que está namorando prossegue por algum tempo em contato com o grupo, mas quando o relacionamento começa a ficar “mais sério”, esse contato antes quase diário começa a se arrefecer, até se distanciarem por completo:

“Olha, ultimamente... ultimamente eu tenho saído mais com a pessoa que eu to orando, que é o Felipe, e com assim, com os pais dele” (Julia).

Ainda que se proponham a uma vida casta³⁵, os jovens procuram demonstrar que conhecem todos os procedimentos necessários à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, bem como de uma gravidez indesejada:

“Eu sempre fui aquela menina muito escama, difícil de ficar, tinha medo de ficar beijando na boca, porque eu sempre fui muito informada, no sentido de drogas, HIV, então eu sempre tive muita precaução, tanto que esse namorado eu sempre perguntava, e aí, você tem o teste de HIV, tal, eu sempre fui muito informada nesse sentido, então, eu tinha medo... eu fui pega pelo medo, no mundo assim, pra não

³⁵ ³⁵ Embora tenham suas próprias regras quanto ao exercício da sexualidade, não percebi durante a pesquisa nenhum tabu em torno da virgindade, provavelmente devido ao fato de que a maioria dos jovens já teve, em algum momento de suas vidas, uma experiência sexual.

praticar com qualquer pessoa, pra não beijar qualquer pessoa, mas hoje na igreja eu sou pega pelo amor, pela graça, sabe, pelo presente imerecido mesmo que Jesus fez assim por mim, sabe, mudaram as motivações, mudaram totalmente as motivações”(Julia).

Desta forma procuram demonstrar que não são contrários ao sexo, pelo contrário, apenas acreditam que há o momento certo para praticá-lo:

“Sexo é muito bom, é muito bom! Mas quando é na presença de Deus, no tempo de Deus, deve ser, porque eu ainda não fiz, deve ser melhor ainda, porque eu confio na Palavra, no que ela fala”(Luciano).

O namoro com pessoas não evangélicas também é um ponto crítico, pois segundo depoimentos geraria incompatibilidade, devido a visões de mundo distintas. Desta forma, se possível, procuram sempre se relacionar com pessoas que partilhem dos mesmos ideais religiosos.

“Ah meu...é ter uma pessoa totalmente ao seu lado, pra te apoiar,e o melhor de tudo, é que vai pensar do mesmo jeito que você, é a aliança eterna entre você e o proximo ser” (Marcos).

Aborto e homossexualismo

Os relacionamentos são sempre referidos ao envolvimento homem e mulher, qualquer outra possibilidade nem mesmo é nem cogitada. Por este motivo, o homossexualismo é visto como uma prática “demoníaca” e deve ser tratada como tal:

“Teve uma menina aqui, tem uma menina convertida aqui, que já teve envolvimento e hoje ela é convertida. Abriu mão de tudo, assim mesmo, e agora é só Jesus mesmo. Ela trabalha até com crianças hoje em dia, uma pessoa em que realmente Jesus transformou. Ela tinha uma namorada, se converteu e se transformou, mudou de vida”(Julia).

Para eles, a forma de pensar do grupo é justificada pelas escrituras, portanto, não aceitam qualquer outro tipo de influência nesse sentido.

“O homossexualismo é condenado pela Bíblia, infelizmente muitas religiões, que atentam para o que funciona, aceitam o homossexualismo, mas... a gente quer aceitar o que é certo, o que é verdade. Então, se a gente crer que a Bíblia é a verdade, não pode aceitar isso” (Roberto).

Embora não sejam contra a televisão, acreditam que ela possa exercer influência na opção sexual dos jovens:

“Então, isso tudo é uma influência da nossa televisão. A gente vê muitas novelas em que as meninas, elas se beijam e aparece aquela musiquinha de fundo, o romance é lindo, vê aquilo, não é? Na banheira, duas mulheres, é horrível aquilo, então, sinceramente é horrível aquilo, não é bonito, não é certo, e normalmente as pessoas,

os homossexuais, eles não tem uma vida muito feliz, entendeu? Eles não são felizes, porque não é aquilo, não é pra'quilo que eles nasceram, não foi pr'aquilo, não foi com esse propósito. Se nasceu homem, o teu contentamento vai ser uma mulher que te completa, não um homem que te completa...” (Roberto).

Portanto, no sentido de reafirmar os valores do grupo, ressaltam os valores familiares, posicionando-se dessa forma, sutilmente, contra qualquer outro tipo de conduta que não esteja prescrita nos livros bíblicos. Nesse sentido, o aborto também é um ato condenado, ainda que alguns jovens admitam que este seja um pensamento recente, influenciado pelo grupo:

“Pra ser sincero eu não tenho nada contra nada isso, nem aborto, eu tava pensando nisso essa semana, e negócio de aborto, por causa de um irmãozinho que engravidou (risos). E eu vejo o seguinte, agora que to começando a buscar a Deus pra ver se isso é certo ou não, creio que eu to errado eu tenho que me arrumar ai, então te que seguir a palavra de Deus” (Marcos).

Outros já manifestam posições bem definidas, como no caso de Julia, que é radicalmente contra o aborto, segundo ela, uma consequência do sexo “fora de hora”:

“O aborto eu também eu acho errado, porque o aborto é fruto de que? Do pecado, de uma relação sexual fora do casamento e eu acho que é um assassinato, que é ta assassinando uma pessoa, você ta cometendo um homicídio, você já está cometendo um crime. É um crime, eu vejo dessa maneira, é um crime. A bíblia não aprova crimes, não aprova homicídios” (Julia).

Estar de acordo com as idéias compartilhadas é uma das prerrogativas para ser aceito no grupo.

5.0 – Drogas , bah!

Um dos objetivos da SC é justamente o de promover uma conscientização do jovem em relação ao uso de drogas, incentivando-o a substituir qualquer tipo de vício por “Jesus”. Por este motivo é comum relatos em que os jovens afirmam já ter feito uso de alguma substância tóxica:

“No começo foi uma luta assim, eu fumava cigarros, também fumava maconha, então eu tava envolvida nesse meio, né, e de alguma maneira isso me prendia, né, então eu comecei a vir pra igreja foi assim no oba-oba, né, mas aí o Espírito Santo me impactou, me convencia mesmo do pecado, do juízo e da justiça”(Julia).

Embora sem ter um projeto efetivo de recuperação de dependentes químicos, os líderes da igreja acreditam que somente a “Palavra” liberta. Ao oferecerem um espaço, não só de cultos, mas principalmente de lazer tem se revelado, segundo eles, primordial na construção de novas relações e valores, desencadeando mudanças nos comportamentos e atitudes dos jovens:

“A liderança da igreja, que é muito acessível, né. Por exemplo, eu, o meu pai, a gente é muito acessível, não se isola da situação deles, pelo contrário, a gente vai até a situação deles, a gente tenta enxergar com os olhos deles, o que que eles precisam, o que que eles estão querendo, como a gente faz pra não deixar esses jovens é... é... voltarem pras drogas, o que que a gente tem que fazer, o que a gente puder fazer a gente vai tentar fazer. A gente tenta falar muito a linguagem deles também, de certa forma, então a gente faz muita festa também, juntos” (Roberto).

É evidente que o lazer ocupa um papel primordial na construção das relações estabelecidas dentro do grupo. Embora o aspecto religioso seja um fator limitante, não podemos desconsiderar seu aspecto integrador e socializador, mediante um contrato baseado unicamente na confiança celebrada entre a instituição e a pessoa disposta a pertencer ao grupo.

CAPÍTULO VI

OS JOVENS DA IGREJA

Neste capítulo analisaremos as mudanças vivenciadas pelos jovens no processo de socialização, ou seja, de que forma se posicionam no interior de uma visão de mundo compartilhada, adotando ou não certas idéias e regras circunscritas a um conjunto de premissas e valores.

1.0 – “Novo” nascimento, nova “criatura”

No contexto em que vivemos, a experiência religiosa nem sempre é vivida profundamente a ponto de ser considerada uma conversão, o que se caracterizaria como “mudança de vida”, mudança de “mundos”, considerando-se que o que muitas vezes ocorre é derivado de uma experiência espiritual momentânea, emocional, motivada por situações críticas pelas quais o indivíduo esteja passando. O espaço religioso funcionaria como um refúgio, respostas para seus dilemas pessoais.

Em contrapartida, há de fato aqueles que vivenciam a experiência da conversão profundamente, reelaboram seus conceitos, valores, regras de conduta, enfim, ao modo de pensar da religião escolhida num processo de ajustamento à “nova vida”.

Ao analisar a trajetória de suas vidas, os jovens fazem questão de relatar as experiências mais marcantes, muitas delas consideradas incompatíveis com a “nova vida”, circunscrita ao novo grupo. Afirmam que o fundamento de suas convicções está nos livros bíblicos, principalmente após terem vivenciado o episódio envolvendo a figura do principal líder, ou seja, o pastor. Para eles, o homem “é falho”, e o que de fato possibilita uma real aproximação com o Criador é a sua própria Palavra. Embora a leitura e a compreensão desta “Palavra” seja mediada e direcionada de forma a surtir o efeito mais “natural” possível.

Nesse processo, adotam novas condutas morais, deparam-se com estruturas institucionais e disciplinares, dotam de novos termos o discurso da diferença, estabelecem um confronto entre o “sagrado” e o “mundano”, ampliam o universo de relações interpessoais e, por fim, chocam-se com uma rígida e explícita delimitação de fronteiras da própria experiência religiosa (CUNHA, 1993).

A conversão religiosa, atribuída como o sentido porque essa mudança se opera, ocorre, segundo Berger e Luckmann, como uma “reinterpretação biográfica”:

“A ruptura biográfica deve poder ser vivida e legitimada como uma “separação cognitiva entre as trevas e as luzes”, o que supõe que o trabalho “biográfico” de redefinição dos acontecimentos passados possa se inscrever no quadro de um “aparelho de conversação” ele mesmo inserido em uma adesão legítima de plausibilidade: a adesão à célula ou a cura psicanalítica pode corresponder, por exemplo, a estas exigências” (BERGER E LUCKMANN, 1986, p. 195).

Para esses autores, quando se pensa em mudança de vida, remete-se à possibilidade da realidade subjetiva vir a ser transformada. Essa transformação poderia ocorrer, em graus diferenciados, ou seja, do mais sutil ao mais extremado. Uma mudança radical poderia ser caracterizada como uma “mudança de mundos”³⁶, caracterizando o processo de alternância.

“A alternância exige processos de re-socialização. Estes processos assemelham-se à socialização primária, porque têm radicalmente de atribuir tons à realidade e por conseguinte devem reproduzir em grau considerável a identificação fortemente afetiva com o pessoal socializante, que era característica da infância. São diferentes da socialização primária porque não começam ex nihilo, e como resultado devem enfrentar o problema de dismantelar, desintegrar a precedente estrutura nômica da realidade subjetiva” (BERGER E LUCKMANN, 1986, p. 208).

Para estes autores, o protótipo histórico da mudança é a conversão religiosa, pois no interior de uma comunidade religiosa é possível adequar todas as condições precedentes permitindo uma separação, ao menos provisória de seus antigos contatos, ou seja, as pessoas que faziam parte de seu convívio diário, substituindo-as por um novo “grupo de amigos”, ou seja, pessoas que darão suporte para que esta nova condição, ou seja, de “novo crente”, se firme de fato.

Conforme os depoimentos, é comum o jovem relatar suas experiências situando um marco entre passado e futuro, demarcando os limites que os separam do “velho” e do “novo” homem, inaugurando uma nova forma de pensar, um novo tipo de consciência. As experiências anteriores costumam ser geralmente classificadas como negativas, atribuídas a um tempo de “ignorância”:

“Horrível, eu achava que a vida que eu levava que era legal, a vida que os meus amigos, família levava, que aquilo sim era vida, e não ficar dentro de uma igreja buscando a Deus, não poder fazer isso, não poder fazer aquilo, porque eu não reconhecia realmente o que era, só que hoje eu vejo que é completamente errado” (Eric).

³⁶ Cf. Berger & Luckmann, 1974.

Ao reelaborarem suas experiências, se percebem a si mesmo como mudados, capazes de superarem os fatores de desequilíbrio que outrora os desestabilizavam, ou seja, ele sente em si mais força para superar as dificuldades existenciais.

“Hoje, na igreja eu sou pega pelo amor, pela graça, sabe, pelo presente imerecido mesmo que Jesus fez assim por mim, sabe, mudaram as motivações, mudaram totalmente as motivações e... na parte assim de caráter, eu sempre fui muito assim autoritária, eu nunca tive pais, assim, pra me dar limites, olha, até onde eu posso ir” (Julia).

A frequência contínua ao espaço proporciona-lhe uma série de representações, certezas, dogmas, embora tendencialmente desprovida de uma base racional, é uma contínua atribuição de significado, que se reflete no fiel como a certeza plena de estar de posse de um conhecimento, senão socialmente reconhecido, individualmente capaz de responder a questões existenciais, de maneira a fornecer respostas no sentido à existência (Hoffer, s/d, apud Martino, 2003).

“A única diferença entre um cristão jovem e um cara do mundo é que ele segue a Bíblia, ele tem princípios que Deus colocou, só que ele é feliz e mais feliz que o cara do mundo, porque muitas vezes eu ia pra baladas pra sair na mão com um cara pra me divertir, né, e assim, hoje eu não preciso disso... entendeu, então eu acho que é assim, é a Bíblia, eu acho que o que te torna evangélico é a Bíblia, a conduta” (Luciano).

Ao sentir-se acolhido pelo meio, o novo membro, aos poucos começa a se desvincular de seus antigos grupos, mesmo porque a pressão exercida por esses é maior, desafiando suas próprias convicções. Nesse tipo de situação, ou ele se apropria de mecanismos de defesa para justificar seus pontos de vista, ou simplesmente se afasta, uma das estratégias mais utilizadas nessa de situação. Mas para o fiel, o afastamento é visto como um procedimento natural, “explicado pela Bíblia”:

“É difícil de lidar, porque como diz Matheus 10:36 (“Assim, os inimigos do homem serão os da sua própria casa”), ah eu não lembro, Matheus alguma coisa... fala que seus irmãos ou seus familiares vão ser seus maiores inimigos, e é isso mesmo, cada vez que tu vai, que Deus tiver te provando tudo aquilo vai levantar tua mão e vai falar não tu ta errado, mas creio que continuo amando eles mesmo assim” (Marcos).

Portanto, o convívio com pessoas de fora do grupo religioso passa a ser cuidadosamente regulado, até o ponto de um (quase) rompimento definitivo, sinalizando que dali para frente seus relacionamentos estarão circunscritos ao novo grupo. O afastamento também serve como uma tática para evitar o retorno às práticas anteriores. Segundo Berger e Luckmann:

“Ter uma experiência de conversão de conversão não é nada demais. A coisa importante é ser capaz de conserva-la, levando-a a sério, mantendo o sentimento de

sua plausibilidade. É aqui onde entra a comunidade religiosa. Esta fornece a indispensável estrutura de plausibilidade para a nova realidade” (BERGER E LUCKMANN, 1986, p. 209).

As antigas amizades põem em risco a fé, a nova identidade que começa a se formar. Por esse motivo os jovens são constantemente chamados a “testemunhar”, a mostrar essa mudança perante seus antigos amigos, de forma a convertê-los, ou mesmo, afastá-los:

“Gera, conflitos, meninas principalmente. O lugar onde tem que buscar mais a Deus é na escola. Tem que vigiar muito porque o que vêm de inimigos: colegas, meninas, rodinhas, acusando, eles não acreditam que eu mudei. Eu reajo normalmente” (Geraldo).

A freqüência aos discipulados, aos cultos, no contato diário com outros jovens torna-se fundamental para sustentar sua nova condição, legitimando e justificando suas ações. Portanto, o que antes poderia parecer uma prática “normal”, agora é avaliada mediante os novos referenciais, evitando assim pôr em risco sua nova condição:

“Nós começamos a aprender muitas coisas e aplicar pra nossas vidas né. E mudou muita coisa porque aplicamos a vida de Cristo nas nossas vidas, nós vemos que, tem muita coisa errada, que a gente tem que mudar” (Thaís).

A “renúncia ao mundo”, estimulada pelo convívio sistemático, gera cumplicidade e simpatia em relação ao novo grupo, favorecendo uma reorientação das ações individuais e uma reformulação das categorias de juízo, partilhada com todos aqueles que vivenciam a mesma experiência. Nesta reformulação, a própria família, centro base da socialização primária, é questionada e colocada em xeque e, em alguns casos, “substituída” pelo grupo atual:

“Aqui na igreja, eles falam:” Aqui na igreja somos amigos”, eu só queria isso (...) Era o pai, e o irmão que eu não tinha. Então era só o que eu queria. Quando eu encontrei essas pessoas normais (...) pessoa de Deus, eu falei, não, aqui é o meu lugar!” (Berenice).

É comum notar que esses jovens adotam uma atitude defensiva, servil, esquivando-se de assuntos polêmicos, que exijam um confronto direto de idéias e posições. Alguns, como Julia, preferiram abrir mão de seu direito de herança junto ao irmão, evitando assim um confronto mais direto. Segundo ela, ao se posicionar dessa forma, acredita estar agindo de acordo com a vontade de Deus:

“É a maior dificuldade ser cristã num lar assim em que nem todos são convertidos. O meu irmão, nossa, ele é muito difícil, porque ele é uma pessoa muito materialista, muito apegada a dinheiro e o meu pai tem comércio, tem essas coisas e... eu vou te ser sincera, eu deixei meio que de lado, justamente pra abrir mão assim, de briga, porque o meu irmão tava preocupado com bens materiais, com aquela coisa, então ficou tipo, parecendo aquela briga de

posse, entendeu? Então assim, por amor a Deus, eu abri mão, não quero nem saber, eles que administrem, eles que façam o que quiserem com o dinheiro... ” (Julia).

Para Julia, abrir mão do que lhe pertencia “por amor a Deus”, é uma forma de demonstrar sua mudança perante as pessoas que estão fora, bem como as que estão dentro do grupo, reafirmando sua nova identidade. Ao agir assim, acredita que será recompensada por Deus:

“De que adianta ganhar todas as coisas desse mundo e perder a vida eterna, e eu falei pra ele que eu tava valorizando muito mais isso, a vida eterna do que os bens materiais, e eu pude falar pra ele que Deus acrescentou, que hoje eu tenho o meu emprego, tenho o meu carro, tô pagando tudo, Deus tem me dado as condições pra eu pagar tudo, entende, então eu vejo que tem uma recompensa. Assim, como Jesus sofreu, pra ele ser recompensado e receber um nome acima de todo nome, eu sofri também com a situação do meu irmão, mas eu fui recompensada. Então eu vejo que, no final se eu for tirar uma conclusão de tudo eu vou ver que foi tudo positivo, foi um sofrimento que veio algo bom” (Julia).

As novas relações sociais, a inculcação dogmática, naturalizam as práticas e as relações, possibilitando-lhe uma reconstrução de “seu mundo”, de sua realidade:

“A análise dos “mundos” construídos mentalmente pelos indivíduos a partir da experiência social que a sociologia pode melhor reconstruir as identidades típicas pertinentes a um campo social específico. Estas “representações ativas” estruturam os discursos dos indivíduos sobre suas práticas sociais “especializadas” graças a orientação de um vocabulário de “receitas”, da incorporação de um “programa”, enfim, graças a aquisição de um saber legítimo que permite a elaboração de “estratégias práticas” e a afirmação de uma “identidade reconhecida” (Dubet, 2000, p.13).

2.0 - Vida religiosa

De fato, é essencial para o novo convertido a incorporação de certos aspectos que compõem a vida religiosa no grupo. Em conformidade com as observações e entrevistas, a elaboração de uma consciência religiosa está atrelada a uma determinada visão de mundo, gerada e mantida pelo próprio grupo, a qual todos devem se moldar.

Nessa visão, destaca-se a normatividade das afirmações bíblicas: o proselitismo³⁷, a frequência à igreja, a crença na salvação pela fé, a aversão ao fumo e ao álcool, a castidade para os solteiros, papéis tradicionais definidos para homens e mulheres entre outros, constantemente reforçados nas pregações, discipulados e no convívio com seus pares.

Um novo linguajar começa a ser incorporado, frases tais como: “*tá amarrado*”, “*paz do Senhor*”, “*testemunho*”, “*mundano*”, “*que bênção!*”, “*eu repreendo*”, “*fazer a*

³⁷ A necessidade, ou mesmo obrigação de compartilhar sua fé pessoal com outros indivíduos, dentro e fora do grupo.

diferença”, entre outras, são repetidas tanto dentro do grupo como fora dele, identificando-os ou mesmo isolando os que não fazem parte da mesma “tribo”. O mundo passa a ser representado entre o “nós” (evangélicos) e “eles” (não evangélicos), ou “mundanos” e “irmãos em Cristo”. Nesta representação dicotômica do mundo “a divindade é o bem e o mal provém de entidades demoníacas, inferiores à divindade em luta contra ela” (CHAUÍ, 2004, p.258). Por este motivo, há uma tendência entre os convertidos ao cristianismo de estender “esse conhecimento”, essa “verdade” a todos quantos puderem:

“O mundo acha que a gente é louco, que a gente faz as coisas erradas, mas eu acho o contrario, eles estão sendo enganados, eles não tem tanta culpa, a culpa é nossa por não pregar, não sair por ai falando mais em Deus (...) Na verdade eu vejo o mundo como pessoas que estão sendo enganados pelo inimigo e que precisam de ajuda.”(Eric).

Diante dessa nova visão, muitos “lugares” e práticas passam a ser condenados, pois estaria corrompido pelo pecado, necessitando adequar-se aos padrões do Deus da Bíblia. Mas ao mesmo tempo essa nova consciência é marcada por conflitos, por situações que os colocam em confronto com sua nova identidade:

“Tudo que a gente passou, a gente não ta passando quase nada, então é realmente ai fora que a gente vai ser perseguido mas tem que manter uma conduta, mostrar que é diferente, mostrar que a pessoa que tem Deus consegue ver uma vida melhor, sem desejar mal para as pessoas, sem precisar se vingar”(Eric).

Mediante os processo de aprendizagem a que estão submetidos, constrói-se um conjunto de disposições psíquicas - *habitus* - que estruturarão suas representações e práticas sociais, tornando-se referências para construção de outros comportamentos ao longo de suas vidas (BOURDIEU, 1980). Esse conjunto de premissas e valores obedece a algumas regras, às quais seus membros devem se submeter sem muito questionamento.

Dessa forma, os atos são pensados e articulados de acordo com as regras partilhadas pelo grupo. Segundo essas disposições, todas as situações que envolvem o novo membro devem ser partilhadas, inclusive as de fórum íntimo, possibilitando assim que o grupo encontre meios plausíveis, ou seja, que obedeça a sua nova condição, para solucionar ou amenizar esses conflitos.

Leonardo, um jovem negro, de família pobre, afirma ter vivenciado muitas situações complicadas em sua vida, causadas principalmente pela constante falta de dinheiro. Seu pai, constantemente desempregado, sofreu constantes humilhações da família, a quem sempre recorria nos momentos de dificuldade. Para se “refugiar” dos problemas familiares,

Leonardo freqüentava os bailes *funks*, onde teve a oportunidade de conhecer e consumir *canabis*, embora não tenha se tornado dependente:

“Então, é... chegou numa época que assim, eu morava numa casa, aqui, aonde eu tinha bastante amigos, aonde eu podia ir pro baile funk sem pagar, por causa que eu não precisava pagar condução, por causa que eu morava perto, e... (...) tinha quinze. Aí eu peguei, e tinha meu, na escola amigos que fumavam maconha, entendeu, meus amigos de infância tavam todos nesse caminho, entendeu, e... falei, e eu tava, tipo assim, tinha possibilidade de ta também, porque a minha casa tava muito longe, e alguns conflitos também dentro de casa e eu nervoso, poxa, podia encontrar num baseado alguma coisa...” (Leonardo).

Convidado por um amigo de infância, Leonardo conheceu o espaço SC. Diz que a princípio ficou entusiasmado ao ver tantos jovens em uma igreja, mas procurou se manter discreto, freqüentando somente os cultos, pois gostava das músicas, da agitação, sempre saía antes de iniciar a pregação, geralmente para fumar maconha com seus amigos funkeiros:

“Eu vinha na igreja, mas sempre na hora da palavra eu saía fora, só que naquele dia, sei lá, eu senti vontade de ficar, e falei, não, eu vou ficar aqui, quero ver esse menino que vai pregar agora, pregar não, vai dar um testemunho, que era o Ricardinho, surfista, não, não, eu vou ver o testemunho dele. ‘Ai, vamo lá, vamo lá...’, a filha da minha tia... ‘não, vamo embora, não sei o que, tal... ah, quero fumar’, ‘não eu, já to indo, não sei o que...’. Aí vi, e aí, meu, quase chorei com o testemunho e falei, meu, é esse Deus que eu quero pra minha vida, e depois de uns três meses, aí eu aceitei Jesus, depois de uns três meses que eu ouvi o testemunho desse menino” (Leonardo).

Segundo Leonardo, essa experiência motivou um processo de mudanças, a começar pelo distanciamento de suas antigas amizades, sendo estas substituídas pelo envolvimento novo grupo:

“E aí eu deixei eles, e aí eles saíram da igreja e eu continuei, e aí ia só às sextas-feiras, o Espírito Santo me convenceu, e ia pro baile funk no domingo, só que o Espírito Santo me convencendo, de repente não senti mais prazer de ir pra baile funk, nem pra ir pra lugar nenhum, mas só de tá indo pra presença de Deus, porque era um negócio muito bom, sabe, era a presença de Deus, era, sei lá, algo que só quem sente mesmo assim, nem se eu andando numa montanha russa, ou se eu usando dez baseados mesmo... algo tremendo!” (Leonardo).

Leonardo demonstrou tal envolvimento que em pouco tempo conquistou o cargo de líder masculino de jovens, além de tornar-se referência para muitos outros jovens, que sempre o procuram para compartilhar algum tipo de problema:

“Olha meu...eles são muito importantes, porque eu tenho um carinho de pai mesmo, sabe, eu cuido deles, cuido muito...sabe, oh, Israel, eu to assim... Meu, o que tu ta precisando... sabe, sei lá, é, ajuda meu, mesmo que financeira, a gente racha” (Israel).

A igreja revelou-se como um espaço que lhe proporcionou a oportunidade de resgatar sua auto-estima e criar uma nova identidade, não mais pautada pela cor de sua pele ou por sua condição social, mas pelo que ele se revelou capaz em um meio que lhe deu a chance de exercer seus talentos e habilidades. Além de líder de jovens, Leonardo ocupou o cargo de auxiliar administrativo, rendendo-lhe um pequeno benefício mensal, podendo assim contribuir nas despesas familiares.

Já Luciano, um rapaz branco, nível universitário, diz ter vivenciado muitas mudanças em sua vida, a começar pela infância, quando seu pai, engenheiro da computação, perdeu seu cargo em uma grande empresa e nunca mais o recuperou.

“Meu pai... teve uma época em que ele teve muito dinheiro, então eu estudei nas melhores escolas de S. até meados da quarta série, eu estuda no J. P., né, colégios caros. Na quinta série a gente caiu um pouco, fui parar no L., que era um excelente colégio, mas o L. era menor que o J. P., do nada me vi num colégio do Estado. Na sexta série era quando o meu pai não tinha dinheiro nem pra gente comer, onde, né, a gente tava desesperado, um menino que tinha tudo, tinha oito carros na garagem, roupas de marca, passou a usar roupa emprestada e doada, né...” (Luciano).

Essa ruptura e a perda do nível social fizeram que ele assumisse um comportamento agressivo em relação a outras pessoas. Passou a ser considerado um garoto “problema” nas escolas pelas quais passava, pois não conseguia se encaixar, era visto como “diferente” pelos colegas:

“Eu cheguei arrumadinho, engomadinho... tomei pau, porrada, é... roubavam o meu lanche... aí eu me revoltei, só que eu briguei com as pessoas erradas. Na sétima série eu tive que sair da escola porque eu fui jurado de morte, aí me botaram... meu pai falou, você não vai pro colégio, vai perder esse ano. Fui pro colégio particular, meio particular, meio estado, a gente brinca porque era um nível muito baixo e hoje seria R\$150,00 a mensalidade. Não dava, aí passei na sétima série, aí meu pai falou não tenho dinheiro, voltei pro município, aí eu entrei num colégio do município que com certeza é um nível melhor que do Estado” (Luciano).

Para Luciano, o que o “salvou” nessa época foi o seu envolvimento com o esporte, mais precisamente com o futebol. Segundo ele, ao atuar na seleção da escola, passou a receber um tratamento “especial”:

“Eu entrei na seleção da escola, então as pessoas começaram a respeitar, a te conhecer. Então eu já conhecia o traficante do bairro, que me considerava porque eu jogava na seleção da escola, teve um que me chamou, não, no menino ninguém mexe! Aí eu sei que então fui trabalhar nisso, eu já tinha quinze anos, eu tava na oitava série, porque eu tinha perdido o ano, aí eu fui conhecendo drogas, não usei, mas vendi. Fui conhecendo os traficantes, então eu conhecia todos os traficantes, aí fui jogar pelo time do traficante, futebol, então foi todo esse trabalho na oitava série” (Luciano).

Embora seus pais e avós professassem a fé evangélica, Luciano diz nunca ter se interessado em estar de fato dentro de uma igreja, ainda que conhecesse a “verdade” e até “pregasse” para seus amigos e “clientes” de drogas:

“É uma incoerência, né. É, quando eu comecei, eu nunca me esqueço que as pessoas vinham me evangelizar e eu evangelizava as pessoas, porque eu manjava de Bíblia, às vezes mais do que a pessoa que vinha falar, né, porque eu falava, é mas aqui nesse versículo ta falando isso. Então, calma, eu sempre brincava que assim, se o diabo voltasse, eu era o primeiro a arrumar a mochila e ir pra... pro inferno. Então, enquanto todo mundo tava tentando ir pro céu eu ia pegar a fila do inferno e com certeza ia ser a primeira ceia, certo, porque eu tinha essa consciência de que Deus salva, mas eu queria viver o mundo, eu não era uma pessoa... evangélica, né...” (Luciano).

Segundo ele, sua conversão se deu em um momento inusitado de sua vida, devido a um episódio ocorrido no banco em que trabalhava:

“O maior exemplo que eu tive na minha vida é que eu tive um revólver na minha boca e o cara falou, se eu quiser eu te mato agora... quando eu falo que eu conheci a morte de perto foi por causa disso, onde... esse cara me teve, me botou um revólver, eu te mato agora, e assim, o maior exemplo, porque eu achava que eu escolhia o momento de me converter, aos quarenta e cinco anos da minha vida eu me converto, ia curtir a vida, to casado, aproveitei tudo, aí eu ia me tornar um evangélico, mas quem chama é Deus, eu não sabia desse detalhe, quem chama não sou eu... Então, quando todo mundo menos esperava o Luciano tava líder de um ministério. Então assim, é algo tremendo assim, sabe, é Deus quem chama, não sou eu, não é o homem, então eu nunca vi o evangelho como um babaca, como o chato, não” (Luciano).

Durante algum tempo participou de um ministério internacional, chegando a realizar viagens para fora do país, mas aos poucos sentiu necessidade de ingressar em uma igreja:

“Eu comecei... eu fui pra JOCUM, na verdade, que é ‘Jovens com uma missão’, que eu fui com um grupo de elite, que viaja o mundo todo, então eu fui pros Estados Unidos, fiquei um mês, e Londrina, me evangelizando através da capoeira, meio que lá e cá, né. Tipo, tava no mundo e tava com Deus, né. Tive muita presença de Deus lá e Deus me incomodou que eu teria que vir pra Surfistas de Cristo” (Luciano).

Na verdade, a opção pela SC deu-se pela abertura que esta proporciona aos esportes e atividades culturais e lhe conferiu autonomia na implantação do curso de capoeira. Para Luciano essa abertura foi imediata, e mesmo sem ter o título de mestre, pode implantar o curso de capoeira novamente³⁸ no espaço.

“Eu vejo que hoje o ministério de capoeira... você imagina, eu dei aula, eu comecei a dar aula pra segunda graduação de capoeira, que é a do iniciante. Seria assim, pra você... hoje você teria de ter de quinze graduações, eu tinha a segunda, hoje eu tenho

³⁸ O curso de capoeira estava suspenso devido ao fato do professor anterior ter se envolvido com uma garota da igreja, engravidando-a.

a quinta e eu dou aula há dois anos, quer dizer é muita bênção. Hoje eu tenho quatro alunos vindo pra igreja, se batizando” (Luciano).

Para Luciano, todas as experiências pelas quais passou o tornaram uma pessoa melhor, capaz de entender as necessidades de outras pessoas, com menos recursos do que ele. Hoje, por opção, abriu mão de empregos assalariados para poder manter o cargo de líder de capoeira da SC:

“A gente não tá pra ganhar dinheiro, que eu não ganho mesmo, larguei um emprego de R\$ 800,00 com cesta básica e tudo, fui chamado de maluco, graças a Deus! Então eu tenho uma família evangélica que entendeu, e então, assim... é... eu não condeno, eu acho que eu tô aqui pelo que a visão de Deus tem hoje dentro da igreja, não por ser surfista, podia ser igreja de surfista, igreja de axé-music, mas a visão que tem hoje desta igreja é uma visão que Deus me incomoda e fala que é o teu lugar hoje, como Deus falou que o meu lugar não vai ser sempre aqui, que eu tenho que preparar alguém, eu preparo, pessoas pra ficar, pra quando eu puder sair o trabalho continuar...”(Luciano).

Assim como os jovens acima, outros também tiveram suas vidas marcadas por acontecimentos que, de certa forma, contribuíram com a sua acomodação no espaço, mas não exclusivamente, com certeza, outros elementos contribuíram para essa relação de dupla troca, ou seja, à medida que internalizavam normas e valores transmitidos, os jovens encontraram nesse espaço a oportunidade de exercitar sua autonomia nas áreas do lazer, esporte e práticas culturais, contribuindo no processo de construção de suas identidades.

3.0 - Ser jovem e cristão

Em torno da conversão, estes jovens constroem uma rede de sociabilidade que obedece a uma certa "disciplinarização" de algumas condutas, implicando em um movimento que exige uma constante reelaboração de algumas práticas e idéias extremamente valorizadas na experiência anterior. Isso não significa, de maneira alguma, que estejam dispostos a abrir mão do estilo surfista, soando muitas vezes como contraditório à moral cristã:

“Tem muita sensualidade, é um ponto negativo, mas os surfistas eles saem muito com mulecada, é muito difícil os meninos saírem com meninas surfistas, entendeu? Eu acho que vai da cultura, vai do..., porque assim, eles estão aonde? Não tem como eles irem com paletó, uma gravata, uma camisa regata, sabe, por que?... as meninas vão de biquini, entendeu, só que é o seguinte, por usar um negócio, uma linha? Por que usar uma linha? E os carinhos também, por que usar uma bermuda folgada? Compra uma bermuda certinha, entendeu? Compra uma bermuda legal, vai da cultura, vai do bom senso, vai do Espírito Santo cara...” (Leonardo).

A vida em grupo é uma das saídas encontradas que os jovens encontram para driblar o apelo sexual. Embora evitem “sair” com meninas surfistas, existem os momentos

em que *todos* estão reunidos, e percebe-se nitidamente a troca de olhares, sorrisos, abraços carinhosos, ainda que “contida”. Nesses momentos, segundo os depoimentos, o que conta são as atitudes individuais, ou seja, cada um deve saber exatamente dos seus limites e, naturalmente até onde impor estes limites perante o outro.

“Eu vejo assim, você tem que ter o equilíbrio, a moderação, você tem que ser uma pessoa moderada, que nem eu, sou surfista, mas não é porque eu sou surfista, que eu vou chegar aqui com um modelinho curto, com uma mini-saia, com uma blusa super decotada, eu acho que são coisas que você tem que usar do bom senso também, você tem que saber que o espírito de Deus, ele espera uma ordem e uma decência”(Julia).

Embora a questão das vestimentas suscite algumas discussões por parte dos jovens, para outros foi decisivo na escolha pela SC. Pois, enquanto as igrejas mais tradicionais se pautam por uma rigidez quanto às vestimentas, a Surfistas se encarrega de “acolher” aqueles que não se encaixam dentro de tais padrões, constituindo-se como um espaço diferenciado. Embora permaneçam orientações de moral e conduta tradicionais, situa-se de maneira a se constituir como um espaço de sociabilidade e socialização para muitos jovens.

“Normalmente a gente visita essas igrejas tradicionais e eles definem tua personalidade pela roupa que tu está vestido e aqui é independente de roupa, é mais isso as vestes, os louvores, são realmente louvores que tu tem prazer de adorar a Deus, palavras bênçãos que falam contigo” (Eric).

Justamente essa “diferença” motivou a permanência de jovens como Berenice:

“Esse é o evangelho, sem tradicionalismo, sem religiosidade, sem ter que usar saião, sem ter que fazer ritual na presença de Deus, fazer tudo normal, tudo natural, tudo flui naturalmente, tudo flui numa boa. Isso é ser feliz. Esse é o evangelho que eu procurava”(Berenice).

Na igreja existiria um refúgio, um grupo de sociabilidade, em que cada um pode cultuar o seu deus despretensiosamente, sem abrir mão de alguns prazeres e do lazer, como festas, cinema, praia:

“É muito mais fácil do que você estar no mundo (risos). Isso eu te garanto, porque o mundo impõe muitas regras, tipo, você tem que estar na escola, e tem que ir pra escola, sabe, em cima do salto, você tem que tá entendeu? Ah... se auto-afirmando pra todo mundo. Se você não se auto-afirma “ mostra pra mim que tú é bom”, sabe, sempre....Ah...se.... se justifica. “ Olha, eu sou boa nisso” “ Olha eu sou...”. Se não você é discriminado senão é difícil o que você é, você é...você não sabe? Ah, então você tá fora. Então é difícil, é mais difícil, é mais difícil você tá no mudo, do que você ser cristão. Porque o mundo te discrimina muito e Jesus te aceita como você é” (Berenice).

Ao se referirem ao grupo SC, os jovens sempre o fazem em oposição a outras igrejas, do tradicionalismo presente em muitas delas. Em contraposição, acreditam que estas igrejas os vêem como fora dos padrões bíblicos:

“Ah, eles acham que é do Diabo, do ‘diebs’...porque eles acham que surfista não é de Deus, que Deus não... falavam que aqui só tinha maconheiro, falam que não é de Deus” (Vanessa).

Essa visão de Vanessa se repete na fala de outros jovens, como Eric, que afirma devido a sua postura, não é reconhecido como evangélico em outros espaços:

“Muitos duvidam que eu seja crente, quando falo o nome do ministério, sobre o ministério, eles acham que deve ser só zoeira, não levam muito a serio, não bota muita fé, só que respeitam” (Eric).

Essa visão manifestada pelos jovens revela, ainda que inconscientemente por parte dos pesquisados, o que Weber já apontava ao inserir o fenômeno religioso no processo geral de crescimento das organizações sociais, no qual Igreja e seita surgem como duas formas de existências distintas na organização social, distinguindo-se não pelo eventual acerto teológico de suas doutrinas ou práticas, mas pela estrutura que permitem as relações sociais que nela se desenvolvem. Neste contexto, a Igreja se constitui enquanto uma instituição burocratizada de salvação, no qual exerce a autoridade da função de padre, mantendo estreita simbiose com o universo social global em que está inserida. Já a seita seria é caracterizada pela associação voluntária de fiéis em ruptura, mais ou menos marcada com os demais sistemas sociais. Nesta última prevalece a autoridade do tipo carismático (WEBER, 1974).

Sem pretender me ater a este debate, ressalto apenas que no caso de uma igreja como a SC, o padrão vigente reflete uma flexibilização de certos costumes adotados pelas igrejas tradicionais, no sentido de modernizar-se ao mesmo tempo em que concorre em um acirrado mercado religioso.

Neste aspecto, uma das características básicas deste grupo é manifestada por uma forte tendência em se contrapor a tudo que seja “tradicional”. Por exemplo, procuram romper com todos os rituais prescritos pela tradição das Igrejas históricas, buscando sua própria identidade:

“Desqualificando as ‘expressões intelectuais’ da fé, valorizando as manifestações sensíveis da presença do divino no mundo, as correntes emocionais contemporâneas tentam contornar este conflito estrutural da condição do crente na modernidade” (HERVIEU-LÉGER, 1997, p. 42).

Por este motivo, é comum entre o grupo uma negação do caráter “religioso” do grupo, aliás, “religião” é uma palavra praticamente proibida. A “religião” é vista como algo negativo, carregado de práticas e tradições, não alcançando, portanto, o verdadeiro sentido da experiência emocional do contato “direto” com o sagrado:

“A religião (...) na verdade, ela possui bons interesses (...) As religiões hoje em dia, no geral, as religiões, elas se importam muito com o que funciona, não com o que é verdade, (...) porque se alguém quer ficar feliz, se alguém quer uma alegria, o jovem, ele pode correr pras drogas, ele vai ficar feliz na hora que ele usar drogas, funciona, mas será que aquilo é verdade, aquilo é certo, aquela é a coisa certa a se fazer, ou não vale a pena você chorar mais um pouco... entendeu? (...) Então, se existe uma religião pra mim, essa religião é uma afirmação, né, o homem precisa de Deus. Deus ta disposto a amar o homem, a ajudar o homem, né, esquecendo dos interesses, esquecendo do que funciona e o que não funciona, né, essa pra mim é a base de tudo”(Roberto).

Para estes jovens, a experiência religiosa estaria vinculada aos sentimentos, à busca de "verdades", à autonomia religiosa, à fé e aos vínculos com o sagrado:

“Olha, a religião é... a separação do homem de Deus... infelizmente, porque devia religar o homem a Deus, mas a religião ela separa o homem de Deus, porque a religião é, ela, tipo assim, ela quer ser uma mais que a outra. O católico quer ser mais que o evangélico, o evangélico quer ser mais que o espírita, o espírita quer ser mais... “Eu sou evangélico!”, ou “Eu sou católico” ou “eu sou espírita”, entendeu? “Sou feliz por ser católico”, ah, “Aqui mora um umbandista”, aqui mora não sei o que... e isso acaba afastando, entendeu? A religiosidade é algo que, meu, pira, assim, o foco. O foco tem que ser Jesus, cara”(Leonardo).

Ao mesmo tempo, tais dimensões não anulariam o reconhecimento de certos limites presentes nesta experiência, como a prática da solidariedade, na dedicação a uma vida pautada pelos ensinamentos bíblicos:

“Pra mim é adorar a Deus, tentar buscar... a Bíblia fala que a gente é imperfeito, a perfeição, é difícil a gente conseguir, mas não é impossível porque Jesus foi. Ser evangélico é seguir a Bíblia, é o máximo, tentar de todas as maneiras seguir a Bíblia e dar exemplos, não é só seguir tem que fazer a obra de Deus, morrer para as nossas vontades e viver pra vontade de Deus”(Eric).

A adoção de uma “nova vida” implica uma reformulação quanto ao lugar e à representação que esta têm na nova experiência, na maioria das vezes, um conjunto mais ou menos uniforme de idéias, comportamentos, compreensão do mundo:

“Tudo muda, quase tudo muda. Você se sente diferente, a sua maneira de pensar muda, seu... as suas... as coisas que você fazia muda... acho que ser evangélico é ser assim, é ta dentro do padrão de... de Deus, assim, mais ou menos, não totalmente dentro do padrão, é... você ta mais ou menos dentro do padrão de Deus... uma vida que Deus”(Vanessa).

Ao optarem por uma vida religiosa, todos os sentidos de suas ações e práticas ficam circunscritas às novas orientações, ou seja, uma identidade com fronteiras de pertencimento bastante definidas:

“Eu vejo assim, uma pessoa assim, que perdeu a paixão por esse mundo, não vejo mais motivação nenhuma nesse mundo, nas drogas, sabe, minha motivação está focada em outras coisas, na minha área profissional, numa família estruturada, numa

vida baseada no caráter de Jesus, assim, uma pessoa assim, divertida, alegre, muito alegre assim”(Julia).

Ao relacionarem-se com pessoas de fora do grupo, como os colegas de escola, procuram adotar um comportamento que sinalize as novas mudanças, isolando-se desta forma da influência pessoal do grupo exterior:

“Comportamento, principalmente em relação às outras meninas... elas se comportam como quem não tem vergonha de nada, saem falando, fazendo... me vejo diferente delas, o fato de eu estar com elas não significa que eu tenha que ser igual, né. É porque é difícil ser evangélica, você é minoria, é difícil!” (Vanessa).

Ao mesmo tempo que o grupo religioso supre, em parte, as necessidades de seus fiéis, por outro, limita suas experiências ao próprio grupo, através de mecanismos sutis, implícitos, no qual o “mundo” do cristão fica restrito à igreja:

“Ir na igreja já é uma diversão, você conversa, né, fica conversando ali com o pessoal, forma um grupinho, a gente vai pra lá, vai pra cá, na igreja mesmo ali... Às vezes a gente combina de ir pra cinema, acampadentro com o pessoal, é tipo... o pessoal acampa dentro da igreja, não pode sair, aí faz os jogos lá dentro, daí as meninas dorme lá em cima, os meninos dorme lá em baixo e no final do acampadentro tem uma festa. Tem um acampadentro que teve quatro dias, esse último que teve agora foi dois. A gente sai pra fazer evangelismo, né, o pessoal todo assim, pro calçadão, a gente vai com um violão, aí o pessoal fica cantando louvor, no calçadão ali. Teve uma vez que a gente ficou lá, na Biquinha também, e é uma diversão. Surfar...às vezes a gente vai...” (Caíque)

Os princípios de estruturação da percepção do mundo são subjetivados à medida que se inserem no processo religioso. As novas percepções passam a ser delineadas e controladas pelas expectativas do grupo e da instituição. Neste processo, a “mudança” pela qual muitos afirmam ter vivenciado consiste, sobretudo, negar a condição anterior, questionando-a a partir dos padrões atuais. Desta forma, fortalece os laços com a comunidade atual, passando a se projetar dentro das possibilidades e formas de vida oferecida pelo grupo, independente da classe social.

4.0 - Concepções de gênero

As concepções de gênero³⁹ são construídas com base nas doutrinas⁴⁰ reveladas pelos textos sagrados, introduzindo noções de superioridade e inferioridade, definindo a

³⁹ Gênero aqui entendido como uma categoria histórica, em que a construção do homem e da mulher não são dados pelas características biológicas de cada um, mas sim construídas através de práticas sociais masculinizantes e feminilizantes de acordo com as diferentes concepções presentes em cada sociedade. Segundo Scott (1990), o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, existindo uma natureza recíproca entre gênero e sociedade que se concretizam de maneiras particulares e situadas historicamente. Cf. autoras como Scott (1990), Louro (1994) e Carvalho (1992).

⁴⁰ Doutrina: Verdades reveladas através dos textos sagrados da Bíblia.

relação entre homem e mulher pelo mando e pela obediência (CHAUÍ, 2004, p. 262). São papéis pré-definidos, estruturando o modo de pensar do indivíduo, naturalizando-o. Castells (1996), em sua análise sobre a identidade fundamentalista cristã, revela que existe um lugar próprio para a mulher, bem como para o homem. Os papéis são pré-determinados, não havendo opção de escolha como será exercitada e vivenciada a condição de gênero. Nesta definição, o homem é visto como o provedor, o condutor da família, o que tem a última palavra, uma definição que repercute entre alguns jovens pesquisados:

“A Bíblia ensina que o homem tem que ser o cabeça da mulher, como Cristo é o cabeça da igreja. O homem dá a palavra final, porque o homem tem que ser o cabeça da mulher, assim como Cristo é o cabeça da igreja. O homem comanda o lar, ele dá o rumo, melhor dizendo, sem machucar muito, o homem, ele dá o rumo, a mulher ajuda o homem a seguir esse rumo que ele deu...” (Roberto).

Nesta visão, as garotas evangélicas são idealizadas por alguns garotos, expressando o protótipo da mulher “perfeita”, um exemplo a ser seguido pelas mulheres em geral:

“Eu vejo que as garotas evangélicas que são as meninas perfeitas que tem Deus, e é essencial pra vida de qualquer pessoa, se alguém não tem Deus não pode ser bom, por mais bonita que a pessoa seja, se não tiver Deus, não adianta, não tem conteúdo” (Eric).

Para algumas garotas, os garotos evangélicos possuem uma conduta diferente dos demais, pois tratam a mulher com mais “respeito”, ou seja, na verdade refletem a disciplinarização imposta pela igreja:

“Eles respeitam mais as meninas, enquanto que os garotos do mundo já pegam liberdade e fazem brincadeiras indecentes, que podem virar até brigas, várias confusões” (Raquel).

Mas esta não é uma visão compartilhada por todos. Há aqueles que discordam, como no caso de Caio, que também afirma que possuía uma visão idealizada da mulher evangélica, mas com o convívio, mudou sua forma de pensar:

“A minha visão das moças evangélicas mudou depois que eu entrei na igreja. Eu as via como as moças perfeitas, e vi que elas não eram isso, como todo mundo lá também não é” (Caio).

Os discursos dos jovens em suas pregações são sempre no sentido de reforçar essa visão, conformando a mulher a uma atuação limitada. As mulheres, assim como os homens, seriam diferenciados apenas pelo sexo, ignorando-se completamente as suas subjetividades individuais:

“A mulher... ela tem que ser mulher, mulher, na sua posição de mulher. Mulher... ela tem algo que o homem não tem, ela tem o jeitinho dela de fazer as coisas, então a mulher, ela tem que mostrar esse jeitinho dela de fazer as coisas, sem atrapalhar o

jeito do homem de fazer as coisas, tem que encontrar o equilíbrio dos dois, o homem e a mulher. A mulher na igreja, a posição dela, Deus mesmo coloca que isso, é que ela não tem uma posição de autoridade, que ela tenha que dar ordens, porque ela não foi feita pra dar ordens. Ela... na verdade, ela faz muito bem as coisas, mas... ela sabe muito bem, do jeitinho dela...” (Roberto).

As subjetividades que ordenam à forma de pensar do grupo ganha contornos de “naturalização”, um discurso constantemente reproduzido tanto pelos garotos quanto pelas garotas nas rodas de conversa:

“Estar ali pro marido, presente, ajudadora, não submissa, alguém que vai ajudar a administrar a vida dele, o ministério, a família dele. Dentro da igreja eu acho que nem toda a posição a mulher pode alcançar, como pastora, porque é diferente do homem, mas estar discipulando pessoas, estar no louvor, outros grupos eu acho que tem que estar mesmo porque a mulher é capaz, só que como está sob a autoridade total de uma igreja pra uma mulher é difícil.” (Eric).

Demonstrando uma atitude mais conservadora, Roberto, o atual pastor nem cogita a hipótese de uma mulher vir a pregar, pois considera esse fato um “absurdo”. Segundo ele, “os homens se sentiriam constrangidos ao ver uma mulher exercer um papel de autoridade no interior da igreja”:

“A gente evita mulher de pregar, entendeu. Porque eu acho que se eu sou um pai de família, eu sento aqui, eu vejo a minha mulher pregando pra mim, e os meus filhos sentados do meu lado, é um ambiente meio... constrangedor (risos). E não é só porque eu falo, a Bíblia fala. A Bíblia fala que a mulher, ela... ela não pode comandar o homem, e dizer o que tem que fazer... Então a mulher, ela simplesmente mostra o talento dela, que Deus deu pra ela, natural de fazer as coisas certas e o homem de dar o rumo das coisas certas” (Roberto).

Mas essa condição de submissão que se pretende à mulher evangélica é por vezes questionada:

“Ser submissa pra mim, eu sou submisso do meu mestre, mas nem por isso sou submisso ao meu pastor, mas nem por isso eu boto a minha opinião, porque isso você aceita e ficar quieto pra mim, no meu modo de ver, não é submissão, isso é autoritarismo, isso em arte marcial você vai encontrar demais, por isso que eu falo, enquanto eu der aula não existe autoritarismo, existe uma matéria que eu escrevi numa revista que é exatamente este título: “Chega de autoritarismo!”. Submissão é você tentar entrar num acordo, porque essa é a minha verdade, é conversar, eu acho que isso é ser submisso” (Luciano).

Dentro do que se entende por submissão, a mulher nunca deve ser aquela que toma as atitudes em relação ao homem, esperando que as decisões partam dele. Por este motivo, os namoros com alguém que não tenha a mesma visão poderia pôr em risco a realidade atual:

“Eu parto assim do seguinte princípio, eu acho que a mulher, ela não tem que provocar, porque se ela lançar o fósforo o negócio pega fogo... então, se a mulher, ela riscar o fósforo vai ter certeza que vai ter um fogo grande, vai durar, entendeu. Eu

creio que os dois tem que ter o mesmo pensamento, porque vai ter dias, a mulher, ela não é uma muralha, entendeu, ela não vai ta firme e forte todos os dias. Ela também precisa de um companheiro que seja temente a Deus, e que também, aquele dia que ela não tiver muito bem, ele também não deve riscar o fósforo, entendeu? Então, tem que ter um equilíbrio, os dois tem que estar equilibrados, tem que ter essa visão” (Julia).

Para Fabiana, esse sentimento é perpetuado, reforçando as atitudes tradicionais sobre o “perigo” da sexualidade feminina, condicionando-se a um papel passivo dentro da relação homem/mulher:

“Tanto é que foi Eva que deu o primeiro passo, de pecado de desobediência” (Fabiana).

Nessa linha, pensamentos machistas são suscitados, revelando que entre o grupo também predomina a noção de “garotas para casar”, que preferencialmente acatam a idéia de “submissão” imposta pelo grupo:

“Hoje tem que ser elas, casar, namorar uma garota que não seja evangélica praticamente você ta pedindo pra ser traído. Hoje é o primeiro critério, a mulher ser de Deus porque tu tem que casar, estar junto com alguém que te ajude, não que te atrapalhe, que só te traga problemas, vamos supor se eu namorar uma garota que não é da igreja, se ela quiser fazer uma coisa e eu outra então não ia dar certo” (Eric).

Como percebemos, as construções dos perfis de comportamento masculino e feminino definem-se um em função do outro, uma vez que se constituíram social, cultural e historicamente num tempo, espaço e cultura determinados (MATOS, 19996, p. 99). Mas nesse universo de relações não escapam as controvérsias e ambigüidades. Embora haja todo um discurso ressaltando as imagens masculinas e femininas, são imagens de poder que explicam visões mais voltadas para o “dever ser” do que propriamente para o “ser”. As contradições surgem quando as imagens femininas são construídas em torno da “docilidade” e a “submissão”, prerrogativas essas que se acreditam serem inerentes às mulheres em geral. Ocorre que, nem sempre, essa imagem idealizada pelo grupo, e reforçada pelas próprias mulheres, corresponde ao comportamento adotado por elas na dinâmica de relações estabelecidas por elas. Ou seja, enquanto se esperaria que os rapazes tivessem uma atitude mais voltada para a inserção no mercado de trabalho, na verdade, quem demonstra e assume de fato essa posição são as garotas, pois, segundo os discursos dos rapazes, vida religiosa e trabalho são incompatíveis para o desenvolvimento da carreira religiosa. De todos os rapazes entrevistados, a “vocação” para a vida religiosa os impedia de assumirem um compromisso de trabalho, pois os desviariam do foco principal, no caso, as atividades da igreja. Diferentemente, as garotas não só trabalham, como também estudam, ao mesmo tempo, que exercem cargos de liderança na igreja, como no caso de

Fabiana, principal líder de louvor, Julia, líder de discipulado e de jovens e Vanessa, líder de dança. Segundo elas, os papéis de liderança assumidos no interior da igreja são exercidos durante o tempo livre que possuem, mas nem por isso de forma negligente. Mas mesmo assim, a maioria dos cargos de liderança são exercidos pelos garotos.

5.0 - Casamento e constituição de família

Ao acomodarem suas visões a um casamento com uma mulher evangélica, o homem estaria assegurando o seu papel de macho, daquele que manda. Conforme sustenta Lienesch:

“Essa “fortaleza de vida cristã” tende de ser reconstruída pela afirmação do patriarcalismo, que consiste na santidade do matrimônio (excluindo-se o divórcio e o adultério) e, sobretudo, a autoridade do homem sobre a mulher (no sentido literal conforme apresentado na Bíblia: Gênesis 1; Efésios 5, 22-23)” (LIENESCH, *apud* CASTELLS, 1996, p. 39).

Seguindo esta linha, o casamento e os valores familiares são sempre ressaltados entre a comunidade, aliás, algo que está na própria essência do pentecostalismo. É muito comum ouvir entre esses jovens projetos de futuro relacionados principalmente ao casamento, à construção de uma família, algo que não fazia parte de suas experiências anteriores:

“...Antigamente eu não queria nem saber de casar não, queria ser de todos (...)Assim, você, ah, eu penso assim, claro, o casamento não é mil maravilhas, né, mas assim, você tem um marido pra você, assim, você pode compartilhar as coisas com ele, entendeu? Vanessa

O casamento deve ser pensado a partir de um projeto de vida em que haja um vínculo ético de comprometimento em relação à fidelidade, à superação dos problemas, em unidade, em concordância, não havendo força maior que desfaça o compromisso firmado perante a comunidade cristã:

“Casamento é algo sério, e eu quero um, não quero vários, eu quero uma esposa. É mais uma opção não namorar agora porque eu não vou casar daqui a dois, três anos, então vai levar a uma consequência que é difícil não manter relação sexual, então casamento pra mim é a união de dois corpos que são um corpo só. Alguém que vai te ajudar no caminho cristão, e é importante porque chega um momento na vida que vai ser alguém que vai ficar contigo pro resto da vida, e a carne também pede, sente vontade”(Eric).

O casamento é um assunto constante entre os jovens, reforçando seus benefícios, enquanto aguardam o dia de estarem aptos a assumirem esse compromisso. A família é uma meta a ser alcançada, já que ela é a concretização de um ideal bíblico:

“A gente tava discutindo outro dia sobre isso, mas o casamento, na minha concepção, né, eu acho que é algo muito sério, é algo onde você vai construir uma família, então no casamento você tem que ter convicção de que meu, a pessoa que tá ao seu lado, ela entende o seu trabalho, falando com Deus e com o ministério, é por isso que eu orei muito pra Deus” (Luciano).

Embora o divórcio esteja previsto nas leis bíblicas, é visto como um fracasso, pois reflete a dissolução da unidade da família que o cristianismo tanto preza. Por isso há uma luta constante no sentido de evitar que se chegue a consumação do mesmo. Porém, esgotadas as possibilidades de reconciliação, é melhor o divórcio. Neste ponto, os jovens se dividem. Há aqueles que não aceitam o divórcio em hipótese alguma, revelando um pensamento idealista em relação ao casamento:

“É uma maneira de mostrar cada dia mais que é um pedacinho do mundo entrando dentro da igreja, eu vejo dessa maneira. Então quer dizer que Deus não é poderoso pra restaurar a família? Ah, Deus, não é tão poderoso assim pra restaurar meu casamento? Ah, talvez, o daquela pessoa ele restaurou, mas o meu ele não pode, entende? Você começa por limites em Deus, você começa a ser o conselheiro de Deus, você começa a querer acrescentar coisas na palavra de Deus, entende? Então quer dizer que Deus não funciona sempre, ele só funciona algumas vezes, em alguns casos? Então eu acho que o divórcio na igreja ele não pode existir” (Julia).

Enquanto outros, que vivenciaram essa experiência em seus lares, acreditam que o divórcio seja uma medida viável quando se esgotaram todas as chances de um entendimento:

“Pra mim foi muito melhor, porque eles estavam em muito conflito e isso, pra mim, me deixava muito nervoso, acho que por isso que eu me..., não sei, que dei uma amadurecida rápida, porque de ver eles discutindo toda hora, eu entrava no meio, minha irmã depressiva, e é melhor, porque eles... eles se dão muito melhor assim. Hoje eles são amigos” (Leonardo).

Por esse motivo, quando a situação de divórcio envolveu a figura do principal líder da igreja, os jovens se dividiram. Até então, havia boatos que a sua relação com a esposa já não vinha bem de longa data, mas de certa forma, pelo fato dele ser um “líder espiritual”, esperava-se que a situação se resolvesse de forma a evitar a separação. Porém, não esperavam jamais que ele viesse a se envolver com uma outra mulher, o que os deixou completamente desorientados:

“O divórcio... é... a Bíblia, ela diz que, em caso de adultério, o homem está livre para se divorciar. Mas, não é porque você tá livre, que você deve, né? Você tá livre, é uma opção tua, você tem a opção. A gente insiste em que haja perdão, né, no caso de adultério... a gente insiste em que haja perdão. Mas..., vem do homem. A gente não condena o divórcio errado, em caso de adultério, a gente condena o divórcio, como uma opção errada” (Roberto).

Em todo o momento acreditaram na idéia da restauração do casamento. Então, começaram a questionar a validade do que se pregava, do ideal de casamento, de condutas. Alguns não resistiram e saíram do grupo, os que ficaram insistiram na renúncia do pastor,

na disposição do seu cargo, pois ignorou as expectativas em relação a seus deveres e práticas mediante o grupo.

O fato demonstra que as relações sociais do grupo estão inscritas em um universo simbólico de referenciais estruturantes de uma certa visão do mundo que, com maior ou menor intensidade, é fator determinante na definição da temática privada de seus membros.

6.0 - Religião e trabalho

De todos os jovens que entrevistei, do sexo masculino, nenhum deles está inserido no mercado de trabalho formal. Provavelmente pelo fato de suas expectativas entrarem em confronto com os trabalhos que encontram, geralmente “bicos”, esse período é adiado. Enquanto isso eles afirmam viver com o pouco que conseguem, seja de patrocinadores do surf, ou mesmo de trabalhos realizados dentro da igreja. Mas essa atitude, pelo que percebi, é de certa forma apoiada por Paulo, que remunerava alguns jovens para desempenhar atividades de cunho integral na igreja. Ou seja, “vivem da fé”.

Todos alegam já ter realizado algum tipo de trabalho, como entregadores de pizza, ajudantes, empacotadores etc., mas que desistiram para dedicarem-se ao trabalho religioso:

“Eu senti que era a presença de Deus, largar o trabalho e seguir o caminho dele, fazer parte da obra” (Marcos).

Mas quando a igreja começou a enfrentar dificuldades financeiras esses jovens se viram sem o apoio financeiro que recebiam e, conseqüentemente, tiveram que pensar em alguma forma de conseguir dinheiro para suas despesas.

“Devido algumas dificuldades que a igreja ta passando, eu falei assim, “oh, pastor, por mim eu trabalharia na obra mesmo, “de grátis”, mas o meu pai não ta mais com a gente, e eu preciso do aluguel”, porque o que eu recebo aqui é pra pagar o aluguel da minha casa, então só que assim, eu quero constituir família, então eu quero, tipo assim meu, ter condições pra dar pra minha futura esposa o que os pais dela davam e sustentar os meus filhos também” (Leonardo).

Mas alguns levam tão a sério a questão de trabalhar no ministério que mesmo tendo a oportunidade de se firmarem em um emprego estável, optam pelo trabalho de evangelização, como no caso de Luciano, que segue com suas aulas de capoeira, pois acredita que assim está fazendo “a vontade de Deus”.

“Ele me dá forças aonde eu não tenho forças... é... eu larguei um emprego de R\$ 850,00 pela prefeitura, quatro anos de contrato trabalhando, eu sou um cara que trabalha sempre em periferia, em todas as favelas de São Vicente eu já dei aula, pelo governo federal, é... e eu tava no cecom, que é... são crianças da favela que vem e

Deus falou: sai, e vem segurar o teu ministério onde você não vai ganhar nada” (Luciano).

Essa forma de pensar influencia os jovens que estão entrando para a igreja, gerando algumas dúvidas em relação ao seu futuro, como no caso de Caíque, que não sabe se estuda para exercer uma profissão ou se firma em uma “profecia” que recebeu mesmo antes de entrar para a igreja:

“Eu me lembro que foi um pastor em casa, antes de eu ser evangélico, foi um pastor em casa (...) Ele chegou assim, olhou pra minha cara e falou: “_Você vai ser pastor.”, do nada... do nada...! Aí, caramba!... até hoje, o Leonardo sempre fala que eu vou ser pastor, só que eu não sei, né... (...) eu não sei, se vou ficar na igreja, entendeu, eu ainda não sei se vou trabalhar mesmo com processamento de dados, se alguma coisa no computador, não sei...tipo... eu to mexendo no computador da igreja, tipo assim nos cartazes...” (Caíque).

Para Eric o trabalho significa independência, mas no momento atual entraria em discordância com os outros papéis sociais que desempenha, como o de estudante. Mas ressalta também viver num momento de busca do conhecimento de Deus, deixando para preocupar-se com a questão do trabalho quando concluir seus estudos, pois sua família tem condições para mantê-lo.

“Tem que ter, eu penso em casar, como eu vou sustentar a minha família. Na adolescência é uma forma de ser mais independente, mas no momento eu não quero porque atrapalharia minha vida, minha adolescência, minha busca a Deus, escola, trabalho, lazer, eu prefiro deixar pra quando eu tiver minha faculdade”(Eric).

Entre as garotas essa questão é vista de forma diferente. Ao contrário dos meninos, muitas buscam realizar-se profissionalmente e em nenhum momento fazem oposição entre vida religiosa e trabalho. Aliás, todas as garotas que entrevistei estão trabalhando, algumas já estão formadas, com uma profissão definida, outras lutam para chegar aonde desejam. Entre estas, Fabiana, que deseja cursar uma faculdade de música, mas por enquanto atua como balconista, e faz o que mais gosta na igreja, ou seja, cantar. Inclusive, foi o seu sonho de gravar um disco que a levou a SC, em busca dos profissionais que atuam na igreja para fazer a parte instrumental. Hoje, além do seu emprego em uma joalheria, usa seu tempo livre para trabalhar na igreja.

“Eu gostaria de estar mais profundamente na obra da igreja, como ministério de louvor, eu tenho vontade de gravar profissionalmente um solo, um cd do ministério com o pessoal do louvor, agora comecei a trabalhar com o coral na igreja, montei um coral, um pessoal jovem, a meninada, então eu quero levar isso à frente profissionalmente” (Fabiana).

Julia, formada em fisioterapia, é uma jovem muito atuante dentro da igreja, em seu cargo de líder de jovens e discipulado, mas nem por isso negligencia sua vida particular.

Continua a estudar e tem projetos de vida claramente definidos. Além de ter passado atualmente em dois concursos públicos entre os primeiros colocados, pretende cursar uma pós-graduação.

“Bem, na verdade, eu to fazendo a pneumofuncional pelo mercado de trabalho, porque qualquer hospital que você preste um concurso, a meta é pra você trabalhar na parte da UTI, é por isso que eu to fazendo essa pós. Mas a área que eu gosto da fisioterapia é a parte neurológica, que inclusive eu estou trabalhando nessa área atualmente, na parte da reabilitação, que o paciente levou dois tiros no crânio, na cabeça e eu trabalho com essa parte, de reabilitação, hemiplegia, reabilitação é... neurológica” (Julia).

Outras jovens também estão no mercado de trabalho e não pretendem deixa-lo para se dedicar exclusivamente à igreja. Berenice, por exemplo, recomeçou como despachante no escritório dos pais. Mas segundo ela, seu sonho realizou-se ao assumir o trabalho de uma empresa americana, e hoje ganha em dólar.

“Hoje tenho uma pessoa que paga a minha escola pra mim, não sou eu que pago, alguém me abençoou com esse dinheiro, e meu sonho era exatamente isso, que viesse alguém de algum lugar e com algum dinheiro, de alguma maneira, divinamente, que me desse um bom trabalho, que ganhasse lá em dólar, e essa pessoa me transmitiu o Mister Houerd que tem cem lojas no E.U.A, lojas em Nova Iorque, lojas espalhadas no Iraque, não estou muito bem lembrada e esse ramo em exportação, principalmente em exportação de sapatos (...) Eu estou trabalhando nele” (Berenice).

A diferença de visão em relação ao trabalho é muito divergente em ambos os sexos. Enquanto todas as garotas estão trabalhando, nenhum dos garotos está. Percebe-se a preocupação das garotas em relação ao próprio futuro, enquanto os garotos acreditam que serão recompensados por atuar no trabalho religioso. Apesar do estilo surfista parecer, em um primeiro momento, desprezioso, ele custa caro e não está ao alcance de todos, pois, a maioria dos artigos valorizados pelo grupo é importado. Quem não pode consumi-los, contenta-se com mercadorias falsificadas, ou “de baciada”, no linguajar deles.

Acredito também que um dos fatores que impulsionarem estes jovens para atuar no espaço religioso, seja a uma profusão de igrejas sendo abertas diariamente, despertando em alguns o sonho de virem a ser um pastor, principalmente quando vêem a facilidade na criação de uma igreja.

8.0 - Religião e escola

A escola, enquanto espaço de socialização, instituição considerada fundamental na formação do caráter, assume papel de importância na vida desses jovens. Praticamente todos a destacam como fundamental no preparo para a vida, na formação para o trabalho, mas também é vista principalmente como local de conflito e de afirmação da identidade cristã. Entre esses jovens, três cursaram o ensino médio, sete estão cursando, um está na faculdade e uma faz pós-graduação.

Roberto acredita que não há envolvimento suficiente dos professores na formação dos jovens, o que acaba por desmotivá-lo. Isto porque acredita que a escola ainda é importante na preparação para o mercado de trabalho:

“A escola é importante, cumpre seu papel. A gente aprende pouco porque tem professor que é relaxado, senta e só explica pra quem esta na frente, pra menina, dá raiva e eu saio da classe. Eu acho que a escola prepara pro mercado de trabalho, estão exigindo muito o 2º e o 3º” (Geraldo).

Vanessa lembra o lado da sociabilidade, da convivência com os amigos, mas na sua visão, a escola está totalmente desvinculada do seu cotidiano, pois não consegue ver nenhuma relação entre o que se aprende com o seu cotidiano:

“A escola é chata mas os amigos é legal! Ah, porque tem coisa ali que não é do meu interesse, eu durmo na aula. Pra mim, a única coisa mais importante foi aprender a ler e escrever, pra mim já tá bom, já era, não quero saber de mais nada. Pra que eu vou estudar geografia? Eu não vou estudar a terra... Eu acho que deveria ser assim: quem quer estudar geografia levanta a mão, então ia se dedicar à Geografia” (Vanessa).

Enquanto que para Eric a escola é fundamental para seus projetos de vida, que consiste em cursar uma faculdade e concomitantemente atingir uma boa colocação no mercado de trabalho:

“Hoje em dia, nos tempos em que a gente esta vivendo é o fundamento para conseguir um emprego, uma boa profissão, se quiser ter uma universidade tem que ter uma formação escolar” (Eric).

Para Berenice, a escola é importante à medida que a coloca em sintonia com o conhecimento, introduzindo-a em redes mais complexas de relações. Atualmente, devido ao seu trabalho, ela participa de contextos sociais mais diversificados em termos culturais e políticos, que a inserem em relações de sociabilidade mais amplas.

“Ser uma pessoa culta né, globalizada, ligada nas coisas, por que eu já vivi isolada do mundo, e se você for comparar, se você estiver ligada nas coisa você entende muito melhor o seu meio, então da pra você analisar melhor a situação e a reação das pessoas, vive melhor. Quando você tem mais frequência na escola você estuda

mais, você entende uma série de coisas que você não entendia, expressões que as pessoas falam tipo, uma tragédia grega, se a pessoa não conhece a história da Grécia não dá pra saber o que é uma tragédia grega, isso parece drama mexicano, você não sabe, ela nunca estudou isto, como é que eu vou agradar gregos e troianos, ela não sabe onde fica a Tróia (risos) então ela usa expressões que ela mesma nem sabe” (Berenice).

Para Luciano, as situações que vivenciou no seu processo escolar, entre escola particular e pública permitiu-lhe um suporte necessário para superar as dificuldades decorrentes do seu trabalho:

“Eu acho que... eu acho que assim, quando eu fui pro Estado, existe o lado ruim, né, que foi aquilo... foi... não assim... vamos devagar, você não... te jogam no leão, então foi assim, meu Deus! Onde é que eu to, mas eu aprendi a dar valor pras pequenas coisas, eu acho que assim, eu aprendi a conhecer pessoas humildes, que também são pessoas boas, que no meio... tanto que hoje eu trabalho com periferia, é, eu trabalho no Lixão do Pompeba dando aula, também no Pompeba, sem ser no lixão, também na Favela Quarentenário, na Favela Rio Branco, na Favela Margarida, também com dependentes químicos, também na Favela da Nova Cintra, também na Favela do Marapé, quer dizer, acho que assim... acho que assim, fiz isso tudo porque a escola, nesse momento do Estado abriu, ampliou meu universo, e falou, pô, não é todo mundo que é assim, entendeu? Então eu acho que a escola foi fundamental pra hoje eu ser o que eu sou, com certeza, se é bom ou se é ruim, eu não sei, mas é o que eu sou hoje” (Luciano).

Fabiana, que tem o sonho de estudar música academicamente, acredita ter aproveitado somente o proporcionado pela escola. Em sua visão, foi menos do que ela poderia ter tido acesso:

“O estudo é essencial, precisamos ser alguém na vida, profissionalmente, pra ter conhecimento como pessoa, pessoa culta, não que eu seja assim, mas é essencial. Eu sempre fui da turma da bagunça, sentava no fundão com a mulecada, sempre gostava da turma, mas quando chegava na hora, eu estudava em casa. Os professores ficavam loucos comigo, porque eu bagunçava, bagunçava mas tirava nota boa, eles achavam: Você colou? Eles falavam a Fabiana é cdf, mas ela bagunça. Eu sabia que tinha importância, mas eu poderia ter aproveitado muito mais. A escola não trabalhava em cima dos jovens, fazia a parte dela que e passar o ensino e só, não ia além” (Fabiana).

Para Julia, a sociabilidade obtida na escola, vivenciada em torno dos adeptos do surf, despertou-lhe o interesse pelo esporte. Ela acredita que a escola faz a sua parte, e que cabe a cada um aproveitar da melhor forma o que lhe é oferecido. Sente orgulho pelo fato de que mesmo possuindo condições para cursar uma escola particular, concluiu seus estudos em escola pública. Atualmente é formada em Fisioterapia por uma faculdade particular, e ressalta que apesar do conceito baixo que essa faculdade possui, ela conseguiu passar em dois concursos públicos atingindo uma boa classificação. Júlia procura sempre ressaltar o aspecto da responsabilidade individual, cabendo a cada um atingir seus objetivos, que

dependem única e exclusivamente do empenho pessoal. Ou seja, não é a sociedade que oferece as condições, é o indivíduo que a produz:

“A escola...ela, ela se esforça, eu vejo dessa maneira, ela ta sempre se esforçando, mas eu vejo que a rebeldia e o pecado, ele é muito grande no meio dos jovens e fica difícil pra qualquer professor (...) Eu vou te falar, eu vou concluir com uma frase assim: foram três mil candidatos em São Paulo, e eu passei entre os trinta. Foram trinta concorrentes na Santa Casa, eu fiquei em terceiro lugar, então eu acho que é assim, é...tudo depende do aluno” (Júlia).

A partir dos depoimentos, acreditamos que a escola, apesar de todas as crises pelas quais tem passado, continua sendo muito importante como espaço de sociabilidade na formação dos grupos juvenis. É também um referencial que lança uma expectativa de futuro em relação a inserção no mercado de trabalho.

Leituras

Há toda uma literatura voltada especificamente para este grupo, com uma linguagem adequada a esta faixa etária, incluindo a Bíblia.

“A Bíblia... se é uma linguagem difícil pra você, pega uma linguagem nova, sempre tem linguagens mais fáceis de entender da Bíblia, pra eles estarem lendo, conhecer o que a bíblia diz, a vida cristã, é... os passos para o cristão, então eu recomendo muito a Bíblia, mas, como muitas vezes o jovem não entende tanto, porque a gente vive dois mil anos depois que... a bíblia foi escrita dois mil anos atrás, tem muitas coisas estranhas... alpacas, o que que é isso?...isso, e aquilo, aquilo... então eu recomendo um guia de estudo da Bíblia que ajuda você entender passagem por passagem, capítulo por capítulo, e eles gostam, eles gostam bastante disso” (Roberto).

Existem livros que trazem interpretações bíblicas sobre os mais diversos assuntos, os quais muitos jovens lêem e assumem esses ensinamentos como verdades, sem reflexões próprias sobre os assuntos. Aliás, os depoimentos indicam uma tendência a se apropriarem apenas de uma literatura cristã. O depoimento abaixo reflete um pensamento constante entre os entrevistados.

“Eu leio livros do T. K. Jakes ... [são livros cristãos?], isso, são todos cristãos...[outras leituras?...] só pro lado da fisioterapia. [Jornais, revistas?...] É difícil eu ler uma revista, só da minha área, do CREFITO, que é do Conselho Regional mesmo, livros só na área evangélica... jornal não, não gosto de jornal, não gosto de ler jornal”(Julia).

Esse pensamento se repete, reafirmando o mesmo tipo de visão.

“Hoje eu leio muito. Eu ganhei uma Bíblia, porque hoje tem aquelas Bíblias na linguagem de hoje, então é de muito fácil entendimento e o que eu faço exige... eu leio, não todo dia, mas umas cinco vezes por semana, entendeu, e eu, quando eu pego pra ler eu leio uma boa parte, eu leio, vai, uns dez capítulos, entendeu, e aquilo ali, eu já, sei lá, vem algo, preparo um estudo legal assim... [E quanto aos livros, qual é a frequência de leitura?] Sempre. Lançou um novo eu tenho que comprar. Sempre, eu

tenho que ta lendo assim. “Um dia na vida de Jesus” cara, meu, do Max Ducado também...” (Leonardo).

Embora esta seja uma tendência entre a maioria dos jovens, há aqueles que fogem deste círculo, buscando outras alternativas, como no caso do próprio Roberto, que além dos livros evangélicos diz estar aberto a outras leituras, apesar de se mostrarem sempre na defensiva.

“Eu gosto de ver sobre a mitologia grega, eu acho muito interessante à maneira como ela é desenhada, é tão engraçado(...) Eu acho que a mitologia ela, apesar de ser.. é legal de se ler... um conto, não passa de um conto, né, é interessante ler assim, mas é... apesar de tudo isso ela não tem muito sentido, e o que faz menos sentido é os filósofos inteligentes da época amarem essas coisas sem sentido, né...” (Roberto).

Para Roberto, estar atualizado é importante, à medida que pode usar muitos dos acontecimentos mundiais de nossa época para embasar seus sermões, pois acredita que muitos deles já foram profetizados na Bíblia:

“Eu gosto de estar bem atualizado, principalmente porque, hoje o nosso mundo assim, de acordo com a Bíblia diz, a gente vê muitas coisas que a Bíblia diz acontecendo hoje no mundo. Israel... a nação de Israel se tornando Estado, a Bíblia fala sobre isso, diversas vezes no antigo testamento e a gente para pra pensar, por muitos anos, centenas de anos, essas profecias elas foram...alegorizadas, porque assim como os filósofos achavam ridícula a história, os pastores dos séculos passados achavam que era ridícula essa história de Israel voltar a ser nação, entendeu? Então a gente vê uma diferença assim, entre a mitologia e a verdade da Bíblia, entendeu, que você não pode alegorizar, porque ela se tornou verdade. Em 1948 Israel se torna nação, né, e isso fechou muitos livros, vamos falar assim, né...” (Roberto).

Para Fabiano, a leitura é fundamental, desde que esteja circunscrita a livros que lhe dêem suporte no campo da religião. Por trabalhar com um tema, ainda polêmico em meio ao grupo evangélico, isto é, a capoeira, acredita que estará mais bem fundamentado estudando as religiões afros:

“A gente aprende a ler, né, você vai na minha mochila hoje tem cinco livros... de capoeira, de religião, eu fui buscar estudar todas as religiões, então eu sei muito sobre espiritismo, muito sobre candomblé, muito sobre quimbanda, muito sobre umbanda mais porque eu falava, cara, ta vendo isso aqui da umbanda, ta furado, olha a Bíblia... como é que vai falar com um umbandista se você não sabe as origens da umbanda” (Luciano).

A leitura da Bíblia não é tarefa muito fácil e exige de seus leitores conhecimentos, no mínimo, conhecimentos básicos de História e Geografia. Mas, com devido a frequência regular aos cultos, certas habilidades passam a ser desenvolvidas, como leitura e interpretação de textos, atenção, memorização, competências que influenciam sobremaneira no desempenho escolar. Com o intuito de seguirem carreiras como pastor ou missionário alguns jovens levam a sério, investindo em cursos que lhes proporcionem um

maior conhecimento e retorno, como no caso de Roberto, que frequentou uma escola teológica nos Estados Unidos:

“Uma tarefa e essa é a que exigia mais da gente, que a gente tinha que resumir cada capítulo da bíblia, Gênesis um a Apocalipse vinte e dois, em torno de mil e duzentos capítulos, então foi bastante trabalho. Além disso, a gente tinha as outras matérias, então a gente tinha hermenêutica, que é a arte de ensinar a Bíblia, então a gente tinha muitas tarefas também em hermenêutica, muitos livros pra ler, tinha também missões, todas as matérias de uma faculdade básica, de matérias principais a gente tinha, e tinha que ler muito, então foi uma época que... li muitos livros, estudei muito” (Roberto).

E a própria igreja se encarrega de investir nos jovens que demonstram interesse, firmando convênio com outras igrejas mantenedoras de escolas especializadas em preparar as novas gerações para o trabalho missionário. Para alguns jovens é a oportunidade de experimentar novas aventuras:

“A gente vai no M. S. (favela) evangelizar. A gente evangeliza no M. S. e a gente também faz algumas viagens, igual, a gente vai, a gente faz a teoria, que a gente ta fazendo, são dez meses, e vai ter o prático que vai ser no Amazonas. A gente vai aprender tudo que a gente aprendeu em sala de aula a gente vai praticar” (Leonardo).

Segundo Carrano (2000), *essa é uma realidade para a qual a escola precisa acordar*, para a nova realidade na qual se insere o grupo da juventude, ou das juventudes, quando a consideramos como um campo amplo de possibilidades, como nos revelam as diversas culturas juvenis. Carrano ressalta o preconceito que muitas destas culturas sofrem devido ao desconhecimento em torno das mesmas. Por este motivo são ignoradas pela maioria dos profissionais de educação

Embora a leitura entre o grupo esteja de certa forma restrita à Bíblia e livros escritos por outros autores evangélicos, acreditamos que o espaço funciona também como um espaço educacional correlacionada com a cultura formal. Segundo Setton (2002, p. 26), “é possível pensar um capital cultural aprendido informalmente em heterogêneas experiências, em vários espaços de convívio social”.

8.0 - Participação política

A SC, é um espaço propício à concentração de jovens, a evangelização na praia em campeonatos de surf. Isso a coloca como um grande chamariz para políticos que querem promover suas campanhas, principalmente aqueles ligados ao esporte. Em épocas de campanha eleitoral essas visitas são intensificadas, inclusive com promessas de apoio:

“Tem muitos políticos que vem procurar a gente, amigos, por exemplo, o meu tio, é vereador, só que uma pessoa que sempre ajudou a gente foi o D.M., né, o T. é uma pessoa legal, também, aparece às vezes por aqui, então... É difícil a gente falar sobre política, principalmente agora, esse ano, que são muitos vereadores que estão em nossa volta, né, é difícil. Eu falei com o pessoal sobre a política, pra gente tentar esquecer a política esse ano, né, a gente sempre teve...deu um apoiozinho pra alguém, né, assim... de um amigo nosso...”(Roberto).

Na última eleição, a igreja apoiava, concomitantemente, três candidatos a vereador. Os jovens eram incentivados a votar nesses políticos, que em troca “prometiam” um maior incentivo às políticas públicas voltadas para jovens na cidade:

“Eu não costumo parar para pensar nisso e observar a vida política de minha cidade.(...) Onde minha mãe trabalha são duzentos e poucos jovens incentivados pro mercado de trabalho, e esse rapaz vereador, incentiva muito, ele poderia ampliar muito mais, mas a posição em que ele está não dá pra ir mais a fundo nisso, ele trabalha muito pro pessoal jovem, ele promove campeonatos de futebol. Sei que tem pessoas trabalhando para isso, mas eu nunca me interessei” (Fabiana).

Além da troca de favores, revertida em equipamentos de sons, apoio em campeonatos de surf, investimentos em projetos sociais, alguns jovens são convidados a trabalharem em campanhas eleitorais, ou seja, “bicos” de cabo eleitoral, garantindo benefícios a si próprios.

Mas, embora não participem efetivamente da política oficial da cidade, os jovens se mobilizam dentro da própria igreja, arrecadando alimentos, cobertores, roupas que são distribuídos para famílias carentes e moradores de rua. Presenciamos uma dessas mobilizações durante o inverno, em que os jovens se reuniam na igreja para fazerem sopa e distribuir aos “sem teto”, moradores de rua.

Ou seja, embora não haja um engajamento de idéias políticas ou partidárias. Prevalece um conformismo, uma aceitação da sociedade como um “antro de perdição” e que, portanto, não há solução prática do ponto de vista do sujeito histórico transformador da realidade social. Para eles, a mudança social somente é possível a partir da conversão de toda a sociedade às leis de Deus.

De modo geral os jovens preservam as definições tradicionais das instituições socializadoras. Na família a ser constituída querem um campo para o exercício da fé.

As diferenças em relação ao trabalho são significativas, pois os rapazes tendem a postergar sua inserção ocupacional. As meninas convivem mais integralmente com a experiência de trabalho e a vida religiosa. Todos defendem a escola, sobretudo em sua

função de credenciamento e transmissão do conhecimento. Apesar de considerarem que a instituição escolar pode ampliar seu repertório de trocas, sabem que a identidade evangélica pode provocar conflitos que, aparentemente, são evitados na escola.

A escola representa uma esfera de acesso a melhores níveis de formação que possibilita melhores oportunidades de trabalho. A escola é vista também como dotada de um sentido que nem sempre consegue comunicar-se com os jovens sinalizando como instituição capaz de habilitá-lo para uma vida melhor. Essa relação com a escola vai depender também do valor que ela adquire em casa, isto é, do sentido da educação visto a partir do lar, da participação dos pais como doadores de sentido para o valor que deverá ter a vida escolar na vida desses jovens. Normalmente, em famílias mais bem estruturada intelectualmente e financeiramente, com pais profissionais liberais, os jovens tendem a encarar a escola como via de acesso aos segmentos médios da sociedade. Em lares onde a escolarização dos pais é muito baixa, há a tendência explícita de desvalorizar o sentido da educação escolar e isto reflete na postura cética em relação à escola como oportunizadora de escalada social.

Não acreditam na política, revelando uma posição simplista e pragmática, em que não há uma ênfase na sociedade enquanto um projeto coletivo visa-se apenas a experiência individual. Da política espera-se apenas que ela não interfira na busca pessoal ou do grupo de interesses, no qual, a igreja.

CAPÍTULO V

OSCILAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

1. A crise

A crise, como já assinalamos no segundo capítulo, foi desencadeada a partir do divórcio do pastor e seu posterior envolvimento com uma das jovens da igreja. Essa situação provocou nos jovens um misto de sentimentos contraditórios, pois não exatamente como agir. Alguns acharam por bem sair, o que fizeram logo no início da crise, outros ficaram, esperando para ver o desenrolar dos acontecimentos.

Não demorou muito tempo para que os jovens decidissem pela saída, não deles, mas do pastor, que segundo eles, foi quem se contradisse com as mensagens das Escrituras. Diante desse quadro e pelo fato de não querer ficar dando muitas explicações sobre sua vida pessoal, decide afastar-se, mas deixa seu filho Roberto em seu lugar.

Ao assumir o cargo de “novo” pastor da igreja, de Roberto precisou lidar com o clima de desconfiança que pairava no ar, o que acabou resultando em implicâncias, jogos de poder entre os grupos de jovens. As “fofocas” internas revelaram-se como um mecanismo regulador das relações, do acerto das diferenças, dos embates diretos e indiretos e, finalmente, das cisões.

Diante desse quadro, Roberto decide, juntamente com outros líderes, iniciar um processo de mudança nos rituais da igreja, dedicando maior ênfase à palavra, valorizando o estudo sistemático da Bíblia, versículo a versículo, ao mesmo tempo em que reduz o louvor, embora, contraditoriamente, conceda maior autonomia ao grupo de louvor, que passa a introduzir novos ritmos, como pagode e até mesmo forró. Anteriormente, com Paulo, a prioridade era o *rock* e o *reggae*. A “santa ceia”, que anteriormente ocorria uma vez por mês, passa a ocorrer sucessivamente todos domingos.

Ou seja, a igreja que antes tinha o propósito de se ser um espaço “alternativo”, com a administração de Roberto, começa a adquirir um aspecto mais tradicional, segundo o depoimento de Paulo *“a igreja começou a perder sua identidade, estava ficando com cara de igreja”*, algo que, segundo ele, “sempre evitou”.

Influenciado pela teologia de uma igreja americana em que conviveu, Roberto introduz um novo estilo aos jovens, que parecem adaptar-se bem as mudanças, pois ainda

que tenha havido mudanças, os jovens continuavam tendo liberdade na ocupação do espaço da igreja:

“O Roberto veio meio americanizado, capítulo por capítulo, versículo por versículo, veio nos ensinando. (...)A gente começou a se apaixonar pela Palavra de Deus. A pregação do Roberto tinha uma hora, entendeu? O Roberto pregando era um estudo da Palavra de Deus, todo domingo ceia, então a gente meio que se adaptou” (Leonardo).

Quando tudo parecia se ajustar, uma nova crise começa a perturbar os jovens, desta vez, envolvendo a parte financeira. Com a saída de parte dos jovens, diminuiu o dinheiro arrecadado na coleta de dízimos e ofertas, em contrapartida, os donativos ou deixaram de ser repassados ou os mantenedores cortaram seus investimentos na igreja. O que sucede é que os jovens se viram sem condições de arcar com as despesas, desde as mais básicas, como água e luz, isso sem contar o repasse aos que ocupavam cargos remunerados. Sem investimento, a igreja começa a ganhar ares de abandono e os jovens já não possuem mais “tanto” tempo para dedicar-se as tarefas que desempenhavam antes. Alguns começam a procurar emprego, enquanto que outros aos poucos começam a se afastar, pois os “atrativos” já não são como antes.

Ciente da crise, Paulo decide retornar. Em um primeiro momento, passa a ajudar seu filho a solucionar os problemas de ordem material, como a troca de lâmpadas, manutenção dos jardins dentre outros. Embora um pouco incomodados com sua presença, percebe-se um certo alívio pelo seu retorno, embora os jovens não cogitem o fato dele voltar a pregar, por dois motivos, primeiro pelo fato de terem se acostumado ao ritmo de Roberto, e outro por acreditarem que ele ainda não estivesse apto a reassumir o papel de pastor, embora admitam que, apesar de tudo, gostavam também de seu estilo:

“A pregação do Paulo era uma pregação assim... apesar de nos últimos tempos ta algo seco, vago, mas era contagiante, era algo breve, mas tipo, contagiava, porque aquele gostinho de quero mais, pô legal, show! A pregação do Lucas tinha uma hora, entendeu. O Roberto pregando era um estudo da Palavra de Deus” (Leonardo).

Mas pouco tempo depois torna-se evidente que o seu retorno é iminente, anunciada em primeiro momento de forma discreta. Paulo passa a promover encontros com algumas pessoas que saíram da igreja, convidando-os a retornarem. No início realizam apenas algumas reuniões, “cafés da manhã”, paralelos aos cultos dos jovens. Quando sente que conseguiu agregar um número razoável de “partidários”, isto é, de pessoas que o apoiavam, anuncia oficialmente seu retorno, dando aos jovens um mês para decidirem se ficam ou se saem.

Perplexos, os jovens decidem sair, pois realmente acreditam que Paulo está agindo contra a “vontade” de Deus, pois, segundo eles, o versículo bíblico no qual se apóiam (“Convém que o bispo tenha bom testemunho dos que estão de fora, para que não caia em afronta e no laço do diabo”(I Timóteo: 3, v. 7), reafirma suas convicções e crenças.

Os jovens se despedem do espaço com uma festa. Suas faces demonstram decepção e tristeza, mas também a certeza de que tomaram a decisão correta. Liderados por Roberto, que opta por sair com eles, seguem para uma outra igreja, filial da mesma igreja que Roberto frequentou nos Estados Unidos.

2.0 – A igreja depois da crise

Se não fosse pelo grupo no qual Paulo buscou apoio, o espaço da SC teria ficado vazio. Dos cerca de cento e cinquenta jovens, número inicial quando iniciamos nossa pesquisa, restaram cerca de oitenta, e *todos* optaram por sair. De repente, o espaço tornou-se “grande” demais para acomodar o pequeno grupo de Paulo, levando-o a implementar algumas mudanças no espaço, como deslocar o palco para o centro do salão, cortinas escuras limitando o tamanho do espaço ocupado, tapetes pelo chão, mesas com cadeiras e uma iluminação suave e indireta, de forma a criar uma atmosfera acolhedora. Segundo Paulo, quando o grupo voltasse a “crescer”, ele iria controlando a ampliação do espaço com as cortinas. Para inaugurar a nova fase realiza uma festa, com direito a uma banda de rock, contratada especialmente para o evento. Os que estão na festa parecem felizes com seu retorno.

A saída de Paulo, de certa forma, foi um fator revelador das diferenças entre os jovens. Segundo Luciano, um dos poucos jovens a retornar com Paulo, com a saída dele da direção da igreja, os jovens que ficaram passaram a exercer uma certa pressão sobre os que não concordavam com as mudanças implantadas por Roberto, e como ele se mostrou contrário a algumas dessas mudanças, a capoeira, que já despertava uma certa resistência por parte de alguns, foi ameaçada de ser tirada do rol de atividades da igreja:

“Falaram que iam tirar o ministério de capoeira, porque eu não estava com a liderança. Se você não está na vontade de Deus, se você não tem seus princípios, você muda de lado. Eu poderia chegar ao lado deles para que não fechasse meu ministério. Mal ou bem, eu ganho algum dinheiro, porque pagam mensalidade, e isso faria falta para mim, mas não seria a visão de Deus. O princípio, o que eu acredito, o que eu aprendi na igreja, acho que foram testados e eu consegui passar no teste, pelo menos por enquanto”(Luciano).

Para resistir a pressão, Luciano passou a freqüentar o espaço apenas para dar suas aulas, passando a freqüentar ‘cultos’ em outras igrejas:

“Eu vinha, dava aulas, o trabalho de ministério, falava de Deus, terminava com oração, mas estava procurando outras igrejas. Não fiquei em uma igreja fixa, porque eu não me encontrei em alguma igreja. Eu não achei uma com a visão de ministério de acordo como que eu acho que deve funcionar” (Luciano).

Por este motivo, o retorno de Paulo é comemorado por aqueles que concordavam com sua postura “mais liberal”, ainda que ressalvem alguns pontos:

“Sim, esta voltando, é um processo. Não que, por voltar a liderança, o pastor Paulo, seja tudo igual, existe uma mágoa, um processo que não podemos deixar de esquecer para que se desfaça o que ocorreu com o tempo. Está caminhando. Hoje ainda não tem, mas pelo menos a visão que esta caminhando é a que tinha” (Luciano).

Para Luciano, o retorno de antigos membros sinaliza que a igreja voltará a ser o espaço pensado e planejado por Paulo, baseado em uma visão que “foi dada por Deus”:

“Esta na vontade de Deus, não é como antes. Os jovens que estavam aqui saíram, alguns voltaram. Alguns não voltaram porque não sabem que mudou. Diminuiu o público mas a visão é a mesma que Deus deu. Quando Deus lhe dá um ministério, ele lhe dá uma visão, você deve seguir isso senão você está no pecado. Hoje é uma visão de Deus, correta e coerente.” (Luciano)

Luciano faz parte de um grupo que possui uma postura mais flexível, procurando não adotar uma moral muito rígida, pois acredita que todos são passíveis de tropeçar em suas próprias regras. Por pensar assim, nunca foi muito popular na igreja, pois, segundo ele, tendem a considera-lo muito “liberal”, tanto que, seu contato mais freqüente era com seus alunos e o próprio Paulo, a quem trata como “amigo”. Luciano é um dos poucos jovens que se permitia transitar em outros grupos, pois acreditava-se seguro de sua identidade cristã:

“As pessoas me vêem e falam, sabe, se assustam e falam, legal, você é evangélico? Tanto que quando as pessoas falam: “Tá vendo, não vêem você como evangélico!” ,eu falo: “Graças a Deus!” Sabe por que? Porque essas pessoas, quem consegue chegar nelas sou eu, essas pessoas quem atinge sou eu, essa classe, não é você que acha que tudo é errado, entendeu?” (Luciano).

Fabiano age assim porque não acredita que outros grupos possam influenciá-lo em sua caminhada cristã:

“A pessoa às vezes se converte e fica assim: Oh, sabe, não faço mais nada, a minha vida é a Bíblia! Existe muito isso. Você quer me deixar revoltado é encontrar um cara desses, entendeu. Quer dizer, as pessoas, elas se idolatram, né, e a Bíblia fala que idolatria, cegueira, radicalismo não vem de Deus” (Luciano).

Quanto à saída dos jovens, Luciano procura se isentar, ressaltando a responsabilidade individual dos membros do grupo:

“E uma opinião, um direito. Eu sei, porque eles não poderiam ter saído? As pessoas só não podem criticar a saída. “Fulano saiu porque não tem a visão de Deus”. Deus tem um espaço pra cada um. Eu sei, se eu criticasse a saída deles seria incoerente. Eles devem procurar se sentir bem no local onde estão, sentir a presença de Deus, é fundamental” (Luciano).

Para Luciano, o espaço da igreja torna-se fundamental para a concretização de um curso de capoeira enquanto instrumento pedagógico de difusão das doutrinas cristãs, em torno da qual ele constrói um grupo de sociabilidade, favorecendo na socialização de pessoas que não fazem parte do grupo SC.

3.0 - Os jovens que migram para outra igreja

Decepcionados e sem direção, alguns jovens só vêem uma solução para continuarem juntos: aceitar o convite de Roberto para freqüentarem a igreja, pois de certa forma, eles já conhecem o estilo de pregação, de culto, introduzido por Roberto. Demonstrando que estava disposto a recebe-los, o pastor dessa nova igreja realizou algumas reformas no espaço do templo, visando um maior conforto para os “novos” integrantes:

“Eles já sabiam o estado que a gente ia pra lá, estado de calamidade pública, precisava de cuidados, a gente precisava de um tratamento bom. E antes da igreja ir pra lá, eu e o Roberto, o pastor Roberto e o Duck, nós conversamos com eles (Capela do Calvário) e falamos o estado da igreja, como que a gente ia chegar. Então eles trataram a gente assim, muito bem(...)Pra você ter uma noção, quando a gente ia pra lá eles mandaram pintar a igreja toda, pintaram as paredes, pintaram o chão, cadeira... não, cadeira não (risos), fez tipo, uma reforma assim na igreja toda, só pra gente.”(Leonardo/Caíque).

Diferente da SC, despida de qualquer aspecto de formalidade, a nova igreja revela-se formal, com um estilo tradicional, tanto nas pregações quanto no estilo de vestir-se de seus freqüentadores. O espaço também não lembra em nada a estrutura que possuíam anteriormente, uma diferença que não escapa aos jovens:

“A diferença é muito clara, a começar pelo espaço, pela estrutura. (...) Era dado pro jovem assim, toda liberdade pra fazer festa, pra fazer eventos, então a gente tinha uma liberdade muito grande e... o lugar bonito também, algo também muito bonito, não parecia em nada uma igreja. E hoje é... a estrutura é outra, né, tem muito a ver com... assim, não tem nada a ver com a ... a atual, porque não tem uma sala de jovens, uma sala específica dos jovens. Tem salas infantis também, três e assim, também, a questão do louvor, a questão das músicas, é totalmente diferente assim... totalmente, né..” (Leonardo)

Ainda que para alguns jovens a transição de uma igreja a outra tenha sido tranqüila, para outros percebe-se um certo “esforço” para se adaptarem. Os limites do que “pode e

não pode” aos poucos vão sendo sutilmente demarcados, embora eles acreditem que essa realidade irá mudar com a presença deles no local:

“Não é porque a gente tá indo pra lá que eles tem que deixar a igreja... fazer o que a gente quer, tipo assim, tem que mudar, tipo, aos poucos, deixar meio a meio. Tudo tem que ter uma hora, tem que saber, a gente tem que administrar direito a hora... quando pe pra gente dançar, essas coisas assim... hora de buscar a Deus, entendeu, essas coisas... não pode ser de uma hora pra outra, tem que ser aos poucos. É pra isso que a gente tem que ter projetos, não é de uma hora pra outra” (Caíque).

Mas conforme os depoimentos surgem, percebe-se que os jovens se sentem mais à vontade para falarem daquilo que os incomoda, e eles começam a deixar claro o “descontentamento” causado pela mudança repentina:

“Ah, sei lá meu, eles não são muito de dançar, bater palmas, eles até batem, mas... o jeito de se vestir também, é meio diferente do que se vestia na Surfistas de Cristo. Calça... sem usar tanta corrente, boné, mais social... Nós não, lá na Surfista de Cristo era mais jovem, normal” (Geraldo).

Mas mesmo sentindo as limitações impostas no novo espaço, destacam o fato de haver uma maior “seriedade” com a Palavra, ou seja, destacam os processos de socialização da igreja:

“Ah, eu senti, acho que a Palavra. Eles estudam a Palavra. A gente lá (Surfistas de Cristo) não. A gente mostrava... a gente apresentava Jesus, e lá na Capela é como se eles apresentassem o que Jesus fez” (Vanessa).

Os rituais, claros e definidos, são seguidos sistematicamente. O discipulado também é adotado na nova igreja, embora com algumas características diferentes da SC. O fiel pode optar pela escolha do grupo que deseja participar, mas não encontrará o mesmo líder (o mesmo professor), em todas as reuniões, pois segundo uma estratégia da igreja, esse muda constantemente. Ao contrário da SC, que incentivava a formação de grupos fixos, favorecendo a formação de laços afetivos e trocas de identidade. Para os jovens, esta questão é interpretada da seguinte forma:

“O discipulado não tem um discipulador específico. Você pode ir numa terça feira na casa de uma, outra terça na casa de outro, pra você não ter visão humana, não ter um homem acima de Jesus. Você não pode se vincular a ter um homem como o senhor da sua vida, mas o Senhor Jesus. Eles frisam muito isso, eles pregam a cruz de Cristo, é a cruz, é Jesus, é Palavra de Deus. Se você não se adaptar nisso, eles não vão mudar o estilo deles pra te agradar” (Leonardo).

Diferente da SC, em que o espaço possibilitava um contato diário entre os jovens, na nova igreja esse conta se restringe aos cultos dominicais e noturnos de domingo.

“Na Surfistas eu me sentia melhor, me sentia melhor, porque a gente vivia lá, a gente fazia tudo lá, lá era uma casa, era a segunda casa nossa, e aqui não. Aqui... qualquer hora que a gente ia lá na Surfistas tinha gente, ficava lá, é porque tinha o point

também, então a gente ficava no point. Mas na Capela não, é diferente, porque não tem... é como o Leonardo falou, eles são bem sérios...” (Vanessa).

Sentem que há um constante clima de vigilância acerca de suas condutas, o que impede uma adesão legítima:

“A gente não tem, não tem uma liberdade que a gente tinha no sentido de brincar de “ah, não sei o que...”, tirar aquela onda, sabe, nos retiros que a gente fazia tinha muitas brincadeiras, o Felipe zoando... E hoje lá a gente não faz mais isso. Por aqui eles são muitos sérios, tem hora pra tudo. Até no pingue-pongue, a gente jogando pingue-pongue tem o sentido de seriedade, a gente se policia muito no que vai falar, sabe, uma coisa meio que fora de foco, a gente olha pros lados pra vê se tem alguém vendo, meio que... é difícil, é difícil” (Leonardo).

Sem encontrar referências concretas onde possam se apoiar, os jovens se sentem como “estrangeiros”. Ou, nas palavras de Melucci:

“Sem a capacidade de permanecer ancorados em nós mesmos e de atravessar o vazio, não existe encontro, mas só benevolência, boa vontade precisamente. O encontro é a possibilidade de colocar lado a lado duas regiões de significado, dois campos de energias em frequência diferente e de fazê-los vibrar juntos. O encontro é sim-patia, é com-paixão, sentir-com-o-outro. É a possibilidade de descobrir que o sentido não nos pertence e nos é dado no encontro, mas, ao mesmo tempo, só nós podemos produzi-lo (MELUCCI, 1992).

Eles acreditam que a adaptação ao novo espaço dependerá exclusivamente de uma “força de vontade” de se integrarem às expectativas, manifestadas através de gestos, palavras, nos modelos de conduta exaltados pelo pastor, descrevendo o lugar que cada fiel deve ocupar no espaço social:

“Ah, vai ter que abrir mão de bastante coisa, tipo, ...seriedade, tá na palavra, ler a Bíblia, não só a Bíblia... também livros, a gente se dedicando... é... não ir pra igreja a fim de escutar música, dançar...” (Geraldo).

Os discursos empregados na pregação atuam de forma eficaz mediante a imposição modelos de comportamento quando criam certas disposições psíquicas duráveis que ordenam a percepção e o modo de agir no mundo social:

“Hoje mesmo ele (pastor John) falou assim que nosso relacionamento com Deus tem que ser igual ao teu relacionamento com a tua esposa: Eu tenho que amar mais ela hoje do que ontem. Com Deus também tem que ser assim, você tem que amar a Deus muito mais hoje do que ontem, porque se você amava mais Deus ontem e hoje você ama menos, você é um desviado e isso eu achei assim espetacular. Sabe, pô, que bênção, ele fica dando esses exemplos da família e você fica com vontade de ter uma família pra viver isso que ele tá falando” (Leonardo).

A valorização do emprego, do trabalho é percebida e incentivada como uma possibilidade de circular de construir uma família, mas diferente da SC, a nova igreja não abre espaço para cargos remunerados:

“Eu acho que era até uma estratégia do Paulo, porque é fazer a igreja com uma estética bonita, pra gente não precisar ficar trabalhando... Ele (o John) acha importante ir trabalhar, porque se você não trabalhar também não vai sustentar sua família, ele falou assim que se um dia ele tiver que trabalhar ele também vai trabalhar, e ele vai continuar fazendo as mesmas coisas, vai continuar sendo pastor, se dedicando, vai... se tiver, se for necessário, um dia acontecer uma crise assim, ele vai trabalhar, ele falou que vai trabalhar, então eu acho que ele também...” (Vanessa).

Embora anseiem por experiências de cunho espiritual que julgam como verdadeiras, mais do que tudo, estes jovens anseiam por serem compreendidos em sua singularidade:

“Eu quero que as pessoas entendam o seguinte, né, que os jovens estão muito preocupados em sair e em, pô, eles querem sair, eles querem alguma coisa que complete, mas são poucos que querem se encher do Espírito Santo... Quantos anos de evangelho você tem? Ah, cinco anos, é isso aí, você não pode cobrar pra jovens que tem quatro meses e meio pra eles serem cheios do Espírito Santo, sendo que essa pessoa que falou isso teve todo um processo na Surfistas de Cristo, que tava também nesse momento de querer coisas novas, entendeu. Então a gente tem que ter uma estratégia pra conquistar eles, entendeu” (Leonardo).

Portanto, ao considerarem a possibilidade de uma possível mudança de espaço, revelam-se cautelosos, procurando considerar aquilo que para eles é importante neste momento, que lhes proporcione uma maior autonomia e condições materiais para desfrutarem do espaço:

“Então a gente tá buscando o que hoje? Uma igreja que nos entenda, que o jovem precisa de um culto de bateria, de teclado, de guitarra, de dançar, entendeu? E de algo que esteja voltado pras nossas necessidades hoje, porque nós somos solteiros, nós não temos uma vida de casados, somos solteiros e a gente também não sabe como conviver em uma família homem/mulher” (Leonardo).

Um espaço no qual pudessem exercer algum tipo de ação, tal como ocorria na SC, em que tinham autonomia total para programarem o evento que quisessem. Neste momento reconhecem que a SC foi pensada justamente enquanto um espaço que pudesse satisfazer as necessidades de um jovem, não só espiritualmente, mas dando-lhe a oportunidade de exercitar a sua sociabilidade:

“Ele (Paulo) dava pra gente total liberdade pra gente fazer, e ele não se intrometia e dizia: “Oh, vocês vão fazer, então façam.” As festas que nós organizávamos, eu a Julia, o Caíque e a Vanessa eram as festas mesmo, sabe, parava mesmo. A gente chegou a fazer programas e o Paulo não se intrometia em nada, ele simplesmente chegava e tava tudo pronto e ele participava. Então ele investia muito nos jovens, então isso... a gente se tornou responsáveis, porque se a gente não fizer, ninguém vai fazer. O Paulo largou de mão, mas ele confia na gente, então a gente vai fazer” (Leonardo).

Pouco tempo depois desta entrevista, os jovens iniciam um processo de realização de cultos em suas próprias casas, pois não se sentiam mais à vontade para continuarem na nova igreja. Algum tempo depois, após mobilizarem alguns recursos financeiros alugaram um “barracão”, e o transformaram em uma nova igreja, buscando reproduzir as mesmas características do grupo SC, embora enfatizassem que haveria uma maior preocupação em relação ao “ensino” da Bíblia.

Leonardo se tornou o novo pastor desse grupo, constituído predominantemente por jovem. De certa forma reproduz o mesmo tipo de conduta demonstrado na SC, e a questão do trabalho continua a ser pautada pelo trabalho religioso. Ressalto esse ponto devido a um fato observado que nos chamou a atenção. Caíque, um dos jovens do grupo começou a trabalhar em uma loja de departamentos e, ao mesmo tempo, ingressou na faculdade, portanto, não tinha mais tempo livre para dedicar-se à igreja. Incomodado com o comportamento sempre “apressado” do jovem em relação as atividades da igreja, Leonardo fez a seguinte observação: “O Caíque está morto!”. Ou seja, em sua visão, quando o jovem se dedica mais a outras atividades extra-espço da igreja, significa que ele está “morto”, ou seja, perdeu a fé. Neste momento surgem os primeiros conflitos entre este pequeno grupo causado pelo fato de um deles ter rompido, de certa forma, os limites do grupo, passando a vivenciar novas formas de inserção social.

Embora a nova igreja para qual migraram não correspondesse às expectativas por parte de alguns jovens, parte do grupo original da SC optaram por permanecer, jovens como Julia, Roberto, Luciana, Fabiana, Berenice que, de certa forma, já estão inseridos no mercado de trabalho ou cursando alguma faculdade, alguns namorando e tecendo planos de um futuro casamento. Portanto, para estes jovens, a nova igreja revelou-se como um espaço que vem ao encontro de suas expectativas, pois de certa forma é voltada a atender as expectativas de um público adulto, que já fizeram ou estão fazendo a transição para a vida adulta.

3.0 - Os jovens que “renunciam” à vida religiosa

Os jovens deste grupo são aqueles que saíram pouco antes dos conflitos internos tornarem-se públicos. Afirmam que a experiência pela qual passaram criou um sentimento de desconfiança em relação às lideranças religiosas, o que os impedem de se integrarem

em outra igreja. Longe do espaço que lhes conferia visibilidade, passam a vivenciar um permanente confronto entre as experiências vividas e a atual.

Segundo Setton, “é possível pensar o indivíduo portador de uma experiência que o predispõe a construir sua própria identidade, a fazer suas próprias escolhas sem obedecer cega e unicamente a uma memória incorporada e inconsciente. Ou seja, trata-se de uma experiência incorporada, mas também em construção contínua na forma de um *habitus* que habilita o indivíduo a construir-se processual e relacionalmente com base em lógicas práticas de ação ora conscientes, ora inconscientes.” (SETTON, 2002, p. 20).

Portanto, nosso propósito consiste em compreender a construção de sentido que estes jovens imprimem a suas vidas, a partir dos marcos referenciais que já trazem incorporados e aquilo a que chamam de “mundo”.

Antes de se integrarem à SC, os jovens aqui abordados, experimentaram, ainda que em graus diferentes, a influência da religião evangélica. Raquel, 21 anos, foi influenciada desde cedo pela mãe, vindo a tornar-se membro de uma tradicional igreja Batista. Glauco, 20 anos, também foi socializado no interior da religião evangélica, por determinação dos pais, outrora umbandistas, converteram-se ao pentecostalismo enquanto ele era ainda uma criança, vindo a tornarem-se pastores. Caio, 22 anos, embora tenha nascido em uma família católica, recebeu grande influência de sua tia, membro de uma igreja pentecostal, com quem reside. Um outro ponto em comum entre esses três jovens está fato de terem vivenciado conflitos familiares, envolvendo principalmente a figura do pai. Raquel e Caio, por exemplo, só vieram conhecer o pai há pouco tempo, por iniciativa deles, segundo relatam. Já Glauco, filho de um militar do exército, alega que as constantes mudanças do pai impediram-no de criar laços mais estreitos de amizade com jovens de sua idade, tornando-o uma pessoa insegura e “extremamente carente de amizades”.

Entraram para a SC em momentos e ocasiões distintas, bem como os motivos que ocasionaram a filiação ao grupo. Mas todos os três alegam que saíram pelo mesmo motivo, ou seja, o pastor não correspondia mais ao papel que desempenhava.

Raquel alega que as motivações de sua filiação ao grupo se deu em um momento em que a igreja em que estava não correspondia mais às suas expectativas individuais. Segundo ela, nesta época ansiava por um grupo composto por jovens de sua idade, em que houvesse uma convergência de interesses, o que não encontrava mais no espaço em que estava. Mas, embora desejasse sair, não sabia exatamente para onde ir, pois, de qualquer

forma não queria desligar-se do meio evangélico. Motivada pela irmã, acompanhou-a em uma aula de bateria na SC, e diz ter se impressionado ao ver uma igreja “de surfistas”. O convite feito pelo professor de bateria despertou-lhe o interesse em conhecer melhor o espaço:

“Nessa época minha irmã estava tendo aulas de bateria com o Joel, e ele nos convidou. Nesse dia mesmo eu fui lá, eu não surfava, mas já gostava de surf, achava legal, por ser igreja de surfista eu me empolguei. Eu queria saber como era. Desde pequenina que eu vou à igreja” (Raquel).

Caio afirma que também veio por intermédio de um convite que partiu de uma amiga, com quem veio namorar futuramente. Como em outros depoimentos, diz ter se surpreendido pela quantidade de jovens no local, motivando a retornar outras vezes:

“Eu conheci a Luana, que é amiga da minha ex-namorada. Ela nos convidou para conhecer o grupo de jovens. Fomos uma vez, gostamos, depois nos batizamos juntos, e continuamos a freqüentar. Eu entrei pra Surfistas faz uns três anos e fiquei esses três anos” (Caio).

Para Glauco, o encontro com a SC se deu em função de já vir de um grupo semelhante, ou seja, os Atletas de Cristo. Pois, embora seus pais fossem pastores, afirma nunca ter se empolgado com o estilo da igreja, pentecostal e conservador. Adepto de esportes radicais, procurou filiar-se a um grupo que compartilhasse dos mesmos interesses:

“Eu fiz parte da Surfista de Cristo porque eu já vinha de uma religião similar, que eram os Atletas de Cristo, de Ubatuba. Pra não fugir da mesma escala de igreja eu fui procurar a Surfistas de Cristo. Eu fui perguntando pro pessoal, fui o primeiro dia e comecei a freqüentar. Eu tinha uns 13 anos, 7 anos atrás. Eu fui pra lá porque pessoas falavam muito bem de lá, era uma igreja que seguia meu ritmo. Inclusive eu fui pra lá desviado, aceitei a Jesus com uma que era Presbiteriana. Mas como minha vida de nômade atrapalhava, não foram 7 anos concretos” (Glauco).

A identificação deste jovens com a SC foi praticamente imediata, realizando todos os rituais de entrada, embora para alguns, a mudança de grupo tenha causado alguns conflitos iniciais:

“Eu fiquei sete anos freqüentando a Surfistas, mas eu fiquei um ano e meio indo na Surfistas e na Batista. Como a minha mãe não queria mais, porque acabava tarde, e eu só tinha 14 anos, eu parei de ir, fiquei uns dois, três anos indo uma vez ou outra, e voltei há dois anos e meio atrás, direto” (Raquel)

Para Caio, a entrada para a igreja foi também motivada por uma crise familiar, tornando-se uma válvula de escape, onde buscava apoio para enfrentar seus conflitos pessoais:

“Eu já tinha terminado os estudos e estava fazendo “bicos”, namorando. Eu estava mal com problemas de família, e foi Deus que me deu forças, maturidade” (Caio)

Raquel diz que protelou sua entrada para a SC, pois temia uma mudança brusca, tinha medo de arrepende-se. Mas, tempos depois, motivada por um namorado, não evangélico, que gostou do espaço, fez com que ela tomasse uma decisão:

“Quando eu entrei a primeira vez, eu não fazia nada, eu fazia escolinha de surf, fiquei uns dois anos sem ir lá, fiquei mais na outra igreja. Quando eu voltei, eu voltei namorando, eu fui mais para levar meu ex-namorado para lá, ele gostou, ele não era evangélico” (Raquel).

Para Glauco, a SC surgiu como uma chance de retornar ao meio evangélico, pois com as constantes mudanças de cidade, não conseguia se fixar muito tempo em um determinado local. A SC revelou-se um espaço em que poderia construir relações estáveis com um grupo de jovens que compartilhavam dos mesmos interesses:

“Eu estava estudando, não tinha muito trabalho. Eu trabalhava em tempo de litoral, temporada, depois voltava pra casa, não tinha muito rumo(...)Eu tinha uns 13 anos, 7 anos atrás. Eu fui pra lá porque as pessoas falavam muito bem de lá, era uma igreja que seguia meu ritmo. Inclusive eu fui pra lá desviado” (Glauco).

Durante o tempo que estes jovens estiveram na igreja exerceram cargos de liderança. Caio, por exemplo, relata que seu envolvimento foi tal, que praticamente deixou sua família de lado, dedicando-se integralmente:

“Na Surfistas eu ficava mais tempo lá, e deixava minha família de lado, isso é errado, a família em primeiro lugar, Deus, a família, a igreja” (Caio).

Mas o discurso em torno da sociabilidade é constantemente reforçado entre os jovens, respondendo às suas necessidades de autonomia, liberdade e trocas afetivas:

“Quando eu vim para a surfistas de Cristo eu encontrei pessoas que estavam dispostas a andar, caminhar, pessoas que se identificavam comigo. Eu colhi muitas coisas boas de lá, a sinceridade do pessoal, as pessoas eram tão unidas que quem via de fora, pensava que era panelinha, eu cultivei amizades verdadeiras, estar bem com Deus” (Glauco).

Em meio ao grupo reelaboram suas representações, atribuindo novos significados na maneira de ver e interpretar o mundo:

“Quando eu era pequenina, eu achava que ser evangélico era ir na igreja todo domingo, ficar com a Bíblia na mão. Eu não tinha interesse em ler a Bíblia, eu tinha 13, 14 anos, mas você vai conhecendo a palavra, amadurecendo, e vai despertando o desejo, você conhece Jesus, vê que ele é um cara legal, um exemplo, você quer ser igual a ele” (Raquel).

Para Caio, apesar de ter sido influenciado por sua vó, a decisão por um grupo religioso foi única e exclusivamente sua, tanto que optou por uma igreja totalmente diferente da que sua avó freqüenta. Caio afirma que esta decisão não foi meramente uma escolha ao acaso, mas uma decisão tomada a partir dos conhecimentos que ele buscou:

“Eu já estudei outras religiões, se eu falo que sou evangélico, católico, espírita, mórmon, ninguém procura saber de onde vem aquilo. Eu procuro saber, se eu falo uma coisa, é um peso, eu quero saber o que é, como nasceu, eu gosto de estudar tudo. Se uma pessoa vai trabalhar comigo, eu quero saber quais são os princípios dela” (Caio).

Para Glauco, tornar-se evangélico foi a melhor coisa que poderia ter-lhe acontecido, pois, mais do que um grupo fixo, a religião, ou como ele mesmo diz, Jesus, lhe dá a certeza de que nunca estará sozinho, proporcionando-lhe o sentimento de segurança, que sempre buscou:

“Ser evangélico é a melhor coisa do mundo. Quando eu descobri o amigo verdadeiro, aquele que esta presente na hora da alegria, tristeza, na hora de falar a real, na hora de passar a mão na sua cabeça, é Jesus Cristo. Jesus Cristo preenche o buraco. A gente pode ir pra qualquer lugar, viajar, se decepcionar, mas Jesus Cristo sempre vai estar lá de braços abertos, de coração aberto, pra te ouvir, para esta fazendo uma vida com você, uma caminhada. Jesus Cristo é um pai, um irmão, um amigo, um namorado, é tudo.” (Glauco).

A socialização vivenciada no espaço SC transparece em suas falas, pois apesar de terem se afastado da igreja, ainda preservam uma linguagem, códigos que os identificam característicos do meio. Sem perceberem, deixam transparecer uma representação de mundo moldada pelos referenciais religiosos aprendidos no grupo. Ao pensarem sobre sua condição de jovens, reproduzem um discurso internalizado por anos de inculcação de uma profissão de fé religiosa.

“Primeiro que a juventude é uma fase que não tem como pular. É a fase em que se descobre o mundo. Nessa descoberta com o mundo, muitas pessoas caem nas drogas, ou se viram pro sexo. Tudo que é demais acaba fazendo mal. Se você sai pra dançar sempre, tem uma hora em que isso não vai te fazer bem, você pode acabar brigando, conhecendo uma pessoa que não quer a mesma coisa que você, vai ser um relacionamento difícil. O mundo oferece várias coisas que nessa fase a gente tem mania de agarrar” (Raquel).

Ainda que tenham se desvinculado do grupo, não negam a validade da experiência individual que vivenciaram por meio da conversão:

“Eu não falo que sou evangélico, hoje em dia, quando me perguntam, eu falo que ia pra igreja, eu não vou mais, mas eu vou servir a Deus porque Jesus é a verdade” (Caio).

Acreditam que a igreja é o refúgio ideal para o jovem cristão, pois ela os protegeria do “mundo” com seus conselhos e ensinamentos:

“Quando você é da igreja, já tem uma certa experiência, sem passar por aquilo, você para pra ver nas histórias da Bíblia. Tem um versículo que fala: “Não há nada de novo na terra, tudo que acontece, já aconteceu, e tudo que acontece agora, vai tornar a acontecer”. Então você pega a história de quem já passou por isso, vê como acabou e não vai querer isso, como drogas, prostituição. Sendo evangélico, você não precisa

passar por isso pra saber que é errado, pela palavra de Deus, a instrução do Espírito Santo, vai te convencer que não é legal, antes mesmo de você fazer. É bom pra cada pessoa” (Raquel).

De acordo com esta visão, mostram-se cautelosos ao se confrontarem com experiências que se chocam as anteriormente vividas no espaço religioso e, quando “cedem” a “tentação”, sentem-se contrariando um ideal, uma verdade com que se identificam:

“Hoje em dia você vai pra uma balada, mas não é pra dançar se divertir e voltar pra casa. Tem o sexo dentro da balada, drogas, mentiras, tudo de ruim. Os jovens gostam, mas o evangélico ali dentro, está fora de contexto. Hoje eu vou pra balada, bebo, danço, mas não estou conformado com isso” (Caio).

Para Glauco, a religião é vista não apenas como um *locus* de agregação social, mas um refúgio dos próprios desejos, ajudando-o nas suas possibilidades de escolha, propondo limites claros:

“E difícil, tem desejos, malícias, ganâncias, o mundo esta te oferecendo várias coisas que você acha legal, só que ser evangélico é diferente. Jesus ensina a tomar cuidado nas coisas novas que estão vindo. Um garoto evangélico às vezes esta com os nervos a flor da pele pra tudo, só que as pessoas que tem Jesus largam as coisas erradas, as alegrias momentâneas. Deus não vai te tirar do caminho errado, você vai para o caminho errado se quiser... Ser evangélico é mais difícil do que ser um jovem hoje em dia. Está acontecendo uma batalha espiritual muito grande entre as coisas do bem e do mal” (Glauco).

Para os jovens, a conversão os tornou conscientes de sua própria individualidade e autonomia quanto à forma de conduzir-se, o que de certa forma os limita em suas tomadas de decisão, mesmo estando longe do grupo que lhes conferia legitimidade e visibilidade de suas práticas:

“Quando você não conhece Deus, é tudo normal, tudo bonito, sem Jesus você não vê nada, é impossível. Mesmo quando você esta com Deus, você ainda não sabe o que é certo ou errado, tem escolhas que achamos certas, mas para Deus não é certo. Para nós é só um pecadinho, mas para Deus é uma sujeira grande. Eu não via nada antes de ser evangélico, tudo era normal, tudo era possível, depois Jesus limpou meus olhos” (Caio).

No grupo anterior, as tensões suscitadas mediante a conversão, eram canalizadas por meio de uma rede de sociabilidade construída em torno de interesses que os uniam, evitando serem sufocados pelas pressões a que estavam submetidos em seus cotidianos. Longe do grupo, esse enfrentamento é solitário, individual:

“Quando eu estava na Surfistas eu saia com a turma, surfava com os profissionais, com a molecadinha da igreja. Eu ficava praticamente o dia todo na igreja, surfava, depois voltava pra casa, comia, ia pra igreja no Point-Paz. O pessoal ficava conversando lá, grupos de jovens. Naquele tempo tinha o alternativa jovens, era um grupo de auditório evangélico que a gente fazia na igreja. Hoje esta difícil, estou muito sozinho, eu só tenho Jesus Cristo” (Glauco).

Uma vez emancipados do grupo, os jovens se permitem vivenciar outros processos de socialização “propenso a interagir com uma nova conjuntura social, o indivíduo contemporâneo é expressão e produto de um novo *habitus* social” (SETTON, 2002, p.67). Nesta perspectiva, os jovens refletem sobre suas experiências, reformulando-as individualmente, de acordo com as experiências vividas, num processo dinâmico:

“Hoje em dia, eu vejo que eu posso ir, todas as coisas são lícitas, mas nem todas me convêm, não tem nada demais em eu ir num lugar, mas depende do que eu vou fazer, qual a intenção. Pode ser que depois eu chegue a conclusão de que lá não é legal, nem na porta faz bem, mas hoje a minha idéia é de que não tem problema, eu só vou dançar, não vou sair ficando com todos os caras que eu vejo, nem bebendo ou fumando, isso antigamente nem passava pela minha cabeça” (Raquel).

O afastamento da igreja leva-os a estruturarem-se dentro de uma lógica própria. Antes restrito ao grupo religioso, não se permitiam ir além do que era permitido pensar ou fazer. Embora se permita a fazer o que não fazia antes, sua fala é cheia de ambigüidades:

“Se eu estivesse na igreja, não teria a necessidade de eu ir buscar o mundo, por que dentro da igreja se você vai pra fazer uma coisa boa, não vai haver risco de fazer a coisa errada. No mundo, mesmo que você tenha a intenção de ir sem maldade, acaba sempre acontecendo alguma coisa, ou o inimigo coloca os manjares na sua frente, tomar uma coca-cola ou uma cerveja?” (Raquel).

Raquel e Caio saíram do espaço SC em períodos diferentes, mas praticamente pelo mesmo motivo, ou seja, não concordavam com as atitudes do pastor.

“Porque eu acompanhava os frutos do Silvio, e ele começou a fazer coisas do homem, carnis, então você começa a não encontrar mais Deus ali, sai o espírito santo, entra o homem carnal, começa a fazer coisas que não batem com a palavra de Deus. É difícil estar na igreja e aceitar a doutrina de uma pessoa que não esta mais condizente com a Bíblia, por isso que eu saí” (Raquel).

Caio afirma que ainda que houvesse evidências, não queria acreditar no que estava acontecendo:

“Começaram a surgir vários boatos, alguns irmãos foram prejudicados com isso, diziam que eles estavam caluniando a igreja, mas eles estavam falando a verdade. Esses irmãos foram excluídos e humilhados por certas pessoas da igreja que diziam que eles não prestavam, que eram o lixo. Todos os dias eu rezava no monte pra Deus revelar qual era o pecado, a mentira da igreja. Eu fiquei com raiva deles, mas o Espírito Santo tocou em mim dizendo pra que eu orasse, pois eu não sabia se eles falavam mentiras também.” (Caio).

Mas Caio diz ter recebido uma “revelação” durante um culto, que veio a se confirmar naquela mesma noite, destruindo sua confiança na pessoa que mais confiava no grupo:

“Ele era perfeito, e você perde a confiança. Você liga o vídeo, e vê aquela pessoa te pegar no colo, e te batizar. (...) Várias vezes nas reuniões, a gente pedia pro pastor falar a verdade pra gente, orar, e ele fazia de tudo pra falar que não aconteceu nada” (Caio).

Para Caio, assim como para outros jovens, ao perceber que a SC não era o espaço “perfeito” tal qual imaginara, que as pessoas podiam incorrer em ambiguidades, causaram-lhe um sentimento de desconfiança no estabelecimento de novas relações:

“Eu falei, como pode, para onde eu vou, se aqui na casa de Deus aconteceu isso. Eu não vou mais, desse jeito eu prefiro ficar em casa. Até que eu saí mesmo, e não encontrei outra igreja, eu fiquei “de pé atrás” com todo mundo. Como eu vou a um lugar onde eu não conheço as pessoas” (Caio).

Ao assimilarem os conteúdos bíblicos, muitos jovens não admitem falhas na concretização do que passam a considerar como verdades absolutas, principalmente, como neste caso, quando é o pastor quem as viola:

“O pastor tem que ter uma vida correta. (...) Eu acho que ele tem que amar a esposa dele, e orar. Eles não eram separados, e ele já dormia na casa dessa moça que é mulher de um amigo dele. E ainda ela teve um filho, e era dele” (Caio).

Ao refletirem sobre a decisão de sair da igreja, também acreditam que tenha sido uma atitude precipitada, pois essa atitude os deixaram, de certa forma, sozinhos, dificultando o relacionamento pessoal com Deus:

“Eu devia dizer a Deus que independente do que o homem é, eu sou diferente, eu vou continuar contigo, olhando pra cruz. Mas eu abri uma brecha, fiquei em casa, lia a palavra aqui. Eu deveria estar fundamentado na igreja, no corpo. Eu saí do corpo, e começaram a aparecer as amizades do mundo. O inimigo falou, agora eu vou quebrar com tudo, peguei o maior. Imagine quantas famílias destruídas, pessoas que saem e não voltam. Hoje eu estou bem, isso já passou, eu não tenho rancor de ninguém. Eu peço pra Deus ter misericórdia pra fazer a obra na vida do Paulo. Eu não me alimentava, não ia pra faculdade, tranquei” (Caio).

Para Glauco, a sua saída levaram em conta outros fatores, sendo um deles a questão do trabalho. Alega que tinha um “chamado” específico para atuar na igreja, mas que não recebeu o reconhecimento que esperava, ou seja, não recebia uma remuneração, como outros jovens:

“Eu gostava de ficar na obra, eu sou meio peão da igreja, estar trabalhando na obra. Se pedir pra eu quebrar uma parede, eu quebro ela todinha. Mas na Bíblia está escrito, não pedindo nada. Eu posso fazer isso de coração aberto, mas um obreiro tem suas necessidades, se eu for dar meu tempo pra aquilo, a igreja vai ter que me

abençoar. Na Bíblia esta escrito que todo obreiro aprovado é digno de um salário, então se eu viver totalmente para obra, a igreja tem que dar uma condição para mim, senão eu vou ter que trabalhar em outro lugar, mas eu gostaria de ter esse chamado para obra, e pra conciliar vidas” (Glauco).

Como já vimos, essa prática de dedicar-se “à obra”, é muito comum entre esse grupo. Provavelmente devido à falta de empregos disponíveis, muitos deles se contentam com baixas remunerações, pois acreditam que este seja o caminho para exercerem, futuramente, a profissão de pastor:

“É porque cada um tem seu chamado, Paulo foi chamado como apóstolo pra ir e pregar o evangelho. Eu tenho um chamado cristão muito forte na minha vida. Estou totalmente dependente de Deus, não que eu seja vagabundo, mas eu tenho um chamado muito forte pra igreja. Eu creio que Deus vai cumprir isso na minha vida.” (Glauco).

Glauco também afirma que, aliado a esse episódio, a sua “paixão” por uma garota de uma outra igreja o levou a quebrar todas as regras convencionadas no grupo. Ou seja, apenas comunicou que estava namorando, o que desagradou seu discipulador. Quebrado esse protocolo, manteve relações sexuais com sua namorada, outra atitude totalmente desaprovada. Tentando “consertar” a situação, casou-se, revelando o quanto a ética fraternal da religião de salvação está em constante tensão com a maior força irracional da vida: o amor sexual (Weber, 1974):

“Eu casei no ano passado, estou totalmente arrependido porque eu casei na raiva de todo o mundo, eu e ela passamos por problemas, meus pais pastores, e como praticamente ela morava em casa, resolvemos casar contra todos. Ela estava com problemas com o pai dela, de tentativa de estupro, nos estávamos caídos. fui tentar me apoiar numa pessoa caída, e estou caído hoje” (Glauco).

Como forma de redimir-se, Glauco afastou-se da igreja e dos amigos, além de arcar com as conseqüências de sua atitude precipitada. A saída do grupo, o despreparo para o casamento deixou-o fora de contexto, colocando-o novamente num campo de instabilidades e insegurança:

“Eu não tenho mais amigos, nem liberdade, não posso sair, não posso surfar, minha vida tem que ser trabalhar, voltar pra casa e olhar pra cara da mulher, sábado e domingo eu tenho que ficar olhando pra cara dela, e não tenho mais vida. Casei e coloquei o pescoço na guilhotina, a corda só falta cair” (Glauco).

Na contramão deste processo, Raquel demonstra que o afastamento do grupo abriu a ela novas oportunidades, tanto na relação de espaços de sociabilidade quanto de trabalho.

“Surfar, sair de vez em quando, às vezes eu saio pra dançar, alguma discoteca, barzinho, eu curto raggae, eu quero curtir o raggae, algum show” (Raquel)

Constatando o que eu já havia percebido em relação a outras garotas da igreja, a relação com o trabalho possui uma conotação diferente em comparação aos garotos.

“O trabalho ocupa a mente, mente vazia, lugar para o Diabo. Eu já fiquei desempregada, eu sei como é. Depois, por causa da necessidade, eu preciso de roupa, creme de cabelo, prancha” (Raquel)

A necessidade de consumo parece estar mais presente, como demonstra o depoimento de Raquel, que começou a trabalhar aos quinze anos e hoje se reveza entre estudo e trabalho em uma loja de departamentos.

Apesar de ter saído da igreja, Raquel diz procurar manter uma conduta de acordo baseada nos princípios morais adquiridos em anos de socialização cristã, valorizando certos aspectos em detrimento de outros, afirmando estar imune a outras formas de influência.

“A única coisa que me influencia, é a palavra de Deus, como ela não muda, eu vou sempre estar pensando a mesma coisa” (Raquel)

Caio admite que foi e continua sendo influenciado nos grupos pelos quais transita:

“Sim, na vida é tudo por influencia. Na igreja eles me influenciavam para o bem, mas aqui me influenciam para o mal, na rua não tem nada de bom. Existem pessoas com caráter, mas são poucas. Eu ando com o pessoal do surf, eu estou com uma roupa do surf porque eu fui influenciado a isso. Se tiver uma roda de pessoas vestidas de preto, é porque elas foram influenciadas a isso, a influencia é forte na vida” (Caio).

Através de seu depoimento Raquel revela que ainda conserva muito dos aspectos socializantes dos espaços pelos quais passou, e apesar de ser incitada a desenvolver outro tipo de conduta, procura manter-se fiel aos seus princípios.

“Eles podem me passar algumas idéias, mas não que eu vá pegar as idéias deles e trazer para a minha vida. Antes de eu querer ser como eles, eu quero primeiro ser como Jesus Cristo, se o que aquela pessoa falar ou fizer, for de acordo com o que Deus quer para minha vida, eu vou fazer. Às vezes eu acho bacana, algumas coisas que meus amigos fazem, que eu não fazia, colocar um piercing, fazer uma tatuagem. Agora se eu vejo que a pessoa está fazendo coisas que em vinte e um ano eu, nunca fiz, para que eu vou fazer? Eu deixo de lado” (Raquel)

Em contrapartida, Caio procura vivenciar ao máximo as novas experiências, descobrindo novos espaços, ainda que estas situações provoquem conflitos, pois ainda conserva outros valores, não se identificando com os grupos atuais.

“Hoje eu tenho outra visão, eu sei que estou errado, mas eu estou ali, me perguntando o que estou fazendo, eu estou confuso, em uma fase ruim. O Cristão vê o mundo como um mundo louco, podre. Quando eu saio, eu paro pra olhar e me pergunto, o que eu estou fazendo? Aqui é o inferno. Eu sinto pena daquelas pessoas, elas não sabem de nada, eu ainda sei” (Caio).

Ao constatar uma descontinuidade entre suas convicções e práticas, revela que ainda possui fortes influências da socialização religiosa, por este motivo não concorda com sua própria atitude ao frequentar grupos que não condizem com as normas interiorizadas anteriormente:

“As meninas novas se jogando, pessoas cheirando, outros fumando, praticando sexo na pista de dança, um batendo no outro, chutando o rosto até desmaiar. Agora eu sei que está tudo errado. Mas é assim, você acha que é errado, daqui a pouco esta lá no meio, vem e vai” (Caio).

Mesmo afastado, Caio conserva a mesma visão que tinha anteriormente a respeito das mulheres:

“Não é bíblico, não adianta a minha opinião, porque eu posso ir contra a palavra de Deus. Olhando a palavra de Deus, a mulher não deve ser líder, mas ela é uma bênção, estando no lugar certo, ela não pode ser pastora. Mesmo saindo da igreja, eu ainda penso dessa forma, elas não devem estar comandando a igreja, mas devem estar envolvidas em várias áreas” (Caio).

Uma visão compartilhada por Glauco, que não concorda com a visão de uma mulher que queira assumir os mesmos postos ocupados pelo sexo masculino:

“As mulheres querem ter o mesmo nível do homem, elas querem muito igualdade, isso na Bíblia é errado, não querendo ser machista. A Bíblia fala que não. Eu não concordo com a igualdade” (Glauco).

Embora esteja longe da igreja, convivendo com novos modelos de masculinidade e feminilidade, Raquel acredita que a mulher deve ocupar um lugar de submissão perante o homem, pois se trata de uma doutrina bíblica, embora como outros jovens, tenha a sua própria definição no que diz respeito a este termo:

“Submissão que a palavra fala não quer dizer que se o seu marido disser que você deve emagrecer, você tem que emagrecer, mas se ele disser: Olha, eu estava pensando em entrar numa academia, é questão de sentar e conversar para entrar em uma concordância” (Raquel)

Ao falarem a respeito da constituição de uma família, casamento, os jovens manifestam as mesmas predisposições, embora com algumas mudanças de perspectiva. Raquel hoje permite-se pensar em namorar um rapaz que não seja necessariamente evangélico, embora ainda acredite que um evangélico a compreenderia melhor, pois ambos teriam os mesmos objetivos.

“Não importa se a pessoa é evangélica ou não, claro que o aconselhável é que seja evangélico, porque vocês terão o mesmo propósito, vão querer ir para os mesmos lugares, ouvir as mesmas músicas, é um motivo a menos para brigar. Se Deus quiser me usar para transformar a vida dele, aí é com Deus” (Raquel).

Apesar de ter se casado devido a uma pressão interna, Glauco diz conservar os princípios aprendidos em relação ao casamento, ainda que afirme que o seu casamento seja totalmente contrário a esses princípios:

“Responsabilidade, gostar da pessoa e ela de você, as pessoas serem iguais, porque eu sou o oposto da minha mulher, então sou infeliz, a minha mulher ser submissa e a minha não é, uma pessoa se dar pra outra. Eu gosto de surfar, custava ela ficar na areia lendo, vendo uma revista? Casamento bom é você dar sua personalidade, seu íntimo pro seu esposo, ser companheira. Hoje eu não sou bom companheiro pra minha mulher, nem sei o que eu sou” (Glauco).

A partir dos depoimentos acima, foi nos possível constatar uma grande variedade de manifestações coletivas e individuais manifestas pelos jovens da SC, principalmente ao deixarem o espaço no qual podiam compartilhar livremente de suas crenças e ideais. Inconformidade por parte de alguns, aceitação por parte de outros, a crise na verdade revelou a heterogeneidade escondida por trás de um grupo, que a primeira vista, parecia homogêneo. Esses jovens participam de segmentos diversos, possuem visões de mundo, dilemas, perspectivas, enfim, um “modo de ser jovem” diferenciado.

A crise trouxe a necessidade de uma nova aquisição de referências e orientações, direcionando-os em caminhos que se dividiram, levando-os a novas experimentações, novas realidades, com novas exigências, abrindo um novo campo de possibilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização de uma dissertação de mestrado na área de estudos da juventude deve ter o cuidado de evitar o lugar comum em que a própria palavra *juventude* é muitas vezes pensada. Apenas recentemente os estudos sobre esta temática vêm recebendo as devidas considerações por parte da pesquisa acadêmica na Sociologia e na Educação no Brasil. Essas pesquisas têm privilegiado a juventude, não como uma categoria abstrata, mas tentam compreender os jovens a partir de sua experiência real, suas percepções, formas de sociabilidade e atuação, demarcando as semelhanças e diferenças entre um grupo e outro.

Esta dissertação procurou contribuir para o desenvolvimento desse campo ao ampliar os debates em torno dos grupos juvenis, ao estudar a inserção dos jovens nos grupos religiosos. Seu objetivo principal foi à investigação dos processos de sociabilidade e de socialização e suas implicações na construção de identidades e subjetividades juvenis.

Neste sentido, a pesquisa evidenciou que a adesão a um grupo religioso, de fato, tem se tornado, cada vez, mais uma escolha do próprio jovem e não apenas uma herança transmitida de geração a geração. No entanto, esse processo não ocorre de modo tão simples, pois, de certa forma, em algum momento de suas vidas esses jovens receberam alguma influência que desencadeou uma pré-disposição à escolha da religião no campo evangélico.

O espaço proporcionado pela igreja surge, também, como um importante fator de agregação, contribuindo para a construção de uma intensa sociabilidade, articulada principalmente em torno do lazer e da fruição descontraída, por meio de encontros. Funciona, também, como um espaço para a socialização, importante na formação, consolidação e construção da identidade. As mudanças e os eventos observados durante o curso desta pesquisa, evidenciaram o aspecto religioso em sua relação com o espaço como fundamental para a constituição dos grupos.

Ainda que a entrada para um grupo religioso signifique a imposição de determinados limites, fato este que não escapa à compreensão dos jovens, isto não pressupõe o abandono das práticas de lazer ou mesmo uma mudança estética, o que provavelmente se esperaria de um “religioso”. Neste caso, o que os jovens de fato entendem por uma vida “santa”, é postulada por uma reelaboração da forma de ser e estar no mundo, ou seja, das atitudes que aproximam de Deus e as que o afastam. Portanto para muitos não há um abandono dos elementos que antes faziam parte do seu cotidiano, mas

sim uma re-significação. A música, por exemplo, se revelou um dos elementos constitutivos do grupo e é incorporada em toda sua dimensão, mas adaptada ao fervor religioso, pois contempla letras que falam do amor de Deus e ao próximo.

Uma vez efetivamente inseridos no grupo religioso, é quase impossível fugir a imposição de modelos e regras de comportamento que passam a ordenar a percepção e o modo de agir no mundo social. Disposições estas, duráveis, pois, mesmo afastados do grupo, os jovens demonstram continuar agindo e pensando de acordo com o processo de socialização vivenciado na experiência de adesão ao grupo. Portanto, mesmo que vivenciem novas experiências para além do grupo religioso, elas são vividas até um determinado limite, pois muitas vezes sentem-se impedidos devido à consciência do “pecado” que agora trazem em si, delimitando suas possibilidades de escolha e atuação em universo social mais amplo.

Em virtude de ser um grupo evangélico seria esperado que o núcleo doutrinário fosse forte, isto é, acompanhasse a rigorosa moral típica do tronco protestante quanto às exigências e convicções a serem pregadas, defendidas e exigidas como comportamento de fato a ser assumido por seus membros. Mas o neopentecostalismo, no qual se inscreve essa comunidade, é marcado, em certos aspectos, por um “afrouxamento” na ênfase que pode ser dada a questão do rigor ascético. Isto ocorre, não porque exista uma suposta “releitura” das orientações bíblicas quanto à conduta cristã, não se trata de uma revisão, mas de uma aparente tolerância, por um lado, e de uma contextualização histórica, por outro. Em outras palavras, a SC precisa se preservar como um núcleo de captação de jovens, identificados com um estilo ousado de ser, aliados à música e aos esportes radicais, à moda surf, acostumados com um certo exercício da sexualidade com seus pares, iniciados na coisa do “ficar”, do namoro sem compromisso, fatores que merecem considerações especiais. Na recepção e na pregação existe, como não poderia deixar de ser, uma referência direta aos sermões doutrinários gerais da fé e a moral cristã, enfocando as perdas e, paralelamente, os ganhos obtidos com o exercício de condutas aprovadas, consideradas positivas e meritórias para o crescimento do membro. Se por um lado a moral rigorosa é aprovada, por outro, acredita-se que ela se constrói ao longo da caminhada cristã e, portanto, não ocorre de um momento para outro. Não se trata de uma doutrina permissiva, mas decorre do princípio da aceitação das pessoas tais como elas são como ponto de partida. Desta forma, toda mudança que se espera com a conversão, como o abandono dos vícios de todos os tipos

que fazem de uma pessoa um “pecador”, deve acontecer na construção da relação íntima entre *o indivíduo e Deus*, ou seja, a partir de uma *experiência pessoal*. Este é o ponto que consideram como um “ato de fé”, ou seja, a liberdade do praticante em se fazer “conhecido” e “conhecedor” da vontade do Deus da Bíblia dos protestantes.

Por este motivo, diferente de outras igrejas, mais tradicionais e conservadoras, as principais marcas da “mudança” dos jovens que se “convertem”, reside na identificação destes com este novo modo de ser e pensar, um modo que não transparece no estilo, numa forma de se diferenciar da cultura dominante, ou seja, de um “modelo” que, supostamente, seria esperado de um evangélico. Assim, as marcas de sua distinção não são exteriores, mas subjetivas. Esta subjetividade está presente em suas falas ao se sentirem “diferentes” nos meios sociais em que transitam, configurando um *habitus* religioso de feito conservador na esfera das relações sociais.

No grupo religioso estes jovens encontram um espaço integrador, caracterizado por uma rede de relações de sociabilidade e solidariedade, fornecendo-lhes não apenas segurança para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo, mas também papéis, modos de condutas claramente definidos que contribuem para a socialização ao construírem um modelo de identificação.

Obviamente que as ambigüidades decorrentes do processo de socialização transparecem em vários momentos, mas gostaríamos de pontuar uma que de certa forma nos chamou a atenção. Um dos objetivos propostos pela igreja reside no apoio aos jovens para uma ação voltada para a construção de seu projeto de vida, mediado principalmente pelo estudo e a inserção no mercado de trabalho, o que lhes possibilitaria a construção de uma família. Mas, ao mesmo tempo, esse impulso é, de certa forma, freado, devido às próprias expectativas individuais que nem sempre correspondem à realidade sistêmica.

Ao verem limitadas suas possibilidades de escolhas no mundo atual, muitos jovens voltam-se para o próprio grupo, revelando uma “vocação” para a vida religiosa e passam a desenvolver certos trabalhos no interior da igreja, remuneradas ou não. De certa forma essa estratégia surge como alternativa que lhe confere o reconhecimento por parte dos outros, adiando muitas vezes seu desejo de ingresso no mercado de trabalho e outras esferas da vida adulta, sobretudo para os jovens rapazes, que passam a ambicionar uma carreira propriamente religiosa, diante das inúmeras dificuldades impostas pela sociedade atual.

Finalizando, ainda que tenhamos consciência de nossas limitações no âmbito desta pesquisa, acreditamos que os dados aqui apresentados não têm a pretensão de serem definitivos, mas uma referência para avançarmos em novas questões, aprofundando o debate sobre a reflexão crítica acerca da sociabilidade do jovem evangélico, no contexto das suas vivências religiosas.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização da juventude no Brasil. In: *Juventude e contemporaneidade*. In: *Juventude e Contemporaneidade*. São Paulo. ANPED, *Revista Brasileira de Educação*, nº. 5-6, 1997.
- _____. *Cenas Juvenis*. São Paulo: Scrita, 1994.
- ABRAMO, Helena Wendel; FREITAS, Maria Virgínia e SPÓSITO, Marília Pontes (Orgs). *Juventude em Debate*. São Paulo: Cortez, 2000.
- ANTONIAZZI, Alberto e outros. *Nem anjos, nem demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- ARILHA, M., CALAZANS, G. *Sexualidade na adolescência*. In: BERQUÓ, E. (Org.) *Jovens acontecendo nas trilhas das políticas públicas*. Brasília: CNPq, 1998.
- ATTIAS-DONFUT, Claudine. Jeunesse et conjugaison dès temps. *Sociologie et Sociétés*, volume XXVIII, nº 01, Montreal, 1996.
- BAPTISTA, Selma. *Glossolalia: O sentido da desordem*. Campinas: Unicamp, 1989.
- BASTIDE, Roger. *Arte e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.
- BERGER, Peter e BERGER, Brigitte. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- BERGER, Peter & BERGER, Brigitte. (1978). O que é uma instituição social in: FORACCHI, MM & MARTINS, J, S. *Sociologia e sociedade: Leituras de introdução à sociologia*. Rio/São Paulo. Livros Técnicos Científicos, 1978.
- BERNARDI, Bernardo. *Introdução aos estudos etno-antropológicos*. São Paulo: Martins Fontes, 1974.
- BOGDAN, Roberto C. E BIKLEN, Sari Knoop. *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora, 1994.
- BONNEWITZ, Patrice. *Primeiras lições sobre sociologia em P. Bourdieu*. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- _____. A “juventude” é apenas uma palavra. In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.
- _____. *A produção da crença: contribuições para uma economia dos bens simbólicos*. São Paulo: Zouk Editora, 2002.

- _____. In: ORTIZ, Renato. (org.). *Textos de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1994.
- _____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- _____. A fertilidade da produção sociológica de Bourdieu para as ciências sociais e educação. In: ROSA, D. E. G. e SOUZA, V.C. (orgs.). *Didática e prática de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos*. Rio de Janeiro: DP& A, 2002.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira. *Católicos, protestantes e espíritas*. São Paulo, 1974.
- CAMPICHE, Roland J. *Cultures jeunes et religions en Europe*. Paris: CERF, 1997.
- CARDOSO, Ruth e Sampaio, Helena. *Bibliografia sobre a juventude*. São Paulo: EDUSP, 1995.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude: as identidades são múltiplas. *Movimento da Revista da Faculdade de Educação da UFF*. Niterói DP&A Editora, nº. 01, maio de 2000.
- _____. *Angra de tantos reis: as práticas educativas e jovens tra(n)çados da cidade*. Niterói: Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação/Universidade Federal Fluminense, Tese de doutorado, Sulina, 1997.
- CARVALHO, Marília Pinto de. *No coração da sala de aula: Gênero e trabalho docente nas séries iniciais*. São Paulo: Xamã, 1999.
- _____. *Gênero e política educacional em tempos de incerteza*. In: HIPÓLITO, Álvaro M. E GONDIN, Luís A. (orgs.). *Educação em tempos de incerteza*. Belo Horizonte: Autênciã, 2000.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, Mary Garcia. *Pesquisas da UNESCO sobre juventude no Brasil*. Brasil: UNESCO, 2003.
- CHIESI, Antônio e Martinelli, Alberto. O trabalho como escolha e oportunidade. In: PERALVA, Angelina Teixeira e SPOSITO, Marília Pontes (Orgs.). *Revista Brasileira de Educação*. Número especial: Juventude e Contemporaneidade. Maio/Jun/Jul/Ago de 1997, nº 05 e Set/Nov/Dez de 1997, nº06.
- COELHO, Teixeira. *Dicionário crítico de política e cultura*. 2ª ed. São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 1999.
- COHEN, Abner. *O homem bidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

- CORTEN, André. *Os Pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- DUBET, François. *La Galère: jeunes en survie*. Paris: Fayard, 1987.
- _____. *Sociologie de l'expérience*. Paris: Editions du Seuil, 1994.
- DURAND, Olga Celestina da. *Jovens da Ilha de Santa Catarina: Socialização, sociabilidade*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo – USP, 2000.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.
- EDWARD, José. *A força do Senhor*. Veja, ano 35, nº 26, 03 de julho de 2002.
- EINSENSTADT, S. N. *De geração a geração*. São Paulo, Perspectiva, 1976.
- FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.
- FRESTON, Paul. Dilemas de Naturalização do Protestantismo Étnico: a Igreja Luterana no Brasil. In: *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis, v. 16, n. 24, 1998.
- FRESTON, Paul. *Protestantismo e democracia no Brasil*. Lusotopie: v. 1999, nº 01, 1999.
- FRY, Peter e outros. Duas respostas à aflição: Umbanda e Pentecostalismo. *Debate e Crítica*, nº 06. São Paulo: Hucitec, 1975.
- _____. Breve História do Pentecostalismo Brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto; et al. *Nem Anjos nem Demônios: interpretações sociológicas do Pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GALLAND, Olivier. *Sociologie de la Jeunesse*. Paris: Armand-Colin: Paris, 1997.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GOLDSTEIN, Donna M. Por que os homens não envelhecem? Violência, morte, conversão e a vida cotidiana nas Favelas do Rio de Janeiro. In: DEBERT, Guitta G. GOLDSTEIN (orgs.). *Políticas do corpo e o curso da vida*. Rio de Janeiro: Sumaré, s/d.
- GOMES, Wilson. Nem Anjos nem Demônios. In: ANTONIAZZI, Alberto; et al. *Nem Anjos nem Demônios: interpretações sociológicas do Pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- HELLER, A. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da Religião? *Religião e Sociedade*, v. 18, n.1, 1997.

- HOBBSAWN, E. *Era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LAGREE, Jean-Charles Lagree. De la sociologie de la jeunesse a la sociologie des generations. *Sociologie et Sociétés*, volume XXVIII, nº 01, Montreal, 1996.
- LIBÂNEO, João Batista. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e Pentecostais* : adesão religiosa na esfera familiar. São Paulo: Autores Associados / ANPOCS, 1996.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostalismo: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.
- MARIZ, Cecília Loreto. Secularização e dessecularização: comentários a um texto de Peter Berger. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, nº 21, abril de 2001.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. *Mídia e poder simbólico*. São Paulo: Paulus, 2003.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. Repensando a história da Igreja: Gênero, uma possibilidade de análise. In: *Interfaces do sagrado – Em véspera de Milênio*, nº 01, jun, São Paulo: CRE/PUC, 1996.
- MAUSS, Marcel. A Prece. In: _____. *Ensaio de Sociologia*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: *Juventude e contemporaneidade*. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: ANPED, nº 5 e 6, 1997.
- _____. *Il gioco dell'io: Il cambiamento i sé in una società globale*. Milão, Saggi/Feltrinelli, 1991.
- _____. *L'invenzione del presente*. Bologna, Il Mulino 1991.
- MENDONÇA, A. G. e VELASQUES, F. P. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.
- MORAES, José Geraldo Vinci de. *Caminhos das civilizações*. São Paulo: Ática, 1998.
- NAKAMO, Marilena. *Jovens: vida associativa e subjetividade – um estudo dos jovens do Jardim Oratório*. Dissertação de Mestrado. FEUSP. USP. São Paulo, 1995.
- NICHOLSON, Linda. *Interpretando o gênero*. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 08, nº 02, 2000.
- NOVAES, Regina R. Religião e política: sincretismos entre alunos de Ciências Sociais. Em *A dança dos sincretismos*. Rio de Janeiro, Comunicações do Iser, n. 45, ano 13, 1994.

- _____. Os jovens “sem religião”; ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. Notas preliminares. *Estudos Avançados*, vol. 18, nº 52, São Paulo: dez, 2004.
- _____. Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvenção da política. In: ABRAMO, Helena Wendel; FREITAS, Maria Virgínia e SPÓSITO, Marília Pontes (Orgs.). *Juventude em Debate*. São Paulo, Cortez, 2000.
- PAIS, J. Machado. *Culturas Juvenis*. Lisboa. Imprensa Nacional Casa da Moeda. Portugal, 1996.
- OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. A Renovação Carismática Católica - notas de pesquisa. In: *Cadernos do ISEER*, Rio de Janeiro, n. 6, 1977.
- ORO, Ari Pedro. Neopentecostais e Afro-brasileiros : quem vencerá esta guerra? *Debates do NER*, v. 1, n. 1, 1997.
- _____. O Espírito Santo e o Pentecostalismo. In: HACKMANN, Geraldo Luiz Borges (org.). *O Espírito Santo e a Teologia Hoje*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- PAIS, José Machado. Traços e riscos de vida. *Uma abordagem qualitativa de modos de vida juvenis*. Porto: Âmbar, 2000.
- _____. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.
- _____. A geração yô-yô. Instituto de Ciências da Universidade de Lisboa, s/d.
- PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. Juventude e Contemporaneidade. São Paulo. ANPED, *Revista Brasileira de Educação*/n.º. 5-6, 1997
- _____. PERALVA A., SPOSITO, M. (orgs.). Juventude e contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*. ANPED. São Paulo, n. 5/6, 1997.
- PIERUCCI, Antônio Flávio e PRANDI, José Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- 1996.
- _____. Secularização em Max Weber: Da contemporânea serventia de voltarmos a acessar “...aquele velho sentido”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 13, nº 37: São Paulo: jun, 1998.
- PRANDI, Reginaldo. *Um sopro do espírito*. São Paulo: Edusp/FAPESP, 1997.
- QUEIROZ, M.I.P. *Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”*. In: SIMSON, O. M. von. (org.). Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil). São Paulo.
- ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985.

- _____. *O que é pentecostalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- SANTOS, Aureo Bispo dos. Pentecostalização do Protestantismo Histórico. In: *Cadernos do ISER*, Rio de Janeiro, n. 6, 1977.
- SANTOS, Valdevino R. dos Santos. Tempos de exaltação: um estudo sobre a música e a glossolalia na igreja do Evangelho Quadrangular. São Paulo: Annablumme, 2002.
- SCIOLLA, Loredanna. La difficile “liberta di essere”. Apresentado no colóquio em homenagem a Alberto Melucci, Milão, outubro de 2002.
- SCOTT, Joan. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. Educação e realidade, Porto Alegre, v. 20, nº 02, jul/dez, 1995.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 28, nº 01, jan/jun, 2002.
- _____. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, nº 20, mai/jun/jul/ago de 2002.
- SIMMEL, Georg. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal, In: George Simmel: *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- SOUZA, Beatriz Muniz. *Uma experiência de salvação: Pentecostais em São Paulo*, 1969.
- SPOSITO, Marília Pontes. Estudo sobre juventude e Educação. In: Juventude e Contemporaneidade. São Paulo. ANPED, *Revista Brasileira de Educação*. N.º. 5-6, 1997.
- _____. *Exclusão, Violência Coletiva, Jovens e Educação. Dimensões do Conflito na cidade*. Trabalho apresentado no XI Congresso Internacional de Ciência Antropológica e Etnológica. México, mimeo, 1993.
- _____. A Sociabilidade Juvenil e a rua: Novos Conflitos e Ação Coletiva na Cidade. São Paulo Tempo Social. *Revista de sociologia da USP*. V. 5:1-2, 1994.
- _____. (1999). Educação e Juventude. Belo Horizonte. *Educação e Revista*. FEA/UFMG. N.º. 29, 1999.
- _____. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. *Revista Brasileira de Educação* (13), 2000.
- _____. Considerações em torno do conceito de juventude na área de Educação. In: SPOSITO, Marília Pontes (coord.). *Estado e conhecimento da juventude*. Brasília: INEP
- _____. Violência Coletiva, Jovens e Educação: dimensões do conflito social na cidade. In: *Cadernos ANPED*. Caxambu, setembro de 1993.

TREVISAN, Cláudia. Diferenças entre os Evangélicos. *Folha de S. Paulo*. Folha da Manhã. São Paulo, 17/09/1995.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais – A pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1992.

TURNER, Victor. *O processo ritual*. Petrópolis, 17/09/1995.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

VENTURI, Gustavo e ABRAMO, Helena. Juventude, Política e Cultura. *Teoria e Debate*, nº 45, ju/ago/set 2000.

VIANNA, Hermano. *Galerias Cariocas: Territórios de Conflito e amostras Musicais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, edição de texto, apresentação, glossário, correspondência vocabular e índice remissivo Antonio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 13, nº 37, 1998.

_____. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

_____. Rejeições religiosas do mundo e suas direções. In: *Os Pensadores*. Textos selecionados Max Weber; seleção de Maurício Tratemberg; traduções de Maurício Tratemberg. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

EXTRAS:DOCUMENTAÇÃO DA IGREJA: ata de fundação, reportagens de jornais etc.

